

# **REVIVER O VIVIDO**

**Jorge Adoum**

Ao

Dr. José R. Saadi  
Guayaquil

Prezado Amigo

Numa de suas cartas, o Amigo disse que minhas obras são frutos deliciosos para o espírito; e eu, imitando a árvore, tenho uma alegria íntima e um prazer espiritual em dedicar este novo fruto de minha maneira de sentir – *Reviver o vivido* – a seu sublime espírito.

Aceite, querido Amigo, pois então serei eu o agradecido em espírito e em verdade.

Jorge E. Adoum

## SUMÁRIO

Prólogo

A Rocha da Vingança e do Amor

Um Relâmpago na Noite

História de “O Livro sem Título de um Autor sem Nome”

O Processo Contra o Burro

O Médico dos Mortos

A Tragédia Heróica

## PRÓLOGO

Se quiséssemos colocar a obra do Dr. Jorge Adoum no velho e costumeiro fichário literário, teríamos que dispor cada um dos seus livros numa seção à parte. E não se trata do escritor que começa e procura encontrar seu lugar adequado; trata-se, isto sim, do desejo de chegar a todos os indivíduos do público leitor, heterogêneo e amorfo. Ele escreveu o ensaio lírico-filosófico *Poderes*, a obra profunda *As chaves do reino*, *A sarça de Horeb*, e depois o apaixonado romance *Adonai*, além de estudos histórico-sociológicos em *O povo de mil e uma noites*. Sempre aparecem, porém, duas características inconfundíveis, aquilo que forma o denominador comum da sua personalidade: a finalidade traçada de antemão, o desejo de que a obra não seja apenas uma fuga da realidade ou um ensaio de “a arte pela arte”, mas que tenha uma projeção para o real, um objetivo a cumprir, uma utilidade – pragmatismo que raras vezes tem resultado – ao mesmo tempo que um prazer. Desta maneira, vemos o aspecto apostólico em todos os personagens de suas obras e a voz evangélica, meio Bíblia e meio Breviário em partes iguais, ressoando como um eco em cada uma das grutas que o autor intencionalmente construiu. A segunda característica de sua produção reside no fato de que ela se amolda à realidade, ao mundo em que ele viveu, ao ambiente que o cercava e exercia influência sobre ele. Sua obra sempre nos deu a sensação de autobiografia. Sempre recordou o passado. Com ele sempre tivemos que voltar o olhar, e alguns encontraram as próprias pegadas no caminho que ele descrevia. E agora, com uma nova obra, *Reviver o vivido*, sob a forma de contos, as duas características constantes não desaparecem, mas confirmam sua posição de homem vivido, cujos projetos conhecem a terra de todas as margens de rios; e sua posição de homem que, após uma experiência vivida pessoalmente, coloca-a em palavras para ser assimilada por outro. Desta vez ele procurou o relato curto e variado. Esta variação obedece também ao desejo de satisfazer a todos que o lerem. Não é senão a aplicação, em um só volume, daquilo que demonstrou através de toda a sua obra. São contos que, às vezes, numa referência ao autor Ricardo Ariel, encontram sua explicação na poderosa imaginação oriental. É um relato intricado como uma selva ainda não explorada, emaranhada pela imaginação, mesmo quando se nos apresenta com todos os caracteres da história individual do que aconteceu “faz tempo e muito remotamente”. Mesmo quando alguns deles têm os nomes dos seus verdadeiros protagonistas, mesmo quando – não podemos negá-lo – haja algo de autobiografia, todos têm um mesmo sabor de lenda, todos

contêm a mesma expectativa do extraordinário que a expressão “Era uma vez...” fazia ressoar no cérebro infantil. Todavia, apesar da variedade dos temas e da técnica do relato, perpassando a gama infinita da tradição histórica até a fábula, do inverossímil ao bíblico, de ensino tendente à superação ética do indivíduo. Mormente nos fragmentos de uma obra inédita de sua autoria, intitulada *O livro sem título de um autor sem nome*, que aparecem intercalados no relato.

Nesta obra, encontramos a mais serena e profunda meditação sobre o homem, vista sob diversos ângulos. Essa compreensão do destino humano, da obra que é chamado a realizar, esse conhecimento que já havia evidenciado em todas as suas obras, nada é esquecido por Jorge E. Adoum, nem mesmo no relato que, às vezes, e muito equivocadamente, dá-nos a sensação de descanso ou de abandono. E este sinal sempre evangélico, que evidentemente age em demérito do valor puramente artístico, quando se encara a arte como luxo do diletante ou do esnobe, faz-nos supor, pelo menos, que dará seus frutos, enquanto houver ouvidos que ouçam e olhos que vejam. Quando todos estamos empenhados na transformação humana, quando queremos, por diferentes meios, que se reparem os danos causados por interpretações distorcidas da civilização, quando lamentamos na própria carne os desvios individuais ou coletivos, que importa uma descensão ou declive no exclusivamente estético, no extraordinariamente original, se o que o mundo necessita não é propriamente uma diversão a mais, um meio a mais de distração e esquecimento, um veículo de evasão ou de fuga do mundo, mas uma seta que assinale os erros e uma mão que providencie remédio para os doentes? Que importa que não haja ourives da imaginação, fantásticos construtores de paraísos, nem paisagistas da realidade humana, quando surgem em seu lugar o observador analítico de um laboratório humano e o transformador – político, religioso ou médico – que faz de toda idéia e palavra arma e instrumento para realizar aquilo que constitui a missão de todo ser que pensa, que poucos, pouquíssimos, souberam compreender que esse era seu destino e sua missão?

Ao concluir a leitura de *Reviver o vivido*, fica-nos um sabor amargo na alma. É todo o sal humano acumulado, o mesmo que sentimos todos os dias em nossos lábios, e era preciso que o encontrássemos em algumas linhas impressas para podemos meditar, ainda que por um momento, na forma e dimensão do mundo que gira sob nossos pés. Porém, fica também – e esse é o valor das obras construtivas – a esperança de que algum dia a condição humana possa mudar, e mudará. Fica a certeza de que a única coisa que fazia falta era a vontade. Não a vontade de sofrer dos decadentistas nem a dos mártires envoltos em cilícios. Não mais a vontade de dominar

e acorrentar cervizes e consciências. É somente a vontade de sanar, de destruir para construir, de construir sobre o construído, de cortar e mutilar o que está estragado ... Nada mais que a vontade, que é tão difícil de ser encontrada, como a solução de um enigma.

Esta nova obra, que segue o mesmo caminho rumo à luz, tem o valor de nos ensinar o conteúdo da humanidade que não descobrimos nos Evangelhos. Talvez seja porque vimos mais de perto a utilização que se fazia deles. Talvez porque aqueles que deviam nos ensinar negassem com as mãos o que diziam com os lábios. Ou talvez porque nos parecesse afetado. Ou porque o fosse demasiado divino...

Sem nenhuma pretensão, e quem sabe ignorando-os, esta obra os tornou humanos. Tão humanos que o compreendemos e sentimos.

**J. E. Adoum (h )**

## A ROCHA DA VINGANÇA E DO AMOR

Eram três da madrugada em Abu el Asal, um oásis no deserto da Arábia, quando o guia beduíno me acordou.

- Cidi (senhor), já está na hora de começar a caminhada.

Acordei com muita preguiça, como se não tivesse dormido. O corpo exigia repouso, mas o dever me chamava a cumprir essa missão secreta em Maã, cidade-estação que se encontra a meio caminho da estrada de ferro entre Damasco e Medina.

Tive que vestir-me, bocejando sem parar. É a maldita guerra que exige de nós todos os sacrifícios, para preparar uma emboscada que aniquile totalmente nossos irmãos, em virtude da guerra chamados de “inimigos”.

Sim, era a guerra de 1918. Naquele tempo, eu era árabe e os meus inimigos eram os turcos.

De novo bocejei ainda com mais vigor, quando me ajeitei nos arreios de meu camelo.

O nobre animal levantou-se sobre as patas traseiras com tanta rapidez que me teria jogado a uns metros de distância, se o meu instinto de conservação não me tivesse levado a agarrar-me com firmeza na madeira dianteira da sela. Contudo, naquele momento, experimentei uma dor intensa em certo lugar de meu corpo, da qual, por vergonha, não falei ao beduíno. Tampouco agora tenho o desejo de falar sobre ela.

Meu guia ia a pé.

A lua, vermelha, talvez envergonhada com a barbárie humana, ocultara-se atrás do horizonte das areias do deserto para não contemplar aquele feroz animal chamado racional.

Encetamos a viagem. O guia ia atrás, agarrando à cauda do camelo, a fim de apressá-lo e com a intenção de poupar energias ao ser puxado pelo animal.

Depois de caminharmos uma hora, o beduíno disse:

- Cidi, o Sol de hoje vai lançar verdadeiras flechas e agulha.

- Como é que você sabe? – perguntei.

- Por esta fresca aragem – respondeu.

O árabe do deserto é o melhor astrônomo do mundo: para ele, cada estrela é uma bússola. É muito mais entendido sobre o seu deserto e sobre o seu camelo, do que um capitão de navio no mar.

Seus olhos de águia vêem as coisas muito mais nítidas do que através dos melhores binóculos; seu olfato distingue o cheiro de sua tribo a uma distância fantástica, enquanto que seu ouvido percebe o sussurro de uma erva ou de uma flor.

Ainda hoje, o árabe nômade continua sendo o verdadeiro filho da natureza, compreende os mistérios da imensidão e sabe gozar e sofrer as dádivas e as privações da amplidão infinita.

O árabe do deserto é nobre, generoso, hospitaleiro e, por acréscimo, um filósofo nato e autêntico.

Nunca manifesta cansaço, nunca se queixa de sua sorte; vive sempre feliz naquele espaço ilimitado onde o Sol queima continuamente.

A tristeza contínua do deserto, sua aridez, suas noites monótonas e intermináveis dias calorentos, sua temperatura invariável em todas as estações do ano, suas tempestades de areia, seus ventos de simum e todas as suas calamidades retrocedem a fogem diante da natureza férrea daquele nômade.

Parece que, desde os primórdios dos séculos, a mãe natureza desconheceu e abandonou o seu filho, o deserto, mas outorgou a seu neto, o nômade, todos os seus dons e todo o seu poder.

O nômade não vive do cultivo da terra. Alimenta-se de leite e carne. Toma água pura e cristalina. Ele desconhece o álcool. Tece suas roupas com suas próprias mãos, usando para isso a lã de suas ovelhas, e constrói sua tenda com o mesmo tecido.

Obedece apenas à sua própria intuição. Desde pequeno, dedica-se à arte de brandir a espada e manejar o rifle e de cuidar dos rebanhos. Com uma maestria surpreendente chega a atirar, com a mão uma pedra que atravessa o espaço, silvando como as da funda de Davi, par ir atingir infalivelmente o alvo. Esta destreza ele adquiriu em sua prática de pastor, e aquela pedra lançada a tamanha distância poupa-lhe o incômodo de correr atrás de uma ovelha desgarrada.

Aos quinze anos já se apaixonou, é poeta, bom ginete e guerreiro experimentado.

Os oásis no deserto são como as ilhas em alto-mar. As tribos vivem naquelas ilhas do deserto, mas continuamente viajam e mudam-se com suas tendas e rebanhos, deslocando-se de um oásis a outro em busca de pastagens.

\* \* \*

O sol, aquele carinhoso e bondoso pai de todo ser vivo, ergue-se no deserto como um inimigo mais feroz e vingativo. O sol, o ser mais leal, aparece no deserto como o mais cínico e mentiroso, será por que o homem falso e finito, diante da imensidão, torna-se inconsciente frente ao poder cósmico? Ou será a vanglória da mente que se descobre diante da verdade nua?

- Ahmed, hoje o Sol “nasce” no Ocidente? – perguntei.



- Não Cidi... O sedutor facilmente se engana – respondeu-me, com um sorriso nos lábios.

Francamente, essa resposta me feriu, mas tive de morder a língua por um momento a fim de não magoar meu guia; não porque o temesse, mas por temor ao deserto.

Passado um momento, aparentando bondade, perguntei-lhe:

- Ahmed, você nunca enganou ninguém?

Impetuosamente, e antes que eu concluísse minha pergunta, retrucou:

- Não, por Alá!

- Não feriu nem matou a ninguém?

-A muitos, Cidi – replicou-me – mas eu sempre prevenia de muito longe o inimigo, gritando-lhe: “Entregue-se ou defenda-se!”

Novamente a réplica provocou uma descarga em meu sistema nervoso como quem recebe um tremendo susto. Estaria aquele filho do deserto lendo os meus pensamentos? Teria ele suspeitado que eu iria armar uma emboscada ao inimigo? Não. O remorso de minha consciência era quem aplicava uma agulhada a cada palavra do meu companheiro.

Intuitivamente, o nômade representava o papel da minha consciência.

Ambos nos calamos: eu continuava meditando no valor daquele homem que, antes da luta, previne o seu inimigo, ao passo que nós, os civilizados, chamamos essa gente de “selvagens”.

Depois de andar um longo trecho, quis quebrar a monotonia do deserto e perguntei ao meu companheiro:

- Ahmed, qual será nossa próxima parada?

- Cidi, quando o Sol chegar ao zênite, estaremos à sombra da Rocha da Vingança e do Amor.

O nome daquela paragem me impressionou profundamente e lhe perguntei:

- Será que é um oásis fértil?

- Não, Cidi, é o oásis da Vingança e do Amor, embora nele corra um fio d’água.

- Deve haver uma história.

- Sim, e por sinal muito dolorosa.

- Pode contá-la a mim?

- Agora não, porque a lembrança me aniquilaria as forças e depois não poderia andar; mas quando chegarmos à sombra daquele rochedo contar-lhe-ei uma história de amor mais ardente que os raios deste Sol.

\* \* \*

Até hoje não compreendo como pudemos nos livrar daquele inferno.

As areias ferviam, os raios do Sol pareciam combustível para o deserto infernal, o mar imenso abrasava. Apesar da ausência da água e dos alimentos, naquele mar de fogo só vive o Yarbuh, animal pequeno que se assemelha ao rato.

A uma distância incalculável, o viandante contempla um mar de água azul e límpida. É a miragem. Uma nova tortura proporcionada pela visão para uma boca sedenta e uma língua seca. Aqueles incrédulos que não acreditam no suplício de Tântalo deveriam viajar somente um dia pelo deserto, para que se convertessem nos mais ferrenhos crentes desse mito.

Como o homem rico do Evangelho que solicitava a Abraão uma gota d'água para molhar a ponta da língua, eu pedia a Ahmed que me cedesse uma gota d'água do odre que o camelo carregava; mas, quando molhei meus lábios e língua, tive de cuspir a água, porque estava quente. Além de quente, cheirava a couro estragado e era salgada, o que fez a sede exacerbar-se.

Tratava de respirar pelo nariz ou pela boca e por ambos os condutos aspirar fogo.

Até Ahmed, o filho do deserto, o homem férreo, começou a soltar certos roncões que se pareciam com os foles de um ferreiro.

- Estamos ainda longe da rocha? – perguntei, já esmorecendo.

- Agora, sim, chegamos.

Eu entendia o que significava a palavra “agora” pronunciada por um beduíno do deserto. “Agora” quer dizer muitos quilômetros mais, e um tempo indeterminado para quem está desesperado.

- Ahmed... o Sol já está no zênite?

- Ainda não, Cidi.

O camelo e Ahmed continuavam sua marcha, mas o Sol parecia que parava para melhor apontar suas flechas contra mim.

Que desespero e que sofrimento!

Depois de cem minutos ou após seis mil lentos e intermináveis segundos e ao contornar uma duna de areia, minha vista tropeçou com uma colina que tinha a forma duma empada cônica e cortada ao meio. Tive que limpar meus olhos várias vezes para certificar-me de que não se tratava duma miragem. Não... era pura realidade! Eram arbustos, era verdor, era sombra e era água. Cólón gritou: “Terra!” E meu coração pulou e exclamou: “Água!”.

Não me lembro se naquele instante chorei ou ri, mas acredito que chorei e ri ao mesmo tempo, tal qual a mãe que reencontra seu filho, depois de muitos anos de ausência.

Não sei como me precipitei de cima da minha montaria, nem como me arrastei até a sombra de uma enorme rocha que parecia incrustada pela mão de Deus no ventre da colina, e naquela sombra me desfiz do meu manto, do lenço de pescoço preso por grosso cordão em minha cabeça e joguei-me ao chão, de boca para cima, em forma de cruz, resfolegando, num suspiro que significava satisfação ou uma ação de graças.

Ahmed conduziu o camelo à sombra; logo aproximou-se do manancial com um recipiente, encheu-o e voltou para junto de mim.

Depois de despejar o conteúdo de um vaso sobre uma pedra que estava perto de mim, entregou-me outro, dizendo:

- Cidi, você tem que tomá-la aos goles; senão lhe fará mal.

Eu não tinha ouvidos para escutar conselhos, peguei o vaso com a mão trêmula e o examinei, mas não tinha mais que um gole.

O prudente nômade sabia o que fazia.

Deu-me o segundo, o terceiro, o quarto, até o décimo. Depois me disse:

- Por enquanto, chega.

Em seguida molhou um trapo e passou a refrescar-me as têmporas e o rosto.

Antes de cinco minutos adormeci e sonhei que estava tomando banho num rio de águas muito claras.

Às duas da tarde, o beduíno me acordou, dizendo:

- Cidi está na hora do almoço.

Acordei com má vontade. A água fresca despertou-me totalmente.

O almoço consistia de leite amanhecido, seco e posto de molho, de bolachas conservadas em boiões, tâmaras e tamarindo em conserva. Não quis abrir nenhum boião de conservas para não aumentar a sede.

- Deixa estar que escapamos de uma boa – disse ao meu companheiro.

- Cidi, o deserto é como Deus: rigoroso, porém bondoso.

- Ahmed, gosto de sua filosofia.

- Senhor, o que é filosofia?

- Filosofia é a maneira de expressar bem o que se sente – respondi-lhe simplesmente, para não entrar em pormenores com uma pessoa ignorante.

Ele ficou pensativo por um instante e logo me jogou esta pergunta:

- Então... o sentimento sem expressão não é filosofia?

Essa pergunta me deixou intrigado. Prontamente ele continuou:

- Faz duas horas que estou diante desta pedra – e apontou para aquela sobre a qual tinha despejado o primeiro vaso d'água – e ela me ditou muitos pensamentos sem falar uma única palavra. Mas, se agora lhe relato com minhas frases o que a pedra me disse com o pensamento, qual dos dois tem filosofia: ela ou eu?

Minha admiração chegava à perplexidade quando ouvi aquela dissertação e, para não ficar calado, disse-lhe:

- Você também é poeta, e gostaria de saber o que essa pedra lhe disse.

- Dê-me um pouco de fumo para encher meu cachimbo – pediu.

Dei-lhe porção dupla.

Encheu o cachimbo, acendeu-o e absorveu a fumaça até encher os pulmões. Em seguida, com uma voz lastimosa e afável, cantou estes versos no idioma expressivo do deserto:

Eram dois: ele, o Sol, e ela, a Lua;  
ansiavam conjunção nesta vida;  
mas a fatalidade, arma homicida,  
impiedosa na tumba os une.  
Eram dois e no amor foram um;  
mas continuaram dois  
porque assim quis Deus.  
Ambos devem viver; senão, nenhum.

Quando o cantor terminou estes versos, soltou um suspiro prolongado, calou-se por um momento, e, em seguida, me contou esta história:

Para o lado do sul e a uma curta distância daqui, encontra-se a tribo de Luam, que conta com cinco mil rifles (5.000 guerreiros, segundo a linguagem dos beduínos); é minha tribo. O emir Hasã, chefe da tribo, tinha uma filha chamada Laila, a mais formosa mulher de todas as mulheres do deserto. Seu pai a adorava. Desde muito criança, Laila manejava o rifle como o melhor guerreiro, e a espada, como um dos mais destacados; seu braço descarregava a lança como um gigante. Quando montava a cavalo, todos achavam que era uma só peça com a montaria. Segundo os poetas árabes, Laila tinha olhos de gazela que fascinavam; uma beleza que encantava; corpo esbelto e elegante, e seus braços túrgidos dominavam o seu contendor. Descrever a beleza e o valor de Laila é profaná-los; porque a beleza, Cidi, é algo abstrato; o filho do deserto apenas a sente.

Comparar um corpo esbelto com uma palmeira ou a cor do rosto com uma maçã, os olhos com os da gazela, a negrura do cabelo com a noite, os seios empinados com as romãs... todas estas comparações são absurdas, inconsistentes e vazias diante da realidade. Cidi, a beleza se sente, mas não se descreve.

Na parte norte e à mesma distância daqui, vive também a tribo Jozha, cujo emir é Nuri, o qual tinha um filho de nome Munir, um perfeito exemplo de juventude, de nobreza e de heroicidade.

Entre as duas tribos reinava uma maldita vingança que datava de muitos anos e cuja origem de ódio e inimizade não pôde ser apagada com o transcurso dos dias e das noites.

Um belo dia, o tecelão dos destinos reuniu por casualidade, como dizemos por aqui, os dois inimigos, filhos de inimigos, netos de inimigos: Laila e Munir, neste mesmo lugar onde estamos sentados, sob esta rocha.

Munir nunca tinha visto Laila anteriormente e acreditou que se tratava de uma huri vinda do céu. Ficou encantado diante de tanta beleza, de tanta graça e de tanta vivacidade. Por sua vez, Laila, desconhecendo seu inimigo admirou em Munir a sua beleza, sua eloquência e sua dignidade.

Sob a sombra desta rocha os dois se cumprimentaram, no início com certo temor da parte de Munir e pudor da parte de Laila. Em seguida passaram a conversar. De quê? Não se sabe porque a linguagem do amor é sempre inspiração do momento e é um absurdo tratar de lembrar tudo o que há de entusiasmo naquele momento.

Depois compartilharam o pão e a comida composta de carne cozida e fria, tâmaras e demais fiambres que os filhos do deserto utilizam. Mas no fim acabaram apaixonando-se loucamente sem que nenhum deles se atrevesse a declarar seu amor ao outro.

Uma vez satisfeitos e contentes, Munir dirigiu esta pergunta a Laila:

- Esta beleza que vejo, pode dizer-me que é?

Sorrindo e mostrando seus dentes semelhantes a um colar de pérolas, Laila respondeu:

- Por que não? Eu sou Laila Luam, filha do emir Hasã. E você, que é?

Munir arregalou os olhos e ficou petrificado em seu lugar, sem poder articular uma palavra.

Laila insistiu:

- Por que não responde?

Ele, refeito de sua perplexidade, disse:

- Seria preferível que ignorasse meu nome.

- Agora, mais que nunca, exijo sabê-lo.

- Você há de se arrepender de sua exigência.

- Isto é mil vezes preferível à dúvida.

- Pois bem, Laila, foi você quem o quis. Eu sou... Munir de Jozha.

Laila levantou-se bruscamente, como quem quer defender-se de uma víbora, e empunhou seu revólver. Munir continuou sentado em seu lugar, mas seus olhos acompanhavam o menor movimento de sua adorada inimiga.

Durante um lapso de tempo entreolharam-se como dois leões que se preparam para a luta.

Finalmente Munir falou:

- Laila compartilhamos e comemos do mesmo pão.

Essas palavras desarmaram a jovem. Uma tristeza infinita se apoderou dela. Jogou-se ao chão, silenciosa, contemplando o horizonte longínquo.

- Laila – continuou o jovem com frases arquejantes – o destino foi muito cruel conosco. Sem você, já não posso viver e, com você, é impossível viver. Tenha pena de mim. Eu sou a criatura mais infeliz do mundo, somos inimigos e não há esperança nem misericórdia para mim. Livre-me, minha amada, de minha tortura, de minha vida. Descarregue seu revólver em meu peito e desta maneira praticará duas boas ações: a primeira, a de matar um de seus inimigos, e a segunda, a de dar-me o descanso eterno. Tenha compaixão de mim.

Ao ouvir estas palavras, Laila tapou a boca com a mão para afogar um gemido semelhante ao queixume duma leoa que retorna à sua guarida e não encontra seu filhote. Ato contínuo, deu um salto e colocou-se diante do jovem, pegou-lhe as duas mãos e falou com dificuldade, como a quem foge a respiração:

- Munir, você me ama?

-Até a morte, Laila.

- Então... morramos os dois.

Dito isto, puxou da arma e a dirigiu contra seu próprio coração; mas o jovem, com a rapidez de um raio, apoderou-se da mão dela. Laila resistia com todas as forças, mas as mãos de Munir a subjugaram como tenazes de ferro. Finalmente, o amante lhe disse:

- Este não foi o trato.

- Prefiro a paralisia de minha mão a disparar contra o seu coração.

- Laila, você me ama?

Ao ouvir aquela pergunta, a jovem não conseguiu resistir mais; largou o revólver e mergulhou num mar de lágrimas.

Diante de uma desgraça, as mulheres choram, os homens, porém, calam-se. Para os homens, a desgraça é como a tempestade do simum: faz as aves silenciarem.

Depois de um largo silêncio, Munir continuou:

- Laila, analisemos a situação. Somos inimigos por tradição, mas nosso amor é mais forte que todas as tradições do mundo. Agora você deve enxugar suas lágrimas e tranquilizar-se para resolver este problema... Vejamos: está disposta a seguir-me onde quer que eu vá?

- Não, Munir, isso é impossível, porque meu ato, além de ser ultrajante, provocaria uma guerra de extermínio entre as duas tribos e meu pai morreria de mágoa e dor.

- Quer que eu me entregue a seu pai, até na qualidade de escravo? Assim, talvez tenha compaixão de mim, quem sabe, façamos as pazes entre as duas tribos...

- Não infeliz! Você sabe muito bem que minha gente é tão vingativa como a sua: não perdoa a vida de nenhum de seus inimigos.

- Então só me resta atacar os seus guerreiros com os meus e, depois de aniquilá-los, raptá-la à força.

- Como você é ingênuo e ignorante! Acaso acredita ser mais forte do que nós? E, na pior das hipóteses, suponhamos que você seja mais forte. Poderia, acaso, passar pela sua cabeça que eu, a princesa Laila, consentiria ser raptada à força para ser sua mulher?

Munir calou-se de novo, procurando dentro de si uma solução satisfatória e, diante da impossibilidade de achá-la, teve de responder:

- Assim sendo, diante de nós temos somente a morte.

- Eu também penso o mesmo... Contudo...

- O quê? – perguntou ele, com tom de esperança.

- Não se iluda muito, para não sofrer uma decepção... Contudo, não devemos precipitar os acontecimentos... Tudo chegará a seu devido tempo... Por enquanto, devemos viver e esperar a sentença fatal do destino.

- Como posso viver sem você?

- À sombra desta rocha podemos nos encontrar duas ou três vezes por semana.

- E seremos um para o outro durante a vida?

- E até a morte – concordou ela com singeleza.

- Você jura?

- Juro.

- Que prova me dará?

- Um tufo de meus cabelos.

- Basta-me, amada de minha vida e de minha morte.

- Para mim, isto não é suficiente.

- Que mais você me pede, então?

- Exijo o pacto de sangue.

O jovem estremeceu de alegria e ficou olhando-a durante um demorado instante. Ela sustentou seu olhar com outro cheio de ansiedade e decisão.

Em seguida, com uma calma aterradora, ele desembainhou sua adaga, agarrou-a com a mão direita e perguntou:

- Em que lado?

Por sua vez, ela havia tomado sua arma, enquanto seus olhos continuavam pregados na criatura adorada e, quando ouviu a pergunta, respondeu com toda a naturalidade, ao mesmo tempo em que descobria seu peito:

- Aqui na região do coração.



E ambos, com a mão firme, feriram-se mutuamente.

O sangue brotou...

Aproximaram-se um do outro.

Com a mão esquerda seguram a roupa, para deixar a carne a descoberto...

Aproximam-se lentamente...

Cada um contempla sua própria ferida...

A respiração dos dois torna-se agitada...

E com lentidão e silêncio colocam ferida sobre ferida.

É o pacto de sangue: vida e morte para ambos...

Assim permaneceram um curto espaço de tempo abraçados, os olhares dos dois se interpenetraram e mergulharam no mais íntimo do espírito.

Em seguida ele falou, com voz entrecortada:

- Selemos o pacto de sangue com um beijo.

E beijaram-se, misturando o hálito, a emoção, a alegria, a dor, a felicidade e a desgraça.

Era um beijo aniquilante, que uniu seus espíritos, suas almas, seus corações e suas vidas. Só não tinha o poder de unir seus corpos.

O pacto de sangue uniu-os na vida e até a morte, mas a honra separava seus corpos..."

\* \* \*

Aqui Ahmed tornou a encher o cachimbo com o resto de fumo. Acendeu-o, absorveu a fumaça e voltou a lançá-la para o ar.

Naquele lapso de tempo, eu me senti como uma criança que escuta um conto de seu pai, o qual repentinamente se cala, deixando sem conclusão o conto, para dizer-lhe: "E agora, vamos dormir".

Também sofria quando, já crescido, lia uma novela folhetinesca e chegava ao final do capítulo para ver estampada alia a fastidiosa palavra "continuará".

O filho do deserto percebeu meu desespero por conhecer o final e começou a brincar com os meus sentimentos como um gato com sua torturada ratazana.

Finalmente, depois de uma pausa, que foi para mim interminável, o historiador prosseguiu com seu relato.

- Cidi, eu considero os dias de felicidade com tâmaras maduras: comemo-las quando temos fome e também por gulodice. “Assim, Munir e Laila esgotaram seus dias por fome e por gulodice. No começo, encontravam-se duas vezes por semana à sombra desta rocha, depois três vezes, a seguir, quatro e, posteriormente, quase todos os dias.

O pacto de sangue fez com que sentissem seu efeito já na vida.

O emir Hasã, pai de Laila, notou uma mudança em sua adorada filha. Às vezes a via alegre e, com sua alegria, distraía também toda a tribo. Mas, em certas ocasiões, a jovem revelava certo abatimento que contagiava todas as pessoas que a rodeavam.

Sem saber a que atribuir aquela mudança repentina de sua filha, certa noite o pai lhe disse:

- Laila, adorada de meu coração, gostaria de te ver casada antes de minha morte.

Diante dessa proposta, Laila tremeu e ficou pálida como um cadáver.

Fitou demoradamente seu pai, em silêncio, mas depois sacudiu os ombros e levantou-se para sair da tenda.

- Que tens, minha filha? Não te agradou minha proposta?

Aquela pergunta cheia de ternura arrancou o sorriso dos adorados lábios de Laila; mas era um sorriso impregnado de uma dor e de uma tristeza que arrancam lágrimas dos olhos mais secos.

Aquela noite, eu estava presente durante a conversa e, ao ver a amada Laila naquele estado, senti que o véu das lágrimas obnubilava minha visão. Esta foi a primeira vez, em minha vida, que senti vontade de chorar, o pai suspirou em silêncio.

Ao ver-nos mergulhados naquela tristeza, a jovem mudou subitamente de atitude e, com todo carinho de sua alma, aproximou-se de mim; e com as polpas dos seus dedos acariciou a maçã de meu rosto, dizendo-me, com um tom mesclado de censura e de ternura:

- Ahmed!

Em seguida se dirigiu a seu pai, beijou-lhe a testa e falou-lhe com aquela voz que só as filhas sabem empregar com seus pais:

- Emir! Já estás desmamado de mim? Ah, maroto! Já sei, já sei...

O emir Hasã abraçou-me forte, enchendo-a de beijos e, entre um e outro, lançava-lhe estas palavras:

- Ah, sua mimada! Confiada! Travessa! Sempre estás ausente! Que fazes em tuas excursões?

Laila gargalhava. Adorava seu pai. Nunca lhe causou desgosto algum; até os caprichos dela eram satisfeitos, com o consentimento do emir.

Quando ouviu a pergunta do pai, respondeu-lhe, também rindo:

- Estava procurando meu noivo.

- É mesmo? E o encontraste?

- Sim.

- É mesmo? Quem é ele?

- Algum dia saberás.

- Por que não agora?

- Porque agora ele está muito distante.

- Estás vendo? Mentirosa!

- Eu não minto.

- Dize-me quem é ele.

- Não!

- Sim!

- Não!

Desta maneira, entre sim e não, pai e filha se beijavam, às vezes gracejavam, com o carinho de um pai viúvo que não quis levar para casa uma madrasta para seus dois filhos: Laila, que na época tinha vinte e dois anos, e Fauaz, com apenas onze, e com o amor de uma filha que encontrou em seu pai a ternura da mãe que perdeu.

Em muitas ocasiões presenciei essas cenas de sim e de não, mas aquela foi a mais terna. Devo avisá-lo, Cidi, que sou primo de Laila; ela me devotava muita estima e às vezes me confidenciava certos segredinhos de sua vida íntima, segredos que não podemos contar a nossos pais.

Munir e Laila voltaram a se encontrar duas vezes por semana, em seguida três, depois quatro e, por último, quase todos os dias.

Às vezes Laila voltava para casa tarde da noite, mas ninguém se atrevia a perguntar de onde vinha nem onde ia. Somente o pai a advertia com estas palavras: ‘cuidado com os Jozha, filhinha; são inimigos terríveis’.

E ela ria, dizendo: ‘Nenhum dos Jozha se atreve sequer a olhar-me’.

Aquela resposta me causava muita admiração, mas também eu estava convencido disso sem saber por quê.

Nas freqüentes reuniões dos dois namorados desenrolavam-se cenas muito variadas. Às vezes reinava a alegria que os fazia esquecer a situação, mas em outras ocasiões apoderava-se deles um silêncio aniquilante.

Ele sentava-se e apoiava as costas nesta pedra. Ela então chegava, beijava-o, colocava-se ao lado dele para apoiar a cabeça no seu peito e assim passavam, silenciosos, várias horas, até o momento da separação.

Então se despediam com outro beijo e cada um montava seu corcel e ia para seu lado. Em que pensavam? Que planos faziam? Só Deus o sabia, mas eles pressentiam a proximidade da desgraça.

E... num sábado fatal, meu tio, o emir Hasã, chamou dois primos seus e a mim para que o acompanhássemos em sua excursão.

Todos armados e montados em nossos cavalos de puro sangue, dirigimo-nos para o norte, antes da aurora. Todos estávamos mal-humorados sem saber o motivo. Raras vezes falávamos. Meu tio notou aquele estado de espírito e repetiu mais de três vezes esta frase: ‘Este dia é mensageiro de desgraças.’

Finalmente surgiu o Sol; para mim não era o Sol de todos os dias, era algo diferente.

Continuávamos andando pelas dunas, cada qual para seu lado. Por fim meu tio falou, quando os raios do Sol começavam a esfuziar:

- Já está na hora de voltar para casa.

Todos obedecemos e juntos empreendemos o retorno.

A mesma melancolia nos perseguia. Pela segunda vez tive vontade de chorar.

Os cavalos seguiam bracejando pelo leito de uma extensa duna. Mais uma pouco de tempo e chegaríamos à planície, e na realidade chegamos, porém”...

Aqui Ahmed calou-se; fechou os olhos, como quem quer lembrar todos os pormenores. Tremendamente aflito como eu estava, não agüentei esperar mais e perguntei:

- Que aconteceu?

O árabe abriu lentamente as pálpebras marejadas de lágrimas, coisa que me comoveu profundamente, e continuou:

“Naquele momento demos casualmente com um ginete jovem e ataviado, que montava um cavalo negro. Ninguém de nós o conhecia. Ao vê-lo, paramos; também ele nos viu e parou.

Empunhando o rifle, o emir Hasã gritou:

-Quem é o ginete?

Com toda a tranqüilidade, como quem não espera nenhuma surpresa desagradável, o jovem respondeu:

- Munir Jozha.

Aquele nome retumbou em nossos ouvidos como um trovão.

Munir Jozha, a presa mais valiosa de todas as nossas vinganças, passadas e futuras.

Munir Jozha ao alcance de nossas balas?

Isso era inacreditável!

- Defenda-se! – trovejou a voz do emir”.

- Como você sabe, Cidi, a palavra ‘defenda-se’, empregada sozinha, significa: “Quero tua vida”.

“Não pude dar-me conta do que aconteceu naquele átimo. Acredito que Íbis veio em socorro do jovem ou ele próprio se converteu num demônio. O certo é que, antes que meu tio acabasse de falar, ele, seus dois primos e meu cavalo achavam-se atravessados pelas balas do inimigo e estendidos no chão; ninguém de nós tinha disparado um só tiro.

Antes de refazer-me da surpresa, achava-me caído na areia, e o inimigo, ao meu lado, ordenando-me:

- Levante-se!

Pus-me de pé...

- Quem são vocês?

Eu, que gaguejava de dor pela morte dos meus e não por medo, indiquei-lhe com a mão, dizendo:

- Este é o emir Hasã Luam... e estes são seus primos, Amin e Foad.

Ao ouvir minhas palavras, o jovem golpeou sua fronte com a mão e externou sua dor com gemidos:

- Maldito seja meu destino!

Deu um pulo e chegou-se aos cadáveres, que passou a examinar, um por um. A morte fora instantânea. Três balas vararam os três crânios, e da fronte de cada um deles minava um filete de sangue, ao passo que do occipital brotava um jorro vermelho.

Convencido de que estavam mortos, virou-se para mim com os olhos e o rosto injetados de sangue. A tristeza cobria-lhe as feições. Fitou-me durante um breve instante e disse:

- Vou atrás dos cavalos. Volto já.

Não me mexi do lugar, pois estava petrificado.

Passados alguns minutos, ele regressou com os cavalos. Carregou os cadáveres sobre dois deles e mandou que eu montasse o terceiro, indagando:

- E você, como se chama?

- Ahmed – respondi-lhe.

- Parente do emir?

- Sobrinho.

- Se o conjuro pelas almas destes mortos, você pode me fazer um favor?

- Qual é?

- Dizer a Laila que o assassino de seu pai lhe manda dizer: 'Sexta-feira'.

- Você conhece Laila?

Encarou-me com cólera e disse:

- Você não deve perguntar nada. Quer levar minha mensagem?

- Prometo-lhe.

- Então, adeus.

Montou seu cavalo e dirigiu-se para a sua tribo.

\* \* \*

A desgraça que transtornou a tribo Luam não conseguiu arrancar uma única lágrima dos olhos da Laila.

Depois do enterro, ela se fechou em sua tenda.

Não comia nem bebia. Eu visitava-a várias vezes durante o dia e a noite. Ela tomava água em abundância como se um fogo a consumisse por dentro.

Todos respeitavam sua dor, não lhe falavam porque ela não queria falar.

Na manhã de quinta-feira, ela pediu o jejum. No almoço comeu algumas tâmaras. Em seguida, convocou à sua presença todos os chefes da tribo para uma reunião durante a noite.

Todos compareceram, e ela falou-lhes com este discurso, com frases entrecortadas, como uma pessoa que se afoga:

- Senhores... morreu meu pai... Meu irmão Fauaz será o chefe... Seu tutor será Ahmed, meu primo... Os que não concordam, podem deixar livremente a tribo... Eu, sozinha, vingarei o sangue de meu pai e de meus tios... Muito depressa serão vingados... E nada mais tenho a dizer. Adeus...

Todos os presentes permaneceram calados, como se o anjo da morte estivesse diante deles. Todos saíram calados da reunião, mas ninguém pensou em abandonar a tribo..."

\* \* \*

Ahmed calou-se, fechando os olhos como que quer visualizar todos os pormenores dos acontecimentos. Quando os abriu, já estavam cheios de lágrimas. Contudo, depois de um suspiro, prosseguiu seu relato:

“Era aurora da sexta-feira. Laila e eu não tínhamos dormido a noite inteira...

Ela me ordenou:

- A cavalo!

A lua iluminava o deserto: era uma manhã clara, porém triste, que anunciava a fatalidade, como as cãs anunciam o duelo com a juventude.

Durante nossa viagem, Laila aspirou fortemente várias vezes para encher de ar os pulmões, e a certa altura me disse:

- Ahmed... o homem sacrifica todos os seus bens para conservar a sua vida; mas tem que sacrificar sua vida para defender a honra. Ahmed, vou contar-lhe a história mais extraordinária

que seus ouvidos podem escutar. Ahmed, eu amo meu pior inimigo, o assassino de meu pai; eu adoro Munir Jozha.

Há muito tempo que o amo e hoje, depois de vingar a honra da tribo, unir-me-ei ao meu amado até a eternidade.

É coisa que você não entende, Ahmed, mas os fatos esclarecerão minhas palavras. Sabe por que o trouxe comigo? Para que assista às minhas núpcias depois da vingança e transmita a notícia com todos os pormenores.

Laila parava de falar para recobrar o ânimo; eu sofria interiormente porque acreditava que a mente da jovem estivesse transtornada em consequência das recentes desgraças e, por isso, dizia despropósitos. Porém, ela continuou:

O amor é um sultão tirano e poderoso; apesar disso, os corações obedecem cegamente a ele, e as almas se prostram diante dele como na presença de Deus. Diante do amor não há razão nem juízo porque, depois de escravizar a mente, porá a seu serviço todos os demais agentes e sentidos do homem: o olhar será seu mensageiro; a contemplação, sua ordem; o pensamento, seu espião e a simpatia, sua atração desalmada; e desta maneira a sombra do ser amado viverá em nossos olhos, sua lembrança em nossa boca e todo ele em nosso coração. Foi isto que aconteceu desde que celebrei o pacto de sangue com meu amado Munir.

Eu, sem poder conte-me por mais tempo, compreendi então e gritei:

- O pacto de sangue!!!

- Sim, e até a morte – respondeu.

Então ela me contou todo o plano...

\* \* \*

Era dia bem claro quando aqui chegamos. O príncipe Munir nos aguardava tranqüilo à sombra desta rocha; quando nos viu, aproximou-se de Laila que, ao invés de apertar, atirou-se em seus braços.

Ela, ao contrário de todo costume beduíno, abraçou-o e beijou-lhe a boca desesperadamente.

Eu contemplava essa cena, perplexo e mudo.

Carregando Laila em seus braços, Munir a levou até a pedra que jaz diante de nós e aqui a fez sentar-se com delicadeza e cuidado.

Ninguém falou uma única palavra. Seus beijos constituíram toda a sua expressão.



Em seguida, ouvi o jovem dizer:

- Laila... eu não o conhecia, ele me pediu a vida e tive que defendê-la.

- Você fez muito bem, meu amado – falou Laila. – Sua vida me pertence, e tampouco a meu pai eu a teria cedido.

Ele a beijou e ambos ficaram em silêncio.

Em seguida, ele me chamou.

Ahmed, quer aceitar esta espada como lembrança minha?

Aproximei-me realmente impressionado, peguei a arma que me oferecia e só tive uma frase de agradecimento:

- Maldito destino!

Logo me sentei em frente dos dois namorados, enquanto ele perguntava a Laila:

- Amor, já está na hora?

- Quando você ordenar, meu amo e senhor.

Então ele descobriu o peito e disse:

- Vamos, Laila, que a viagem deve ser demorada. Aqui meu amor; este é o lado do coração.

Em seguida, com um sorriso de satisfação, continuou:

- Está lembrada, Laila?

- Sim, meu adorado – respondeu Laila, encostando o punhal no peito dele.

Quero pedir-lhe um favor, Laila: quando minha língua se atar e já não possa mais falar-lhe, fite-me nos olhos e eles lhe repetirão sempre: ‘Amo-a, amo-a’.

Ao ouvir isto, Laila mordeu seu braço esquerdo para afogar o grito.

Eu também tive que tapar a boca com a mão para silenciar o meu grito.

Depois ouvi Munir ordenar:

- Já! Que está esperando?

E a faca afundou até o cabo no peito do príncipe.

Ele continuava sorrindo, sem nenhum sinal de dor...

O sangue começou a minar da ferida.

Pôde ainda falar e disse: 'Beije-me'.

Laila então, como o melhor cirurgião, arrancou a faca do peito do amado.

Com toda a tranqüilidade, procurou no seu peito o lado do coração.

E... com toda a força de suas duas mãos, enterrou-a com raiva.

Abraçou Munir e lhe disse:

- Tua até... a mor....te.... tua.... na éter... ni... dade...

Munir já não podia falar. Um fio de sangue brotava de sua boca. Laila pousou seus lábios naquele manancial vermelho; só que ela, ao invés de sorvê-lo, rendeu obséquio com o presente vermelho que também minava de sua boca.

Contemplei-os em silêncio... calado e absorto em meus pensamentos. E quando acordei para a realidade, havia milhares de estrelas curiosas que nos olhavam lá do alto do firmamento.”

## UM RELÂMPAGO NA NOITE

José Inácio: Vamos visitá-lo.

Jonas: Não seja ingênuo, José.

José Inácio: Não entendo o motivo da sua aversão. Esse homem tem feito muitas curas que, segundo dizem por aí, são maravilhosas. Todo mundo fala dele. Nem que seja por mera curiosidade, podemos ir vê-lo rapidamente para conversar com ele e poder avaliar o que faz. Nada se perde. Não acha que estou certo?

Jonas: Como não?! De minha parte, sinto que perderei o respeito para comigo mesmo, se for conhecer um charlatão. Olhe, José, não pretendo ser um sábio infalível, mas creio que me adquiri certas noções que me colocam num nível que me habilita a distinguir o falso do verdadeiro. “Parece-me muito interessante e, além do mais, de grande utilidade fazer um resumo de minhas idéias sobre aquela filosofia, antes de iniciar o estudo dela. Quanto à moral, não vejo motivos para esposá-la; no tocante à psicologia, tampouco, porque sou um materialista ferrenho” (palavras textuais). Tenho muitas provas comigo. Partirei de uma base – a realidade objetiva:

1º) O mundo é real. Nele está compreendido o meu próprio corpo.

2º) Para mim, existe também a natureza do eu: no estado atual da nossa evolução intelectual, não é determinável nem incognoscível.

3º) Não aceito que a introspecção, tampouco a intuição, possam demonstrar-nos a existência da alma e dar-nos o conhecimento dela, porque também os métodos científicos não nos oferecem nenhum dado concreto.

4º) Por estar em conformidade e de acordo com minha tendência intelectual, considerarei o espírito uma das energias físicas já conhecidas, talvez somente em estado de transformação (em estado transformativo).

5º) O conhecimento do mundo exterior é possível e evidente.

6º) Os sentidos são o elo de união entre o sujeito e o objeto.

7º) Os sentidos são aparelhos físicos, registradores de moléculas ou de radiações.

8º) Qual é a importância do espírito no mundo? Para mim é secundária. O pensamento não passa de uma manifestação (fenômeno?) transitória, assim como a vida, que é seu substrato. A energia psíquica tem como base o protoplasma vivente. Não temos experiência de que a faculdade de pensar se encontre na matéria inerte.

9º) Segundo a maior probabilidade, fornecida pelos dados e induções científicos, a vida deve desaparecer de nosso planeta num futuro mais ou menos distante. Então desaparecerá também a energia psíquica. (Será mesmo?) É eterna? Será que retornou, talvez, ao estado de matéria que já não parece ser senão energia solidificada? Será que foi a outras partes mais longínquas do Universo, que é um todo?

10º) A intuição, a fé e a adivinhação não são fontes de conhecimentos.

11º) O único método eficaz e seguro que podemos empregar para conhecer é a experiência, mesmo em se tratando de fenômenos anímicos.

12º) Não passam de... (representações?)... sensações, estados nervosos (portanto, fisiológicos) que influem nos juízos que formamos e que, de acordo com a lei das probabilidades, às vezes podem coincidir com a realidade.

José Inácio: Jonas, agora o compreendo; para você não há espírito, nem alma, nem mente superior...

Jonas: Para mim não pode haver outra explicação do mundo senão a mecânica. Porventura nossa inteligência é capaz de abranger o Universo e apreender o infinito e o eterno? Minha opinião é negativa. O Universo que conhecemos não passa do campo em que as forças atuam. A idéia de um deus carregado de atributos não pertence à filosofia. Não há por que levá-la em consideração. Em filosofia pode-se aceitar a questão da causa primeira? Na realidade, talvez não exista nem o infinito nem o eterno.

Por conseguinte, parece-me um absurdo pretender resolver o problema da origem do mundo. Não podemos conhecê-lo; portanto, para nós é exatamente como se não o tivéssemos conhecimento algum a respeito. O mesmo se pode dizer do problema da finalidade; dele nada podemos conhecer; é como se para nós ele não existisse (palavras textuais).

José Inácio ficou um momento pensativo, meditando nas palavras de Jonas Guerreiro; em seguida disse:

- Então, segundo seu parecer, são falsas todas essas correntes de pensamentos, desde Zoroastro até nossos dias?

- Na história do desenvolvimento do pensamento humano apresentam-se com bastante frequência sistemas filosóficos, opiniões, crenças e, às vezes, doutrinas científicas que, após uma longa gestação no obscuro limbo do intelecto, sofrendo ali talvez um lento trabalho de metamorfose – como o gusano no seu casulo – voltam depois de longos anos a apropriar-se do intelecto do homem. Pode ser que estes casos lancem alguma luz sobre a lenta e pesada evolução intelectual que, partindo da triste pobreza conceitual do homem primitivo, foi se estendendo até nossos tempos, como a chama de um poderoso incêndio, deixando-nos entrever para o futuro uma riqueza e uma complexidade ainda muito maiores. Parece-me que é nisso que se estriba a importância de seu estudo.

- Não seria bom e conveniente consultar este novo mago para ouvir suas idéias sobre o assunto?...

- Ah! Ah! Ah! Você sempre está pensando em seu novo mago. Não resta dúvida de que se torna interessante ver como um pensamento informe e nebuloso como o balbucio inconsciente de uma criança – enunciado somente para satisfazer aquela imperiosa necessidade espiritual de possuir uma explicação dos fenômenos do mundo, de inventar uma chave que os decifre e os converta em escravos do homem – arraigou-se e apoderou-se de quase todo o campo da ciência moderna, culminando em vastas e lógicas teorias...

Jonas Guerreiro calou-se por um momento e logo acrescentou:

- O seu mago irá lhe explicar a teoria da evolução. A meu ver, esta doutrina evolucionista parece verdadeira, porque explica satisfatoriamente os problemas biológicos. A doutrina da evolução repousa nas causas e nos efeitos. Mais ainda: se queremos informar-nos das causas que produzem essas mudanças, isto é, a respeito do porquê da evolução, vemo-nos reduzidos a meras hipóteses, mais ou menos verossímeis, entre as quais, com legítimo direito, podemos aceitar aquela que mais em harmonia esteja com nossa contextura espiritual ou, num caso extremo, rejeitá-las todas para buscar uma explicação diferente, sempre que esta tenha como base a aplicação das leis naturais. Explico-lhe tudo isto, caro amigo José Inácio, para que não se deixe embair por esse novo charlatão, quando formo vê-lo.

- Então, você vai comigo?

- Só para fazer-lhe companhia.

\* \* \*

30 de outubro de 1936.

O autor destas linhas se achava no próprio consultório, sentado diante de uma escrivaninha, engolfado na leitura de um manuscrito raro, tentando decifrar suas palavras e seus significados, quando ouviu alguns toques na porta.

Aquele toque me fez voltar a mim bruscamente e com enfado, como quem acorda de um sono profundo, despertado por um alarme.

Com enfado disse:

- Entre.

Entraram dois cavalheiros. Um deles se apresentou e em seguida apresentou seu companheiro, dizendo:

- José Inácio e o Sr. Jonas Guerrero.

- Sentem-se.

José Inácio era um tipo simpático e emocional por seus sentimentos. As formas do seu rosto eram limitadas por segmento de elipse, testa unida e pouco desenvolvida, olhos amendoados, sobrancelhas paralelas ao contorno dos olhos, nariz clássico, boca carnuda, queixo redondo, estatura mais que mediana, olhar meigo e lânguido, voz melodiosa e pausada e gestos distintos. Em geral, era o tipo harmonioso, sensitivo, de grande sensibilidade de coração e vida sentimental intensa.

Jonas Guerrero era um tipo completamente diferente do anterior. Aqui cabe dizer que “os opostos se atraem”. Jonas Guerrero tinha as formas algo primitivas, compleição desenvolvida, grosseiramente esculpida, contorno geral de retângulo curto, testa desenvolvida mais no sentido da largura do que da altura, sobrancelhas intrincadas e horizontais, olhos míopes. Usava lentes muito grossas; nariz reto, largo e curto, queixo maciço, estatura um tanto alta, robusta, de articulações pronunciadas, voz surda. Possuía uma poderosa vitalidade. Era um tipo que tinha o sentido prático muito desenvolvido.

Coloquei minha cadeira na frente dos dois e logo perguntei:

- Em que lhes posso ser útil?

José Inácio respondeu:

- Doutor, a finalidade de nossa visita é conhecê-lo pessoalmente e ter uma conversa sobre diferentes assuntos espiritualistas. Há algum inconveniente nisso?

- Nenhum inconveniente, senhor, mas gostaria de saber se vocês vêm para fazer uma investigação a respeito de minha pessoa ou se para buscar alguma informação. Se é o primeiro caso – e olhei para Jonas Guerrero – não me acho em condições de dá-la a ninguém; se for a segunda hipótese – dirigindo o olhar para José Inácio –, tampouco me considero um mestre para recebê-lo.

O tom com que estas palavras foram pronunciadas causou admiração aos dois. Jonas disse então:

- Não sei por que o doutor diz isto. Quando resolvemos vir, não pensávamos no que o senhor nos diz agora.

Calei-me por um instante. Depois disse:

- Olhe, amigo Jonas, estamos vivendo numa época de incessante procura e, por isso, de ceticismo universal. Os homens de hoje em dia dizem: “Dai-nos uma prova positiva, demonstrai-nos com aparelhos científicos a verdade e nós acreditaremos, apesar dos progressos científicos”. Precisamente posso repetir aqui com o rabino da Galiléia: “Esta geração perversa me pedirá provas e não lhe serão dadas”. O senhor José Inácio é uma criatura espiritualista que admite a influência sutil embora misteriosa, porque sente; ao passo que você, senhor Jonas, quer ver para crer e eu, infelizmente, não tenho uma balança para pesar a honra, o amor, a compaixão e a verdade.

Estas últimas palavras provocaram um riso geral entre nós três.

Jonas Guerrero perguntou:

- Por que o senhor acredita que sou cético? Gostaria de sabê-lo.

Esbocei um sorriso e falei:

- Amigo Jonas: reconheço o seu progresso intelectual, bem como seu contumaz materialismo. Se dependesse de mim que um anjo descesse do céu ou que um morto ressuscitasse, você acreditaria que eu o sugestionei ou hipnotizei para fazê-lo ver coisas absurdas que nunca existiram. Disse o famoso sábio, Éliphas Lévi: “Ninguém pode convencer a quem não está de antemão convencido” – e está é a pura verdade.

Quando Cristo curou aquele possesso (possuído do demônio), todos comentaram: “Com o poder de Belzebu afugenta o demônio”.

Como soube que você é cético? É outro estudo da filosofia ocultista que você repudia como embuste.

Nós os ocultistas acreditamos que do ser visível podemos chegar ao invisível, porque efetivamente a forma não é mais que o reflexo do espírito ou, como outros dizem, da alma, em que você não acredita. Nisto não há nada de sobrenatural. Ao examinar a sua forma deduzi o seguinte:

Tendência patológica; inacabamento ou proliferação defeituosa dos tecidos; mau funcionamento de alguns órgãos. Neurose.

Predisposição fisiológica: poderosa vitalidade, porém captada em forte proporção para a vida vegetativa.

Caracteres psicológicos: ética desenvolvida, mas segundo convicções próprias.

Intelecto: capta muito, contudo é incapaz de uma produção pessoal. Assimilação limitada para o utilitarismo imediato. Sua mente inclina-se facilmente para os costumes de ordem, de método, de exatidão.

Sensibilidade: as emoções e as impressões sensoriais são as únicas que influem em você. Sua imaginação age somente sob o império dos motivos físicos.

Sua existência é dificultosa e monótona, repleta de tédio e de preocupações contínuas.

Os materialistas, quase sempre, por seus sofrimentos internos, procuram o alívio no amor que dedicam a algum ser. Conheci um filósofo materialista que amava sua gata branca até a adoração. Outro amava os seus pais. Também você pode ter este carinho, que chega a raiar o sacrifício, por sua mãe, irmãos ou irmãs e esse carinho constitui a porta de sua salvação porque, como diz o Evangelho, “a quem ama muito, muito lhe será dado”.

Que mais quer que lhe diga? Sua inteligência é superior, aprende facilmente e retém as coisas sem dificuldade; seu tipo pode ser poliglota, pode aprender com perfeição muitos idiomas. Para você a poesia não deve existir, nem tampouco a arte, salvo como um adorno. Você é um homem positivo que se dedica às ciências exatas e sérias. Equivoquei-me em alguma coisa?

Depois de dirigir aquela pergunta, reinou um silêncio sepulcral. Em seguida José Inácio falou:

- Doutor, seu estudo psicológico é perfeito e eu acredito que o silêncio diante do maravilhoso seja a veneração mais sincera que se lhe possa ofertar.

- Nem é tanto assim, amigo. Também eu tenho muitas falhas e cometo equívocos e gosto que alguém me corrija.

Jonas, que continuava em silêncio até aquele momento, disse:

- Doutor, pode dizer-me como foi que descobriu em mim estas verdades?

- Já lhe disse antes que na forma visível se reflete o invisível. Essencialmente espiritualista, a Antiguidade filosófica ensinava em segredo, no silêncio dos santuários da Índia, da Caldéia, da Pérsia, do Egito, o que nos foi transmitido através das idades; concebia o problema do ser como uma sucessão indefinida de existências que levavam ao conhecimento integral.

Antes de chegar a esta última finalidade, a alma, evoluída a partir do estado primitivo, através de todas as fases necessárias para seu perfeito desenvolvimento, percorria uma série de ciclos compostos, cada um, de um período de ação e assimilação.

Segundo esta teoria, vimos ao mundo condicionados de acordo com nossas atividades físicas e psíquicas e nos encontramos situados em tal relação do “eu” com o “não-eu” que precisaremos passar pelo estado de consciência – às vezes doloroso – indispensável ao cumprimento de um progresso espiritual que nos aproxima do fim supremo.



Meu senhor, isto não é fatalismo absurdo e arbitrário; pelo contrário, é o encadeamento lógico resultante, gravado no homem desde o seu nascimento, de acordo com os seus sentimentos passados, relacionados com a verdade ou com o erro, com os maus ou com os bons sentimentos, com a iniciativa visando ao conhecimento ou com a indolência prazenteira dos sentidos.

A vontade não pode evitar a conseqüência de uma falta, mas sim, suportar a dor ou o prejuízo envolvidos nessa falta devido a um esforço deliberado, equivalente e suscetível de operar, na conseqüência, uma modificação correspondente ou superior à prevista pela lei.

Jonas, não pretendo convencê-lo da verdade destas teorias, porque você me dirá que o estado atual de nosso entendimento não nos permite perceber este tipo de verdade.

Em virtude do que se disse, podemos afirmar que o estado presente resulta da totalidade do passado e da preparação do futuro. Esta hipótese parece indispensável para conciliar a de uma justiça infinita com as múltiplas desigualdades de nascimento – estas desigualdades denominadas azar por aqueles a quem uma palavra basta como explicação.

Seja como for, não podemos crer no azar e na casualidade, mas, sim, no fenômeno-figura. No próprio indivíduo encontramos-lo inscrito em duas partes do corpo que sintetizam todo o ser: no rosto e nas mãos.

O misterioso subconsciente dos filósofos modernos não é senão o corpo astral dos herméticos e compreende a musa do poeta, a inspiração do compositor, o gênio do grande homem, o talento de alguns, as faculdades e os instintos de outros. Conserva também os germens virtuais dos êxitos ou fracassos causados pelos méritos ou deméritos passados. Pode-se denominá-lo “substância do destino”. Analisá-lo segundo suas correspondências exteriores é descobrir as marcas do destino.

- Então, o que é o livre-arbítrio e para que serve exatamente o querer? – perguntou Jonas.

- O livre-arbítrio está muito longe de ser equivalente em todos os seres, embora seja mais ou menos notório em cada ser humano segundo o maior ou menor esforço de cada um. Afirma-se e cresce sob o efeito da subordinação do ser às evoluções inspiradas pela consciência objetiva. Eu, pessoalmente, comparo o livre-arbítrio com a força muscular. Todos nascemos com essa força, porém uns a desenvolvem mais que outros, por meio do exercício. Aqui age a vontade, porque garante a supremacia do eu sobre as condições primitivas, de onde resulta o caráter, e sobre a fatalidade do destino.

Modificar as próprias disposições é alterar os acontecimentos próximos ou distantes, porque desta maneira se faz com que não atue a causa comum de uns e de outros. Outra comparação: suponhamos que você me insulte. Por meu livre-arbítrio, posso devolver-lhe o insulto; em seguida surge a briga, depois o escândalo, e por fim, o castigo da autoridade. Mas, em virtude do meu livre-arbítrio, posso também dominar meus impulsos, fazê-lo ver que está equivocado e continuarmos assim como bons amigos. Afinal de contas, esta reação voluntária

contra o destino se expressa claramente na fisionomia da pessoa, em seus movimentos, em seu modo de andar e até em sua caligrafia.

Longe de pensar em vencer seus impulsos, todos os homens colocam ao serviço ativo desses impulsos sua inteligência e sua vontade. Embora infelizmente sejam exceções, existem alguns que se afastam, com o esforço, dos demais; que norteiam seu destino como um competente capitão que dirige seu barco.

Todo homem tem uma voz interior; uns a chamam de consciência, outros de moral. O nome não importa. Mas essa voz sempre grita e nos persuade de que devemos deixar de agitar nosso espírito e nossos nervos, perseguindo sempre a harmonia. Ela nos revela que, para conseguir esse estado, é necessário criá-lo em nós mesmos mediante a modificação de nossos pensamentos.

A grande lei é toda equidade e preside a todos os destinos. Quem pede o reino de Deus e seu justo uso, infalivelmente logrará o reinado soberano sobre as conseqüências.

- Então, segundo você, não existe o destino e tudo é efeito de uma causa anterior? Isto, porém, é aplicável também às enfermidades? – perguntou Jonas Guerrero, com tom de triunfo.

- Antigamente, o homem era dono do seu destino; hoje, o destino é senhor do homem até nas enfermidades. Por que estas devem escapar da lei universal?

O homem é impelido pela experiência ou, melhor dizendo, pelos seus atos a contrair certas enfermidades porque, para curar-se das mesmas, tem que apelar para as energias que em si mesmas representam um progresso para o conjunto de sua evolução. Quando se cria uma situação deste tipo, em que o homem anteriormente se deixou arrastar por suas paixões, produz-se essa enfermidade que conhecemos com o nome de “difteria”.

Pois bem, onde podemos encontrar uma influência contrária que atue diante do princípio do desequilíbrio? Eu percebo intuitivamente esta força e este poder e também que se pode empregá-los, porém...

(Silêncio...)

- E a pneumonia, não é ela a conseqüência de um caráter dissoluto, e dado a viver sensualmente, seja física ou mentalmente? Como se pode vencer todos os casos de pneumonia, se a individualidade humana não chega, precisamente, a reagir contra as forças sensuais atômicas?

Talvez a tuberculose pulmonar tenha um cura mais fácil. Todo tuberculoso deve ser ou ter sido materialista. A enfermidade pode sugerir-lhe algo de espiritualidade, e o ser humano interno pode combater contra os efeitos da materialidade externa.

Então, o homem que sai curado de sua enfermidade alcançou o fim proposto que vai se revelando em sua enfermidade. Ao triunfar sobre ela, adquiriu forças para substituir as que

precedentemente eram imperfeitas, o que lhe permite empregar as forças novamente adquiridas para seu próprio bem e o dos demais. Então a cura é definitiva.

Porém, e se morrer? É porque o seu ser o fizera obter certos resultados, que não seriam, contudo, suficientes para poder auxiliar os demais, ou então a morte, pela enfermidade, seria o término da obra começada.

Pois então, como posso ensinar a autocura à humanidade? Não seria maravilhoso que cada homem se curasse a si mesmo, empregando certo estímulo ou perfeição para triunfar sobre a enfermidade?

Sim, mas o segredo consiste em atrever-se a dizer tudo o que se pensa e em seguida não ter medo da crucificação.

A última frase provocou o riso de todos, e Jonas Guerrero falou:

- Doutor, você tem idéias muito estranhas e quisera saber o que dizem os médicos destas novas idéias.

- Senhor Guerrero, você deve saber que há muita diferença entre um médico e um curandeiro. Não obstante, há muitos médicos que se converteram em curandeiros; um deles é Aléxis Carrel. Já leu a sua obra intitulada *A incógnita do homem*? Não? Pois então, recomendo-a porque a leitura desta obra pode dissipar muitas dúvidas. Uma pessoa pode curar outra com massagens, drogas etc., mantendo nestes casos o paciente passivo, como a argila nas mãos do oleiro. Não há dúvida alguma de que estes tratamentos podem fazer com que as afecções tratadas desapareçam e o doente se restabeleça temporariamente; porém as causas reais de sua doença não foram devidamente apreciadas e este não compreende que ela é a consequência da violação das leis da natureza; portanto, continuará violando-as; como resultado, a mesma doença ou outra voltará a afligi-lo; A cura é um processo físico. Curar é radicalmente diferente, porque neste caso se exige que o paciente coopere espiritualmente e fisicamente com o curandeiro. Até hoje ressoam em nossos ouvidos as palavras do Nazareno que, depois de curar o doente, disse-lhe: “Só existe um poder diante do qual recuam a dor, as doenças e as desgraças: a moral”.

Mas, senhores, estou prestando-lhes uma informação sem perceber, e esta não foi minha intenção.

Então José Inácio exclamou:

- Suplico-lhe, doutor, que continue instruindo-nos.

- Sim, sim – continuou Jonas Guerrero – isto é novidade para nós e muito interessante.

- Muito bem – continuarei –. Os contos e as lendas antigas sempre encerram uma altíssima sabedoria. O fígado nos fornece justamente um exemplo. Ele é precisamente o órgão das ilusões do mundo físico, sendo ao mesmo tempo o órgão que nos acorrenta à terra. Pois bem, aquele que, segundo a lenda, deu aos homens a força, o fogo – Prometeu – foi acorrentado a uma rocha onde um abutre lhe devorava o fígado. O abutre desta lenda não significa o causador da

dor, mas nos demonstra que, para podermos empregar corretamente o fogo divino, devemos eliminar todas as ilusões causadoras da dor e dos transtornos que se enraízam no fígado; e Prometeu, o Cristo no homem, ia permitir que este se enleasse mais nas ilusões. O poder inimigo da ilusão devia vir e declara que daí em diante a dor reinaria sobre o ser humano.

É desta maneira que agem em nossa vida as potências adversas causadoras da dor e das doenças.

Não devia tê-los conduzido até essas profundezas da conversa, mas foi algo inconsciente e por isso lhes peço perdão.

José Inácio falou:

- De minha parte, fico-lhe agradecido, doutor, e permita-me dar-lhe, como lembrança desta entrevista, a obra intitulada *Os mistérios do Oriente*, que trarei amanhã ou depois, a qual constituirá um motivo para reatar esta interessante conversa.

Com efeito, daí a dois dias recebi a obra daquele amigo, a qual até agora conservo com gratidão e bom grado.

Durante a noite daquele dia, o senhor Jonas Guerrero escreveu o seguinte em seu diário, caderno n.º LXXV, página 23:

“30 de outubro – Hoje conheci o Dr. Jorge Adoum, terapeuta mental. Conversamos durante muito tempo, junto com José Inácio e este libanês, em seu consultório. Os temas foram variados, mas todos giraram em torno do espiritualismo e da filosofia ocultista. Cabe perguntar: ele é um iludido? Apesar do meu empedernido ceticismo no que toca a estes assuntos, gostaria de experimentar. Talvez este indivíduo me ajude; se encontrasse o caminho, a vida se me tornaria muito mais tolerável, porém...”

Os dias continuavam, lançando-se no precipício da Eternidade.

Jonas Guerrero começou a “experimentar”, como se havia prometido. Em seu diário diz o seguinte:

“12 de novembro – vou começar a leitura da obra de Carrel, *A incógnita do homem*, a fim de lhe fazer uma crítica, conforme pensei”.

E, na realidade, começou o estudo e a crítica desta obra, segundo vemos em seu diário.

“13 de novembro – Carrel, *A incógnita do homem*, pág. 9. O homem é um conjunto indivisível de suma complexidade. Trata-se, pois, de uma profissão de fé monista?”

Parece que as ocupações do senhor Jonas Guerrero o obrigaram a abandonar o estudo da obra de Carrel durante um ano completo; por isso vemos que, depois deste tempo, volta a anotar suas críticas.

“10 de outubro – Carrel, *A incógnita do homem*, pág. 11. O autor diz que não percebemos o homem como um conjunto e que no meio do cortejo de fantasmas adianta-se uma realidade que desconhecemos.

Não constitui isto uma impossibilidade característica de nosso entendimento?”

“Carrel, pág. 16.

Muito menores são os átomos, os prótons e os elétrons e, apesar de sua pequenez, foram estudados satisfatoriamente. Por conseguinte, não acredito que seja o tamanho o que impede o seu conhecimento. Parece-me que a causa reside, isto sim, no fato de que até agora não se inventou uma técnica avançada. Porque muitas coisas, que pareciam que jamais seriam conhecidas, já encontraram a sua explicação. Aninho a convicção de que, sem dúvida, é provável que aqueles fatores desapareçam”.

\* \* \*

Daqui em diante não há datas, só a citação do autor e as páginas de sua obra.

“Carrel, pág. 22.

Nem tanto como se poderia crer”.

“Carrel, pág. 26.

Estou absolutamente de acordo”.

“Carrel, pág. 27.

Sempre acreditei no mesmo. A meu ver, os músculos se desenvolvem em detrimento da inteligência. Quase todos os atletas, os homens de grande musculatura, mesmo em universidades e colégios, são faltos de inteligência. Também eu pude observar em mim mesmo que, depois de um forte exercício físico, o cérebro trabalha mal. Em contrapartida, a euforia física é muito maior. Sente-se mais alegria de viver. O que se explica facilmente, visto que não se consegue a elevação do nível intelectual com a multiplicação de institutos docentes, mas com a maneira de ensinar e com a quantidade de conhecimentos assimilados pelos alunos”.

“Carrel, pág. 28

Absolutamente de acordo. Só que eu não poderia generalizar o que se passa neste país”.

“Carrel, pág. 43.

Por conseguinte, a única coisa razoável no estado atual da ciência é a dúvida. Porém, na minha opinião, ela procede, realmente, devido ao temperamento intelectual de cada pessoa e segundo a classe de estudos que tenha preferido cultivar, ter preferência por uma ou outra das hipóteses...”

E, desta maneira, Jonas Guerrero continua seus apontamentos sobre a obra de Carrel. Quando encontrava uma hipótese que concordava com suas opiniões pessoais, aceitava-a totalmente; caso contrário, rejeitava-a. Por exemplo, vejamos Este parágrafo:

“Carrel, pág. 52.

Este parágrafo me parece bastante inexato. Seguramente existem livros aos milhares sobre as paixões do homem, suas inclinações estéticas, sua moral, etc. ... Os romances psicológicos são incontáveis. Existe uma legião de psicanalistas ilustres à altura de um Freud, um Jung e um Adler. Por que o resultado é nulo? Por que não existe técnica para este estudo? Cada dia que passa mais me convenço de que todo método ou técnica introspectivos revelam-se falsos e inúteis”.

“Carrel, pág. 138.

Sou da opinião de que não resultaria nenhuma penetração extraordinária.

Creio que os clarividentes devem ter muito pouca inteligência”.

“Carrel, pág. 125.

Apesar de tudo, isto é, da força de raciocínio baseada nos fatos reais, não chego a convencer-me de que exista uma teologia nos processos orgânicos.

Certamente eu não poderia rebater satisfatoriamente os argumentos e muito menos explicar estes fenômenos ou enunciar uma teoria que estivesse livre de defeito; porém, o certo é que meu espírito resiste desesperadamente a aceitar tal hipótese, sem que eu mesmo possa perceber as causas de semelhante impermeabilidade espiritual”.

Com se vê, a obra de Carrel dissipou uma parte do ceticismo de Jonas Guerrero e removeu a outra parte. Em seu diário, com data de 21 de novembro de 1937, escreve o seguinte:

“Assim, por enquanto, eu me propus a ler demoradamente, o livro de Carrel e a fazer uma crítica dele; porém, parece-me justo estudar um pouco que seja de filosofia, para melhor julgar a parte que dela contenha a obra... e que modifica substancialmente as antigas concepções em pontos tão essenciais como o espaço e o tempo, a causalidade, a matéria e a radiação. Seu efeito é a tendência espiritualista de nossos tempos em físicos e filósofos”.

E assim, nas trevas das dúvidas, brilhou um relâmpago. Além de seu idioma, Jonas Guerrero dominava o alemão, o inglês, o francês e o italiano; escrevia em todos eles com muita perfeição. Em seu diário, muitas vezes fazia apontamentos de suas miscelâneas íntimas e secretas numa língua estrangeira. Para o autor estas notas são sagradas, razão por que não posso profaná-las.

Depois do estudo de *A incógnita do homem*, Jonas dedicou-se ao estudo de muitas obras filosóficas. Embora sempre duvidasse e criticasse, começou a praticar e a desenvolver o poder de sua vontade.

Com data de 02 de janeiro de 1937, diz ele em seu diário:

“Deixar-me dominar por preconceitos e idéias errôneas é ser joguete das paixões e oscilar ao vaivém dos caprichos do momento; é lamentável; eu quisera ser duro com o aço, porém, como ele, tenaz e flexível. É possível dominar o subconsciente por meio da vontade firme e reflexiva? Não poderia traçar-me uma linha de ação e segui-la rigorosamente em todo momento e em toda ação?”

Não resta dúvida de que a minha vontade é muito inconsistente e fraca. Devo começar por uma reeducação dela, de maneira metódica. O que não consigo resolver é se vale a pena fazer este esforço, na minha idade.

Neste ano que passou, em minha vida se operou uma mudança, embora pequena”.

Em outra passagem diz o seguinte:

“Percebo cabalmente que o cultivo das ciências exatas e das ciências naturais deve ser feito muito cedo e nelas o meio ambiente é tudo. E hoje, portanto, rejeitaria a todas; consagrar-me-ia à História da Filosofia; e, em qualquer das duas, a um ramo (à teoria do Conhecimento na segunda ou à Metafísica na primeira, em uma determinada época). Mas toda tentativa é inútil para o presente. Não viria jamais a libertação?”.

Os dias e os meses continuavam, sepultando-se na Eternidade.

Jonas Guerrero continuava registrando seus pensamentos íntimos no diário.

Várias vezes veio visitar-me e diversas vezes tive que intervir no tratamento de alguns membros de sua família, pelos quais Jonas nutria muita ternura.

Não quis casar-se para não levar à sua adorada mãe uma nora que possivelmente a molestasse. Teve também outro motivo: o fator dinheiro. Não podia permitir que sua família passasse por necessidades, coisa que não podia evitar, caso viesse a formar um lar.

Continuava lendo as obras místicas e teosóficas. Começou a estudar a Iniciação, de autoria de Steiner, e disse:

“Não passei dos dois ou três capítulos, porque não podia crer em tudo o que estes místicos dizem, os quais graciosamente nos oferecem a taumaturgia como panacéia universal para todos os males e, em especial, para os enfermos da ânsia de saber”.

Contudo, várias vezes me agradeceu pelo tratamento de um dos membros de sua família, usando estes termos:

“Talvez este seja o renascimento de que tanto falam os ocultistas: você o fez renascer de novo”.

Assim se expressava e sorria bondosamente.

Com o decorrer do tempo, chegou a ter uma fé cega no poder curativo de espírito e por isso o vemos estudar a obra de Heyer intitulada *O poder curativo do espírito*. De repente, procurava-me para consultar-me sobre suas dúvidas; porém, sua saudade era muito grande.

Como um bom amigo, nunca se esquecia das criaturas com quem compartilhava suas opiniões e suas dores íntimas. José Inácio era para ele como uma alma gêmea.

Este, porém, teve que abandoná-lo para ocupar o cargo de cônsul em Bremen. Por isso vemos Jonas citar o seu amigo com frequência no diário.

A 03 de outubro de 1937 diz:

“Já se vão quase dois meses desde a ida de José Inácio. Cada dia me sinto mais solitário, extraviado neste mundo”.

Em outra passagem:

“Por que não poderia eu dedicar todos os meus momentos livres a escrever e a desenvolver, precisamente em forma de conferências – que, naturalmente, jamais serão feitas em público – minhas opiniões e pontos de vista? Pois, sempre sinto em meu foro íntimo uma espécie de remorso ao considerar quão sábio as pessoas me julgam. Porém, para escrever um livro como Carrel ou os de Jean ou Eddington, são necessários anos e mais anos de paciente estudo e reflexão.

Minha antiga afeição pela biologia, com a leitura da obra de Carrel, recobrou impulso e acendeu-se o desejo de voltar ao seu cultivo com mais ímpeto”.

Ele foi professor de matemática e depois de geologia na Universidade Central. Ocupou alguns cargos públicos. Sempre pensou em escrever alguma coisa sobre a geografia do Equador, dando-lhe uma forte base geológica. O assunto ou idéia diretriz podia ser interpretação dos traços fisiográficos do país, mediante o levantamento da cordilheira dos Andes e pela subsequente erosão:

“...porém, ao mesmo tempo, traduzir, preparar as conferências de filosofia e coordenar as publicações (geológicas) parece um pouco difícil”.

E os dias continuam, desprendendo-se como folhas da árvore do tempo, e as idéias do professor Jonas Guerrero continuam engastando-se no seu diário. E anota a leitura e a crítica de centenas de livros em todos os idiomas que aperfeiçoava. Neste pequeno trabalho não me é possível citar a todas; porém, posso dizer que tratava de um aculturar-se em todos os ramos das ciências antigas e modernas.

Várias vezes deixou de fumar e sempre voltava ao mesmo vício, depois de algum tempo. Não inventava desculpas, como outros. Ao contrário, queixava-se da fraqueza de sua própria vontade.



Durante os últimos anos, realizou muitas excursões interessantes para estudar a geologia do país.

Foi vítima de muitos revezes da sorte, porém o golpe mais terrível foi desferido pela doença de sua adorada mãe, que lhe destroçou completamente o ânimo, embora, ao mesmo tempo, abrisse diante de si uma larga porta para a meditação.

Um parágrafo do seu diário diz o seguinte:

“E, em meu caso particular, creio que subitamente cheguei à compreensão de que ando extraviado e confuso ao pensar que o conveniente para minha estrutura espiritual é a solidão, o ensimesmamento... A amarga redenção quando já me acho nos umbrais dos 60 anos! Que remédio, que linha de conduta devo adotar em vista destas considerações? Aqui o espírito começa a sentir uma terrível confusão e a nadar num penoso mar de incertezas. Porque o lógico parece que seria tomar uma resolução, um caminho, e seguir por ele com energia, sem vacilar. Porém, não chego a ver claro nem a ter essa energia...”

Portanto, o que é que domina o homem da civilização atual: o espírito ou o corpo? Não é possível escapar à mútua dependência? Os corpos mal nutridos, esqueléticos, sem a menor força física, não despreendem energia sobre-humana? No interior daquelas ruínas corporais, não brilha e arde magnificamente uma chama viva e fulgurante que sustenta e canaliza todas as energias? Lembro São Francisco de Assis, Gandhi, Pascal, Carlyle, Beethoven e centenas e mais centenas. A força nervosa e a sua capacidade são ainda um mistério. E a força, ou fluido, ou a corrente nervosa, que relação têm eles com o que convenciamos chamar vontade? Não são ambos uma única e mesma coisa: energia?

Acabo de ler *O poder curativo do espírito*. Embora a impressão causada em mim seja bastante forte, não conseguir remover por completo as dúvidas e as desconfianças que meu pobre espírito enfermo e cansado cronicamente sempre abrigou. Contudo, a soberba e a orgulhosa incerteza que meu antigo materialismo erigiu em dogma sofreu uma sacudida no decorrer destes últimos tempos. Apesar de tudo, a leitura deixou-me um pouco de tristeza. Procurando investigar a causa que a produz, creio encontrá-la no fato de pensar que, nesta terra imprestável e miserável, sequer é permitido a uma pessoa com eu consultar um especialista de psicoterapia que, seguramente, não teria grande trabalho em curar-me.

A ânsia de liberdade espiritual produz em mim uma fonte inesgotável de desassossego e angústia. Enfim, creio que estou no bom caminho para aprender a esperar”.

“20 de novembro de 1940 – Esta data ficará gravada para sempre em minha memória. Depois do cruel suplico de três meses e meio de dores atrozes e sofrimentos incessantes, minha adorada mamãezinha se foi para nunca mais voltar. Que dias de aflição, que ânsia de fugir e de não pensar!

Por que não mimei mais? Por que não a cobri de beijos quando ainda era tempo? Por que meu carinho não pôde evitar que caísse no abismo insondável e negro que se abriu diante dela?

Ainda não consigo acreditar que seja um fato real, ainda agora me parece que é uma ausência temporária e, quando a verdade aparece subitamente na consciência, sinto um choque brusco, como um golpe físico que me causa um padecimento indizível...”.

Jonas escreve amplamente e descreve com minúcias seus sofrimentos. Em seguida diz:

“Todas as filosofias, todos os sofismas da razão, todos os consolos que nossa miséria inventa são palavras vãs, meros ruídos vazios e sem sentido. Não teria feito o suficiente para salvar sua vida tão cara, tão preciosa para mim? Que remorso terrível! Que ira, que acessos de furor diante do fato consumado, diante das coisas irremediáveis!

Sim, não há dúvida de que a fé tranqüila e cega na sobrevivência do melhor que existe em nós há de ser uma grande consolação. E deve sê-lo! E, não obstante, não pude nem pensar nisso, nem senti-lo. Por conseguinte, estou condenado”.

E essa nobre alma se recrimina a si mesma, dizendo:

“Por que fui tão cruel dando-lhe motivos de aflição? Por que não lhe entreguei meu coração num abraço?... como será a vida de hoje em diante? Não sei, nem me atrevo a pensar nisso. Só brilha em meu espírito a inquebrantável resolução de que sua doce lembrança me acompanhe em todo instante; de que, pelo grande amor que me inspirou e que jamais se há de apagar, minha vida seja mais pura, mais irrepreensível a minha conduta em todas as circunstâncias, mais elevados e mais nobres meus pensamentos e mais viva e ardente minha fé no ideal”.

Com efeito, a morte daquela mãe querida desarraigou muitas idéias antigas do pensamento de Jonas Guerrero e semeou em seu lugar muitas idéias novas e, assim, aquela alma nobre agora se eleva cada dia mais, aprofunda-se e penetra, porque voa sempre com mais rapidez, porque abrange e concentra-se ao mesmo tempo. E é precisamente isto que não posso expressar com palavras frias e superficiais.

Por que a expressão verbal não traduz a emoção que produz na alma a água que corre mansamente ou se precipita furiosa e que dá ao vento um doce rumor ou um grito ensurdecidor...? E os estados da alma? A música, em contrapartida, constitui um maravilhoso instrumento de expressão para o interior e o exterior. Que louco fui eu quando não continuei cultivando a música!” .

\* \* \*

Mais três anos de sofrimentos e abatimento, de doença e de melhoras, de leitura e de crítica de obras.

Ânimo deprimido, luta contínua consigo mesmo e com os demais. Jonas Guerrero sempre desejou escrever... novelas científicas, textos didáticos: “Sempre tropeço, porém, - diz ele - com a falta de tranqüilidade para dedicar-me a qualquer trabalho sério e com minha manifesta incapacidade para devotar-me ao mesmo tempo a vários trabalhos que não tenham íntima conexão entre si”.

Em outra passagem diz:

“Assim vou levando tombos pela vida, sem nunca encontrar nem a verdade, nem o caminho; sem encontrar tampouco a verdadeira vida; com um sonâmbulo, como um doente que já está semimorto”.

Outras vezes chegou a duvidar de umas coisas e a afirmar outras; queria conhecer as coisas por suas causas e sempre chegava à causa sem causa e ali se detinha desarmado.

No último dia de seu diário, diz o seguinte:

“11 de maio de 1944 – Acabo de ler *Minhas Confissões*, de Máximo Gorki. Como todas as obras deste grande novelista russo, esta me deixou uma grata impressão. Naturalmente, a tese defendida na novela me deixa indiferente, porém, apenas até certo ponto. Acredito firmemente que agora domina a injustiça em todas as áreas, na distribuição dos bens da terra, que é monstruosa e antinatural; que é preciso lutar implacavelmente contra ela até afogá-la e que é indispensável instaurar um novo regime sobre as cinzas do atual. Porém, não acredito que seja o povo, a grande massa anônima, que efetuará o movimento e alcançará o resultado feliz; faltam-lhes luzes e sobram-lhe rancores e malevolência. Penso que esta será a tarefa dos intelectuais, mas daqueles entre eles que tenham o espírito e o coração sadios, daqueles para os quais os conhecimentos não serviram para lhes corromper e apodrecer a alma, e não dos que se tornaram capazes das maiores baixezas para satisfazer sua ânsia de prazer”.

Num dos primeiros dias do mês de junho fui chamado com urgência pelo professor Jonas Guerrero.

Fazia alguns dias que se achava gravemente doente e o tratamento médico fora inútil. Angina de peito. As dores eram fortes e agudas. Queixava-se de muita dor e de desvelo.

Quando cheguei, disse-me ele:

- Doutor, coloque sua mão aqui, neste coração que me mata. Pode ser que você tenha poder de acalmar os transtornos desta nova Cidade de Jerusalém. Ai, Doutor! Sou como Moisés, que contempla de longe a Terra Prometida sem poder entrar nela.

Eu, com um leve sorriso e para tranquilizar-lhe o espírito, disse:

- Tenha paciência, amigo; vou acalmar suas dores, porém: o que você entende por Terra Prometida?

- Terra Prometida é a paz interna. Dê-me essa paz interna.

Daí a cinco minutos, Jonas Guerrero estava dormindo tranquilamente; aquele alívio momentâneo, porém, despertou nele o desejo ardente de ser tratado diariamente por mim.

Nos dias seguintes aguardava minha visita quase com desespero; quando eu estava a seu lado, sentia-se feliz e alegre. Ele não acreditava em seu restabelecimento, mas tudo o que desejava era somente o alívio da dor e a paz interior.

Finalmente, no dia 13 de julho, e só na presença de seu melhor amigo, José Inácio Burbano, sua alma desvencilhou-se de seu corpo dolorido para retornar ao Oceano da Eternidade.

\* \* \*

Até aqui o leitor pode folhear uma história que não pude transformar numa novela.

Quanto ao resto, não vale a pena que chame a atenção de ninguém, nem merecer ser lido, porque não passa de um... Sonho...Um sonho talvez idiota..., Produzido pela impressão que a vida e a morte de Jonas Guerrero causaram em mim.

Em certa noite do mês de julho, eu me encontrava sozinho, e então minha mente começou a divagar e a pular de uma lembrança a outra até chegar à lembrança de Jonas, e ali se deteve.

Em seguida, eu talvez tenha adormecido e o vi sentado ao meu lado com toda a naturalidade. Aquele sonho, ou visão, não me causou estranheza. A impressão foi como se já esperasse por ela.

Não com palavras, mas em pensamento, Jonas Guerrero me disse:

- Eu estava deitado; ao meu lado achava-se José Inácio, lendo um livro; senti um pequeno engasgue e tratei de eliminá-lo, tossindo. Senti uma brisa perfumada, ouvi com atenção, e vi que todos entravam no quarto e pareceu-me que diziam “Morreu!”, e choravam. Procurei falar, mas não consegui; percebi que com extremo cuidado me fecharam os olhos e então vi tudo o que me rodeava; meu companheiro olhava-me em silêncio e triste; toda a família chorava e eu dizia comigo mesmo: “Por acaso morri?” Não pode ser, se ainda vejo tudo através de meus olhos fechados; Oxalá não me enterrem vivo porque não me parece que morri. Sim, meu corpo está pálido como a cera. Meu rosto, imóvel. Em seguida vi minha mãe. Seu amor arrancou-me desta perplexidade. Ela me disse: “Durma, filhinho adorado, durma em meus braços.” Com efeito, dormi com todo o prazer, como quando era criança. Depois de não sei quanto tempo, acordei. Minha mãe continuava a meu lado, me falou de muitas coisas e despediu-se de mim. Eu não queria que se ausentasse, porém não pude fazer com que ela ficasse junto de mim.

Depois tive a impressão de que me separava definitivamente de meu corpo e me senti mais leve. Quis andar, mas não pude, e voei como sonhava quando ainda criança. Tudo estava escuro. Eu chamava por minha mãe e ouvia sua voz que me dizia, como quando era garoto: “Venha sozinho, sozinho.” Eu me esforçava ao máximo e cheguei a ver uma tênue claridade, suficiente para fazer salientar-se, no fundo do céu, uma montanha; e tinha que subir até seu cume, que era muito alto e sem fim. Ouvi somente a voz de minha mãe que me dizia: “Esta montanha é formada por suas ilusões, suas dúvidas e seus apegos ao que os vivos chamam de ciências. Você tem que preparar-se para novos trabalhos, agora que está morto, para desfazer ilusões”.

- Novos trabalhos? – perguntei eu. –E onde?... Com quem?

Ao fazer esta pergunta, vi que era dia. O dia que não tem fim? O dia eterno? Estava sozinho, sozinho. Que martírio! Em seguida vi minha mãe muito distante; vi-a formosa como quando era jovem. Ela me sorria com todo amor. Eu quis chegar até ela. Não pude e disse-lhe: “Minha mãe, é certo que vivemos sempre?” E ela me respondeu: “Meu filho, você tem que lutar muito para chegar a sentir a vida eterna. Todo mundo fala da morte e por isso os homens se matam entre si. O mundo deve pensar na vida eterna; os homens devem desenvolver o amor, o amor que regenera, o amor que salva”.

Depois de prestar atenção às suas palavras, fiquei sozinho, sozinho. Sozinho!... Via muito distante... muito distante mesmo, figuras confusas. Não sei quanto tempo permaneci sem saber para onde me dirigir. Desesperava-me, corria, voava, dizendo: “Quero chegar a um ponto, não importa qual seja! Sempre sozinho!” E assim fiquei durante muito tempo; porém, que é o tempo? Eu perguntava: “Onde estão meus amigos?”

Não via ninguém. O pensamento de minha mãe continuava a ressoar em minha mente: é preciso lutar para sentir a vida. Via muitos espíritos, não sei se você pode entender esta frase; via muitos espíritos, porém todos fugiam de mim e eu não conseguia alcançá-los.

Quis retornar à terra, porque em meio a tal confusão encontrava-me mal, tão mal, tão sozinho! – que despertava a lembrança da terra com saudade.

Este é o homem, quando está na terra: ao menor sofrimento pede a morte e quando chega aqui, pela morte, quer voltar à terra. Na terra sequer se trabalha. Volto à terra e, apesar da beleza de suas flores, que são como as palavras nela escritas, encontro os homens, quais sanguinários que se matam mutuamente. Onde está Deus? Ninguém o viu. É como a eletricidade na terra: sabemos que existe, porém não a vemos.

Uma vez me visitou um ser de luz, que me falou. Eu lhe perguntei:

- Por que não posso voar com tanta rapidez?

E ele me respondeu com amabilidade:

- Deus é uma vibração rapidíssima, porque é Amor. Aquele que mais ama, mais vibra; é a vibração rápida do amor que mais nos aproxima dele.

Em outra oportunidade, um espírito me falou:

- O amor é o mistério dos mistérios, é a força das forças, é a sensibilidade das sensibilidades, é Deus. O amor e a força constituem um só mistério. Pelo amor, Deus se fez homem; o homem, pelo amor, se faz Deus. Amar é dar sem receber. O amor é a sede de dar. O amor é a imortalidade entre a vida e a morte. O amor absoluto é a própria eternidade sentida pelo homem.

Aquele ser de luz muito me falou sobre o amor. Quero amar; porém, não sei amar em espírito; tenho que aprender.

Novamente fiquei sozinho, sozinho mesmo. Não sei para onde ir, porque aqui no espaço não há em cima nem existe embaixo; tudo é um mar de luz.

Quero retornar à terra, quero possuir outra vez um corpo, mas me sinto ainda preso a esta luz que une ao espaço.

Quero amar, porque sinto que o inferno é a impossibilidade de amar, \* e o céu é amor. Agora, sim, entendo por que os homens não podem sentir a Deus, porque não sabem amar; e “Deus é uma vibração etérea rapidíssima, porque é amor. Aquele que mais ama, mais vibra; é a vibração rápida do amor que nos aproxima dele”.

\* \* \*

Jonas Guerrero queria continuar sua confissão, mas neste momento me chamaram e tive que descer do mundo da alma para aquele do corpo físico.

Caro leitor, este sonho é estranho, mas é... um sonho... que não há de interessar-lhe muito. Por isso no começo lhe disse: não vale a pena chamar a atenção sobre ele, não vale a pena ser lido.

---

\* Dostoievski, *Os irmãos Karamasov*.

## **A HISTÓRIA DE “O LIVRO SEM TÍTULO DE UM AUTOR SEM NOME”**

Tinha 21 anos quando nasci pela segunda vez e em meu segundo nascimento abriram-se-me os olhos à luz deslumbradora.

Até então eu era um naufrago no oceano das impressões naturais e no pélogo das inspirações nascidas em livros e compêndios. Minha vida serpenteava entre o amor e a dúvida e minha alma era semelhante a um deserto: tragava tudo e não produzia nada. Buscava em vão um objetivo para a vida e procurava, inutilmente, decifrar o seu porquê. Minha cabeça, assim como a loja em que eu trabalhava, tinham um ponto em comum: ela tinha reunido, teoricamente, muitas ciências e todas as artes, ao passo que, na loja, seu dono havia reunido toda espécie de artigos. O dono da loja, no entanto, tirava proveito disso, enquanto na minha cabeça só havia confusão pairando sobre mim, como o Espírito sobre as águas, na Gênese.

Quiseram meus falecidos pais que eu aprendesse algum ofício, embora a idéia me soasse como blasfêmia. Eu, o jovem intelectual, que escrevia versos, que falava bem, transformar-me em sapateiro ou carpinteiro? Não, mil vezes não! Eu não podia dividir minha inteligência em duas partes e o intelectual não pode ser um operário. Por que motivo as revistas e jornais negavam-se a publicar meus artigos? Por vários motivos e o maior deles era o fato de a ignorância não saber apreciar as jóias literárias. Redatores e leitores são gente ignorante. Quantos exemplos existem nos clássicos antigos de pessoas que não foram apreciadas enquanto vivas, mas apenas depois de mortas? O ambiente em que eu vivia era retrógrado, eu não devia ter nascido nele, mas – que fazer? - uma força cega e ao mesmo tempo louca obriga o homem a nascer aonde não convém. É preciso ter paciência.

A maior sabedoria é o conhecimento de si mesmo e eu me conheço perfeitamente.

Nasci em fevereiro e nesse mês nascem apenas os reformadores da humanidade. Hei de ser um deles, de pais pobres, não importa, pois os mais ilustres sábios saem das casas de cômodos.

Embriago-me algumas vezes por semana. Isso não tem importância, porque é sempre agradável aos poetas adormecer seus sentimentos. Sou um tanto libertino. Quem não o é em nossos dias? É preciso seguir a civilização e não investir contra ela.

Conheço-me, enfim, e o leitor também me conhece: um jovem moderno, intelectual, pobre e preguiçoso. Um zangão na colméia da minha família.

Aquela lei, porém, a que chamei de cega e louca, está sempre fazendo das suas. No decurso de um mesmo ano meus pais faleceram, deixando-me a orfandade por herança. Meus melhores amigos afastaram-se do cheiro insuportável da minha pobreza. Minhas amigas fugiram da minha presença como se eu exibisse na testa o sinal posto por Deus na testa de Caim, enquanto meu estômago, o pior inimigo, clamava continuamente, sem me deixar um só momento tranqüilo.

Maldita é a pátria que não sabe honrar seus profetas e reformadores. Tenho de abandonar-te. Meu pai sempre repetia esta máxima: “Quando te ameaçar a estreiteza de um País, foge para outro”.

Vendi meu relógio, presente de aniversário de meu pai, minhas melhores roupas de então e os últimos móveis de minha casa e numa noite obscura desapareci de minha cidade natal.

Andei dois meses a pé procurando emprego, mas, como não sabia fazer nada, não encontrava colocação. As cidades estavam cheias de desocupados e tive de fugir para as povoações pequenas. Como consegui manter-me durante esse período? Tal pergunta não é essencial, pois não estou escrevendo minha autobiografia. O certo é que cheguei a um povoado muito pitoresco, de clima bastante benigno, pedi emprego na única loja que existia naquela região e seu dono apenas pousou uma pergunta: “Sabes fazer cálculos? Sabes? Então ficas comigo”.

Nós, que vivemos nas grandes cidades, esquecemos ou ignoramos completamente a vida dos que habitam as povoações pequenas que circundam todos os Países. A corrente civilização moderna arrastou-nos ao mar bravio e esquecemo-nos da formosa filosofia campestre, cuja vida simples está cheia de pureza. Somos mais ricos, porém os habitantes dos campos são mais nobres de espírito. O camponês ri como a primavera e chora como o inverno, ante sua alegria e sua tristeza. Seus lábios jamais conheceram o sorriso hipócrita, nem seus olhos as lágrimas de crocodilo.

O lavrador sai bem cedo carregando seu arado, com seus bois arriados, ouvindo o canto do melro e o sussurro das ramagens. Ao meio-dia aproxima-se de um riacho, almoça com invejável apetite, deixando migalhas aos pássaros, e, de tarde, quando o horizonte absorve o



disco solar, volta para sua casinha e senta-se, alegremente, para ouvir o gorjeio dos pequerruchos e para desfrutar de seus abraços.

No inverno, vemo-lo sentado perto do fogo, ouvindo o sibilar do vento e o clamor dos elementos.

A vida da povoação na qual encontrei emprego encantou-me e paulatinamente adaptei-me a ela, até que se transformasse numa parte de mim mesmo.

Era um dia de primavera. A chuva havia cessado e a natureza começou a despertar de seu letargo. As neves haviam desaparecido, embora emprestando sua brancura às macieiras, pereiras e amendoeiras, naquela pequena cidade eu havia adquirido o hábito de levantar cedo, fazendo em seguida um passeio matutino. Às vezes ia até o rio próximo e outras vezes ia ao bosque para contemplar aquele encantador despertar da natureza.

Numa daquelas embriagadoras manhãs tomei o rumo de um caminho que conduzia a uma colina situada ao sul, do povoado, donde se descortina uma vasta região daquela província, com alguns picos brilhantes e distantes, cobertos de neve, únicos restos de um inverno extinto. Era u'a manhã muito bonita e calma. O céu estava limpo de toda mancha. Minha alma assemelhava-se a um espelho aonde se refletia formosura do panorama e meu coração à fenda dos vales que repetem o eco do gorjeio dos pássaros. O sol preparava-se para sair de trás das montanhas, libertando-se das cadeias noturnas, tal como os pensamentos libertam-se da imaginação dos poetas. Eu contemplava o orvalho depositado sobre as folhas, que pareciam brilhantes incrustados em esmeraldas. Às vezes levantava os olhos em direção aos picos cobertos de neve e via aquele matiz dourado que o sol arremessa sobre a brancura e me pareceu que o Grande Joalheiro fundia prata e ouro em seu crisol.

Por fim, cheguei ao topo da colina. O disco solar assomava, lentamente, por trás da montanha, como se u'a mão invisível o detivesse em seu movimento elevatório ou como se estivesse cansado, como eu, de subir a encosta.

Pela primeira vez quis e pude contemplar a saída do sol. Mas – que se passa? – noto que não estou sozinho no cume. Ouço uma voz humana.

Adianto-me alguns passos e vejo um homem de pé, a sessenta metros de distância, mais ou menos, em postura bastante extravagante. Seu rosto na direção do sol, seus braços estendidos como quem quer abraçar ou repelir alguém ou alguma coisa. Balbuciava palavras estranhas e incompreensíveis, às vezes traçava no ar signos e figuras bizarras com a mão direita, produzindo vários sons articulados, dos quais de nenhum me posso lembrar.

“Que faz este homem, com quem está falando e que significam seus gestos?” Formulei essas três indagações interiormente e uma só resposta dei a mim mesmo: “É um louco”.

O temor impedia que eu me aproximasse dele, mas a curiosidade incitava-me a observar os seus menores movimentos. Por fim, e depois de longo tempo, fui vencido pelo medo e, para justificar-me, disse: “Já é hora de voltar ao trabalho”.

A curiosidade é, por vezes, o verdugo do homem. Atendia aos fregueses, mas em minha mente flutuava a imagem daquele ser estranho. Quis afastá-la com meus afazeres, mas meus esforços resultaram inúteis. Cada vez que eu ficava sozinho na loja, a inamovibilidade apoderava-se de mim e meus olhos cravavam-se num ponto que posso classificar de imaginário, enquanto meu pensamento flutuava em torno de uma só idéia.

-“Bom dia, jovem”.

A voz do recém-chegado acordou-me do sonho, porém de uma forma brusca e, não o nego, tremi como quando uma pessoa nervosa e desprevenida leva um susto. Era aquele homem, o motivo de minhas preocupações!

-“Por que se assustou?” continuou ele. “Isso demonstra que você é dos tais cuja atenção nunca está concentrada no que fazem. Meu jovem, você tem de reprimir esse mau hábito e desenvolver essa faculdade, porque sem ela nada mais fará senão complicar-se sem motivo e sem resultado . . .”

Nesse momento meu patrão entrou na loja e o desconhecido continuou:

-“Dê-me duas libras de açúcar e dois pacotes de sabão”.

Eu Atendi, silencioso, ao cliente. Ele pagou o valor das compras e despediu-se.

-“Patrão! O senhor conhece esse homem?”

Ele me olhou demoradamente e respondeu:

-“Ninguém, no povoado, pode responder a essa pergunta. Conheci esse homem há dois anos, quando aqui chegou. Comprou uma herdade a um quilômetro do povoado e ali vive com um servo mudo, pois ninguém o ouviu falar. Dizem que se chama Amenti, mas nunca lhe perguntei isso. Não visita, nem é visitado por ninguém. Todos o querem como a um pai. É o ídolo dos meninos do povoado. Muitas vezes reúnem-se com ele às margens do rio e ouvem histórias fantásticas, mas de fundo moral. Os pequeninos voltam alegres sempre que se reúnem com ele, aseados e respeitosos. Tínhamos um menino insuportável no povoado, cuja única ocupação era comprar discussões e brigar. Três vezes foi expulso da escola devido a mau comportamento e foi, certa vez, até a margem do rio, a fim de maltratar seus companheiros, enquanto estes privavam da companhia do misterioso estrangeiro. Este, então, chamou-o para perto de si e não se sabe o que sussurrou em seu ouvido. Desde aquele dia o menino se transformou num modelo de retidão e educação. Dizem que é como um déspota para com os adultos. Um dia um mestre-escola quis entabular conversa com ele, após o haver examinando uma pedra, e disse: - “Afirmam que esta rocha vulcânica foi expelida por um vulcão em 1330. Que lhe parece?” O desconhecido olhou-o atentamente e respondeu: “Pergunte a sua avó, que é mais velha do que eu”. Disse isto e voltou ao detido exame que estava fazendo. Conta-se, aqui no povoado, mil histórias a respeito dele e de seu isolamento. Uns dizem que é um filósofo que se afastou do mundo para escrever suas idéias e outros dizem que é um misantropo. O certo é que até hoje ninguém conseguiu penetrar em sua vida misteriosa.”

Nesse momento entraram alguns clientes. Meu patrão teve de cortar a conversa e eu tive de sofrer o indizível, pois nem sempre ele se mostrava comunicativo.

As semanas passaram e a vida misteriosa daquele desconhecido continuou excitando sempre a minha imaginação e enchendo os meus pensamentos. Durante várias noites sonhei com ele e acordava alegre desses sonhos. Recolhi dados sobre o nosso homem, mas eles eram confusos e contraditórios. Todos os domingos e feriados rondava, durante algumas horas, a herdade aonde ele vivia, como verdadeiro sabugo. Várias vezes a tentação de bater na porta e entrar foi grande. Mas ... com que pretexto? Que diria para justificar minha visita?

O desejo é um poder ingente. Hoje compreendo esse segredo. O sábio que afirmou que “querer é poder” deve ter sido um super-homem. O homem que sabe o que quer obtém, infalivelmente, o que deseja. A grande maioria da humanidade, no entanto, alimenta desejos fugazes e pensamentos quiméricos.

O pensamento é a forma mental abstrata que possui todo o poder em estado latente. É como o homem adormecido, que não se dá conta de nada. Mas, quando desperta de sua morte momentânea, reativa sua atividade. Assim é o pensamento: enquanto flutua no cérebro sem um desejo é como um cadáver inerte, mas quando se satura com o desejo enche-se de vida e se converte num ser criado que adere àquele de quem emanou, tal como uma sombra, para recompensar ou castigar segundo sua índole ou natureza.

Num quente dia de junho, estava eu sentado à margem do rio. A natureza sorria, alegre como a mãe que deu à luz um filho. Enquanto eu contemplava as águas que serpenteavam por entre enormes pedras, produzindo aquele ruído característico, semelhante a quem canta hinos de liberdade, ouvi uma voz que me dizia: “Jovem, o ruído do rio te hipnotiza. De outra vez não debes colocar-te tão perto da água, se quiseres contemplá-la”.

Era nada mais, nada menos que o misterioso Amenti que me dirigia a palavra. Tratei de ficar de pé para dizer-lhe alguma coisa, mas não pude articular mais do a palavra “Senhor”.

Ele, então, me disse num tom algo suave, deixando desaparecerem de seu rosto quaisquer sinais de rudeza:

-“Jovem, faz tempo que me persegues com o pensamento e muitas vezes quisestes entrar em minha casa. Que queres de mim?”

Procurei abrir meu coração para ele e dizer-lhe muitas coisas, mas minha língua permaneceu imóvel. Só meu olhar suplicante interpretava meus pensamentos e desejos. Ele sorriu para mim. Sentou-se a meu lado e colocou sua mão direita sobre meu ombro. Não posso explicar o que senti. Um tremor delicioso apoderou-se de todo o meu corpo, igual àquele que experimentei quando, ao tempo de meu primeiro amor, ouvi estas palavras: “Sim, eu te amo”.

-“Acalma-te, filho, porque sem serenidade não podes chegar facilmente ao fim da jornada. Da contemplação do rio debes extrair uma lição: quando estiveres com sede, não debes olhar para a água que se foi, mas para aquela que vem na tua direção para saciar a tua sede. Da mesma maneira, a sede do saber não se acaba com a agitação e a curiosidade. Estou lendo teus

pensamentos. Tu me persegues dia e noite, queres conhecer-me e aprender algo de mim. Teu desejo não me desgosta, mas incomoda-me tua curiosidade. Sê menos curioso e te educarei gratuitamente. Erraste muito nos poucos anos que já viveste e é preciso sofrer as conseqüências”.

Aquele tom suave de voz animou-me um pouco e pude dizer:

-“Senhor, efetivamente sou alguém que tem sede e meu espírito é um precipício sem fundo: nada o satisfaz, nem consegue enchê-lo. Sinto-me, às vezes, capaz de abarcar o universo inteiro em meu coração, mas também existem vezes em que me sinto tão pequeno quanto o mais miserável verme da terra. Sinto que há em mim dois seres, duas identidades, duas pessoas que não sei como chamar: uma busca o amor, a felicidade, a beleza, a luz e a eternidade, enquanto a outra adere à ambição, à desgraça, à treva, à ignorância. Meu coração converteu-se num cenário dessas contínuas contendidas. Nenhuma delas quer ceder e tenho de suportar a ambas. Que serão esse desejos e essas idéias que voam e passam por mim como uma revoada de pombos? Que serão esses resultados tristes e alegres que abraçam minha alma e meu coração? Que serão esses olhos que me olham dia e noite e essas vozes que choram pelos meus dias e cantam pela minha juventude?

Que será esta vida que brinca com os meus sentimentos e se alegra com a minha insignificância? Que será este mundo que me conduz ao desconhecido? Que significa esta terra que escancara suas mandíbulas para tragar os corpos e abre seu peito para suas ambições? E esse homem por amar a felicidade sem possuí-la, que pede o beijo da vida e é esbofeteado pela morte, que compra um minuto de prazer por um ano de arrependimento, que corre como os rios da ignorância para um golfo de trevas? Quem sou eu? Quem é Deus?”.

O senhor Amenti escutava as minhas palavras com um sorriso nos lábios. Não sabia se era por brincadeira, por paixão ou por interesse. Sua fisionomia era insondável. Seu olhar tão penetrante quanto a luz do sol que ninguém consegue sustentar. Por duas vezes cruzei o meu olhar com o dele e senti um forte golpe entre as sobrancelhas, eu falava olhando às vezes o rio e outras as ervas das margens.

-“Jovem, tuas palavras trouxeram a minha memória recordações da minha infância. Quando tinha cinco anos dirigia a meu pai perguntas, cujas respostas jamais consegui entender. Perguntas com estas: “Por que as estrelas estão sempre acima de nós? Por que o sol se põe?” E minha mãe, para satisfazer àquelas perguntas, dizia: “Porque nós estamos debaixo delas e o sol vai dormir como todos nós porque tem sono”. Neste momento encontro-me na mesma situação de meu pai: não sei como responder-te. Tu queres ver o Universo e decifrar seus enigmas com os olhos e a inteligência humanos. Pobre néscio! Vai ao campo e encontrarás a abelha beijando as flores e o leão arrojando-se sobre a sua vítima. Sê como a abelha: não desperdices os dias da Primavera contemplando o leão. Tu, que pretendes conhecer os mistérios do universo, ocorreu-te alguma vez a idéia de estudar, pelo menos, o teu corpo físico? Tu és como aqueles que desejam reforma o mundo, mas são, eles mesmos, os mais precisados de reforma. Sê, meu filho, como uma criança e brinca com teus brinquedos enquanto sirvam para isso, embora não devas chorar ao perdê-los. Tudo o que vês já foi e será para ti. Se não fores dual não poderás ter uma existência objetiva. Deves contemplar a luta que se trava dentro de ti, porque ela é o emblema da existência. Tuas idéias e pensamentos são teus instrumentos criadores. Os resultados tristes e alegres são a semente que teu Passado semeou no campo da alma, e teu futuro colherá frutos. A

juventude que brinca com teus desejos é a mesma que abrirá teu coração à luz. São as mandíbulas da terra que livram tua alma da escravidão do corpo. Não é o mundo que te conduz ao desconhecido e sim tu é que estás conduzindo o teu mundo ao seio do Infinito. Dize-me: por que as aves no céu e as flores no campo vivem sempre felizes? Por que elas não temem a Mãe-Natura, apesar de sua cólera e de suas tempestades, enquanto os homens a observam por trás das vidraças? Vai-te, meu filho, vai-te e deixa que a chuva te beije, porque ela te ama, estuda a natureza em teu corpo e não temas pelo teu pêlo, porque ele é muito duro e não se dissolve, nem funde facilmente. Aproxima-te de tua Mãe e aprenderás com ela a lealdade, a força e a magnificência.

Sim, tu estás num barco a ponto de ser tragado pelas furiosas ondas do mar, não deves perder tempo chorando ou a formular queixas, porque o pranto e o queixume afastam teus sentidos das belezas naturais que se encontram a teu redor. É a Mãe-Natureza com seu terror e seu poder. Não digo que não devas orar a Deus para salvar-te, mas que deves agradecer a Ele porque te deu a oportunidade de ver o pélagos em fúria e experimentar aquelas sensações que emanam de suas ondas bravias. Não crês que essa visão é digna de que a contemples? Será, acaso, todos os dias que podemos ver essas raras maravilhas da natureza?”

-“E se as ondas me tragarem?” – perguntei, sem dar-me conta do que havia dito.

Amenti olhou-me com o rabo dos olhos e respondeu num tom não desprovido de brincadeira:

-“Acaso mereces a honra de ser tragado pelas ondas enfurecidas? O covarde morre cem vezes por dia e não merece morrer uma só vez em combate. No entanto, suponhamos que a Morte te surpreenda no mar ou na cama. Acaso isso pode diminuir alguma coisa em tua alma eterna? Por que ter medo? Acaso o homem pode ter medo de Deus? Não seria absurdo que um filho da Natureza tivesse pavor de sua mãe? Pode o espírito eterno e real ter medo de algo irreal? Não reprovos, contudo, a tua covardia. É uma herança de teus antepassados. O que deves fazer, a partir de ti de hoje, é mudar o ritmo de teus pensamentos e afastar de ti toda idéia negativa. Como? Basta pensar sempre bem ao teu respeito e a respeito dos demais. Busca o belo no feio, a luz na sombra, a saúde na doença e a felicidade na desgraça”.

Passaram-se meses sem notícias daquele ser incompreensível, pois, após meu encontro com ele, desapareceu repentinamente do povoado.

Eu continuava em meu emprego, silencioso e meditabundo. As palavras ditas pelo desconhecido ficaram gravadas em letras de fogo na minha memória e eu sentia que elas fermentavam em meu cérebro. A cada novo dia e a cada nova noite eu procurava penetrar o sentido de cada frase, valendo-me das comparações para entender melhor.

Nos dias festivos ou de férias, saía de manhã cedo de meu quarto e vagava pelo bonito vale do rio. Escutava a Natureza a chamar-me e aceitava o seu convite. Errava entre as pedras e chegava ao coração do bosque.

Ia, não em busca de descanso, mas de inspiração. Ia como um lenhador, porém usando o pensamento como machado e minhas idéias como carga.

Um dia, daqueles que ficam perplexos entre o outono e o inverno, desci ao vale e escalei uma enorme rocha de onde pude contemplar o rio e ver os efeitos da tempestade do dia anterior, noite em que se realizou o casamento do deus inverno com sua querida noiva, a Natureza. As águas do rio estavam vermelhas como sangue, suas pedras entrechocavam-se com fúria e me pareceu ouvir o estampido de milhares de canhões longínquos.

Contemplei, extasiado, aquele panorama e senti que meu espírito separou-se do corpo, voando por cima das árvores molhadas e das rochas vermelhas no verão e negras no inverno. Ele vou e voaram com ele todos os meus pensamentos, desejos e ilusões. Senti que o espírito do vale se tinha apoderado de meu copo e acreditei que eu e ele éramos um só ser: em minha alma havia, como nele, sombras, fantasmas e grutas; havia rochas, árvores, rios, pássaros, insetos e tudo que a Natureza pode ter. Que diferença havia entre eu e aqueles seres? Absolutamente nenhuma. Sentia que eu era o Todo neles e que eles estavam todos em mim.

Em que estado me encontrava? Sonhando? Estava, porém, em perfeito estado mental. Via, raciocinava comigo mesmo, embora não me sentisse como uma pessoa isolada e sim como um conjunto de seres, a um tempo unido e separado deles. Positivamente, meu estado devia ser anormal...

Terão pensamentos e raciocínio os pássaros e as plantas? Eu lia seus pensamentos e elas também liam os meus. Ouvi o canto de um pássaro e compreendi o que ele dizia. Respondi-lhe, não sei como, e ele me entendeu e voou até mim e pousou a meu lado, gorjeando com alegria durante alguns momentos. Vi, depois, que alguns outros, de espécies diferentes, também vinham até mim, sem temer-me e acreditei que os acariciava.

Quando era garoto, meu pai contava que o sábio Salomão falava com as aves do céu. Teria eu me transformado em Salomão?

Sentia-me banhado por uma atmosfera desconhecida, mas que podia experimentar. O bem-estar que eu experimentava devia ser obra da minha imaginação. Algo, porém, em mim, repelia esse juízo da minha razão e essa foi a primeira vez na minha vida que assisti a um conflito entre a razão e o sentimento: uma afirmava a realidade dos fatos, enquanto a outra criticava as excursões da minha fantasia.

Fosse o que fosse, estava feliz naquele estado. Nesses momentos eu era um foco de amor e sentia que o Universo recebia sua vida de meu Amor. Todo o meu ser exalava algo que vivifica e essa sensação me era muito agradável. Profunda ternura acrescentava-se em meu peito e desejava tomar todo o Universo em meus braços, com todos os seus seres, colocá-lo sobre o coração e niná-lo, como uma mãe carinhosa ao filho amado.

Teria aceito toda sorte de sofrimentos, contanto que o mundo fosse feliz e próspero. Onde vinha tanto carinho? Sentia que meu coração se dilatava para abarcar o tudo. O sentimento era tão intenso e tão profundo que transcendia à alegria e à tristeza.

Compreendia, então, a doçura do dor, o encanto do sofrimento e a amargura da alegria. É muito difícil explicar as sensações do estado em que me encontrava, quando o prazer e a dor se mesclam, sem possibilidade de separação.

Eu me encontrava numa doce paz. Certa espécie de calma eterna. Mas, quem aceitaria que a calma tem uma melodia que não pode ser comparado com a humana? Por que motivo esta é, ante aquela, um ruído ensurdecedor, um ruído sem significado? E que significado pode ter o som que não emane da calma? Naqueles momentos pensei nos morfinômonos, nos espiritualistas e nos budista; naqueles que se embriagam pela fé ou pelo ópio e se elevam com seus sonhos para além da Natureza ou descem ao mais inferior de seus elementos.

Tudo falava à minha volta, tudo brilhava, tudo emitia sons e cores diferentes, mas harmoniosas com as demais. Pareceu-me que o sol era um imenso órgão cujas teclas eram acionadas por seres visíveis e invisíveis.

Estava eu, contudo, vendo e ouvindo? Não sei responder. As palavras ver e ouvir são, aqui, utilizadas para facilitar a compreensão. Não era, porém, ver e ouvir o que eu experimentava. Que era, então? Não posso explicá-lo, embora o sentisse. Sim, eu estava sonhando, é verdade, e o sonho era extraordinário. Seus detalhes eram de uma realidade notável. Mas, se era um sonho, onde estavam as características principais que o distinguem, como, por exemplo, o enfraquecimento da consciência pessoal?

A análise não confirmava nada disso. Minha atenção fixava-se com facilidade sobre determinado ponto. Minha vontade guiava-me sem alteração. Meu juízo estava intacto.

Procurei recordar e ver muitas coisas e consegui ver, recordar e sentir a atividade de minha consciência pessoal.

Por fim eu via a mim mesmo, ao meu corpo. Foi quando me convenci de que meu estado era anormal. Meu corpo estava estendido, transparente, perfurado por um sem número de pequenos orifícios. Todos os órgãos interiores funcionavam, porém lentamente. Ao redor daquela massa transparente havia outra, mais sutil, semelhante à luz que rodeia as lâmpadas elétricas nas noites de neblina.

Isto me surpreendeu muito, porque era uma sensação nova para mim. Não tive medo, mas assombro e perplexidade ao mesmo tempo. “Que devo fazer?” perguntei-me. “Que se passa? Será isto a morte? Não, não pode ser, porque me sinto vivo.”

Depois de observar atentamente o corpo físico adormecido, semimorto, senti-me arrastado a entrar numa estranha atmosfera, como se alguém me empurrasse contra elas. Ali entrei com a convicção de haver viajado por grandes distâncias. Porém, ao voltar meus olhos para meu outro corpo estendido, verifiquei que não me havia afastado nem um metro de meu posto e que meu corpo continuava adormecido. Diante de mim via faixas de luz fosforescente, com matizes e tonalidades diferentes.

Via linhas azuladas que atravessavam o espaço e notava auréolas em torno de cada objeto, como um estojo que os impedissem de serem fragmentados. Contemplei e meditei sobre esses fenômenos.

Que maravilha! Como meus movimentos estavam céleres!

Naquele estado quis ver minha cidade-natal, a meus amigos e, sem entender como, encontrei-me nela e vi a quem desejava ver. Teria me transportado para aquele distante lugar? Não podia ser, porque estava ao lado do meu corpo. Aquele lugar, então, tinha vindo a mim? Era pouco provável que assim fosse. Não posso explicar o fenômeno, mas sei que ele era real.

Por cima da cidade nuvens de colorações extravagantes flutuavam no espaço e essas nuvens coloridas devoravam-se entre si, subsistindo a mais radiante que, ao absorver as demais, aumentava a intensidade do próprio brilho.

Vi alguns de meus amigos, assim como alguns inimigos, que desilusão! Cada um deles estava cercado por uma atmosfera luminosa de várias cores, mas em cada um deles predominava um matiz determinado e todos eram sujos.

Um de meus melhores amigos falava e deixava sair da própria boca seres repugnantes de diversas cores.

Não sei por que motivo senti por ele profunda compaixão. Quis aproximar-me e impedir que continuasse falando, porque via que suas palavras eram como répteis que voltavam para ele a fim de devorar-lhe o coração, mas não me foi possível manifestar essa intenção.

Pensei, depois, numa pessoa que considerava como inimiga, porque várias vezes me havia chamado à atenção. Vi-a sentada em seu escritório, meditando, e ao redor do seu corpo havia uma nuvem amarelo-dourada com matizes azuis. Senti impulso de ajoelhar-me ante aquele ser e pedir-lhe perdão. Quis, até, beijar a sua mão. Como estivera enganado! Àquele ser a quem se devia amar e respeitar eu havia transformado em inimigo e até, por vezes, chegado a odiar.

No estado em que me encontrava esqueci-me daquilo que atende pelo nome de ódio. Quis, várias vezes, recordar aquela sensação, mas tal coisa não foi possível. Eu era um foco de amor, de carinho e não cabiam em mim outros sentimentos.

Posso assegurar, sem medo de estar enganado, que naquele estado o poder do desejo é tudo. Bastava que eu desejasse alguma coisa e a coisa vinha até a mim ou eu ia até ela sem saber como, embora não sáísse do lugar, ou seja, do lado de meu corpo inerte.

Enquanto contemplava minha cidade, observava que de cada casa saía uma espécie de fumaça ou neblina de várias cores. Também os homens que transitavam nas ruas estavam cercados daquelas mesmas nuvens de diversas cores e os matizes de um mesmo tom eram distintos em cada indivíduo. Bastava-me ver uma cor para sentir amor ou compaixão pela pessoa que a desprendia.



Não posso saber quanto tempo permaneci mergulhado naquele delicioso sonho. Por fim, lembrei-me daquele estranho ser que não tinha mais visto há muito tempo e do qual não ouvira mais falar. Onde estaria? Por que não podia vê-lo, como tinha visto meus amigos?

Antes que terminasse de formular tais perguntas, vi o Sr. Amenti muito perto de mim num estado especial. Cravava em meu corpo estendido o seu olhar e de seus olhos saíam raios de luz bastante intensos que envolviam todo o meu físico. Não tive tempo de averiguar nada do que fazia, porque o ouvi dizer:

-“Como fostes dormir em cima dessa pedra? Levanta-te”.  
Olhei para meu interlocutor, que era o próprio Amenti, e disse:  
-“Eu estava dormindo, senhor?”  
Ele sorriu e respondeu:  
- “Segue-me”.

Conduziu-me, então, a sua casa. Portão, jardim, porta, corredor, sala e, logo em seguida, um quarto grande provido de biblioteca. Aproximou-se do escritório, abriu uma caixa grande e tirou dela um manuscrito bem enrolado e amarrado por um cordão de seda lacrado. Entregou-mo, dizendo:

-“Tudo que te posso ensinar encontrarás neste livro. Leva-o. Está é a última vez que nos encontramos neste mundo pequenino. Mas escuta bem o que te vou dizer: tu não podes romper o selo deste livro, senão quando tiveres o dobro da idade que tens agora. Ai de ti se desobedeceres a este mandamento! Vai em paz e lembra-te de mim e das minhas palavras. Jura-o!”

Jurei e saí tremendo da presença daquele raro ser, carregando o manuscrito com todo o carinho.

\* \* \*

Hoje, após 21 anos e poucos meses mais, esgota-se o prazo daquele juramento. Com as mãos tremendo rompo o selo do cordão de seda. Desenrolo o papel que protegia o livro como quem profana um túmulo para roubar uma prenda do morto. Um suor frio banha-me a fronte. Minha respiração torna-se difícil. Porém, finalmente descobro o livro; separo a página de rosto com o dedo, levanto a primeira folha branca e leio o seguinte:

*O Livro sem título de um autor sem nome.*

Em seguida, chego à terceira folha onde começa o livro. Não pretendo reproduzir aqui toda a obra porque a exigüidade de espaço não me permite; porém, para satisfazer a curiosidade do leitor, copio os três primeiros capítulos.

## CAPÍTULO I

### A LIBERTAÇÃO

Durante quatro dias, nove meses e quarenta e dois anos esteve preso um ser humano, cujo nome todos desconheciam, era conhecido como o inominado.

O Sem-nome. Em sua obscura prisão, preso a correntes de ferro, permanecia esquecido pelo mundo exterior, sofria o silêncio do próprio espírito como num horto e a dor era a única companheira da sua solidão.

A escuridão desceu espesso véu sobre seus olhos, sua mente sofreu certa mudança e seu coração deixou de sangrar.

Sua memória perdeu a noção do tempo e do espaço e seu sentimento converteu-se no eixo do quanto e do quando.

Já não vivia, mas sentia que era a própria Vida e, embora não se movesse, imaginava ser o centro de todo movimento. E, certa manhã, indultaram-no, desprenderam-no das correntes e o trouxeram à luz do sol.

Tinha olhos, mas não via. Possuía os órgãos dos sentidos, mas não percebia. No entanto, via sem olhos e sentia sem os sentidos.

O carcereiro disse-lhe:

-“Inominado, recolhe os pedaços de tua alma que deixaste nesta prisão e traze-os à luz do sol. És livre. Vai-te”.

O Inominado exclamou:

-“O Astro-Rei! Não sou livre porque tua luz é escura para mim. Em seguida perdeste a sorte, porque não te posso ver. Minha liberdade faz com que tua luz seja escura, mas ao mesmo tempo minha libertação faz com que minha escuridão seja luminosa.

Pelos teus raios sobem as serpentes fugidas das cavernas dos olhos humanos e ante teu rosto dançam os escorpiões dos cérebros.

Nos dias que ainda virão teus raios varrerão as consciências para sepultar suas imundícies, de noite, no meu sentir.

Olha, Astro-Rei, tu que podes olhar: meu Sentir é como o oceano que tem o poder de clarear as consciências turvas.

Meu sentir é salgado e amargo, mas nos corações sedentos e nas bocas amargas será como fontes a emanar doçura e vida.

Olha, Astro-Rei, tu és um olho insensível e meu Sentir é um olho vivo. Tu olhas para baixo, para a imensidão do que existe embaixo. Eu olho para cima, para a imensidão das alturas.

Tu queres purificar tudo, mas eu purifico a ti.

De hoje em diante não serei eu. Estou farto da periferia. Eu serei o Centro”.

Quando assim falou o Inominado, o carcereiro, convencido de sua loucura, olhou tristemente para ele e, sorrindo compassivamente, disse-lhe:

- “Aonde queres que te leve?”.

O Sem-Nome respondeu:

- “A águia tem seu caminho no ar, a serpente na roda e a formiga no chão, mas eu sou o fim da viagem. Assim como o oceano sai do riacho e ao oceano volta.

Já não voltarei aos homens. Que os homens venham a mim.

A galinha não teme perder seus pintinhos quando estes correm e se afastam dela, porque ela sente que o centro encontra-se debaixo de suas asas.

Já não darei mais amor aos homens, mas lhe tirarei a ignorância.

Já não lhes venderei mais a felicidade, mas comprarei suas desventuras.

Não lhes oferecerei mais bens, mas carregarei suas ambições. Porque os homens não gostam dos presentes dos homens, embora adorem a quem lhes retira suas cargas.

Para eles a dor aliviada é mais apetecível do que a própria saúde. Eles procuram a doença para inventar o calmante.

A partir de hoje não serei para eles nem saúde, nem calmante. A partir de hoje converter-me-ei em mar, devorarei suas dores, beberei suas desgraças até que chegue o momento em que possa arrastá-los todos ao meu seio.”

Propagou-se em toda comarca de que, no centro, encontrava-se um ser Sem-Nome, que tirava os pecados dos homens, devorava suas dores e bebia suas desgraças.

E todos os homens sob o peso de suas desgraças arrastaram-se até ele e, após lhe arrojarem suas cargas, retornavam vazios e alegres.

Mas... como é doloroso carregar a tristeza alheia e quão fácil é lançá-la sobre os ombros do próximo, sem mover qualquer dos dedos...!

Homens e mulheres produziam desejos, como fontes que se dirigem ao mar. Todos buscavam alívio banhando-se em suas águas.

E não faltou quem dissesse:

- “Amamos muito a você porque lhe damos o que temos”.

\* \* \*

## Capítulo II

### DA ENFERMIDADE

E chegaram a ele muitos enfermos, assim falando com a voz lastimosa:

- “Senhor, carregai nossas doenças”.

E ele respondeu:

- “Por que relatais vossa plenitude com tanta tristeza? A doença é um luxo por certo bastante caro. Voltei à animalidade ou escalai a divindade, porém sem imitações e sereis sadios. Vossa imitação é a causa de vossas dores.

Buscai a mim para que carregue vossas enfermidades e esqueceis que a enfermidade é o melhor remédio e a dor o melhor médico.

Vós imitais e vossa imitação rompe vossa semente para que germine e fecunde. No entanto, tendes sempre medo da ruptura de vossa semente e fazeis como aquele corvo que quis imitar o modo de caminhar da perdiz e, não conseguindo, acabou esquecendo o próprio modo de andar.

A rã quis imitar a vaca e explodiu.

Só o animal e o divino podem viver sadios, mas haveis feito de vossa divindade uma humanidade.

A animalidade aceita, comprazida, as quatro estações, juntamente com a tristeza de suas mutações. Só a humanidade não consegue contemplar serenamente o movimento rítmico do ano.

Toda a saúde está dada e o círculo não admite aumento, mas vossa humanidade buscou as coisas boas em má origem.

Sede de ontem ou de amanhã, mas não deveis ter nada de hoje, porque o hoje é um poço sem água.

Sede animais ou divinos: comei e bebei como animais, aspirai como plantas e pensai como deuses e irradiareis saúde e força.

Não deveis ter piedade de vossa humanidade, porque a piedade asfixia e vos obriga a cometer o pecado de adoecer.

Sede inocentes em vossos desejos e bebei da fonte da Vida. Não deveis envenenar essa fonte de gozos com a vossa sede impura.

Vossas palavras são águas santas emanadas da Fonte da Vida; não deveis envenená-las com vossos sonhos impuros.

O humano é duplamente desavergonhado: adoece e relata carinhosamente a estória da sua doença.

Não vos posso dar saúde, porque toda a saúde está dada, mas posso livrar-vos das doenças. No entanto, para carregar vossas doenças, deveis dar-me, junto com elas, a vossa humanidade.”

Quando ele acabou de dizer isso, todos que o ouviam despojaram-se de sua humanidade e regressaram sãos e contentes. Somente um deles permaneceu no chão, olhando avidamente para aquele que tira as dores. E o Inominado perguntou:

- “Por que não quereis seguir vossos companheiros?”

E o único doente respondeu:

- “Se és um ladrão, tens de repartir comigo o fruto do roubo, mas, se és um salvador, gostaria de carregar a tua cruz. Não quero ser um animal sadio. Continuarei sendo humano e enfermo até escalar tua divindade.

Não me separo mais de ti, nem quero ser coveiro de animais.”

Ao ouvir isto o Inominado falou a seu coração e disse:

“Quem disse que Deus morre?”

E seu coração dilatou-se e absorveu aquele homem com sua humanidade.

\* \* \*

### Capítulo III

#### DA MULHER ENGANADA

E veio a ele uma mulher e disse:

- “Senhor, que posso dar-vos para recuperar o amor do meu homem?”

E ele respondeu:

- “Mostrai-me vossa flor”.

E a mulher empalideceu, enquanto ele continuou:

- “Quem vos disse que não tendes uma flor? Vossa flor deveria adornar o coração de vosso homem e não apenas aromatizar seus pés.

Vosso cálice deve transbordar e derramar o vinho de sangue do coração e não a urina dos rins.

Por que derramais o líquido cerebral de vosso homem para encher o vosso vaso sagrado com o vinho babilônico?

Por que começastes por apalpar o prazer em busca do amor, ao invés de buscar o amor que conduz ao prazer?

Vós não estais pedindo o amor de vosso homem, apenas o que fazeis é alimentar o amor com a astúcia do instinto.

Quem pede que sua astúcia caminhe ao lado da voluptuosidade pede coisas impossíveis à felicidade.

A mulher deve ensinar o homem o sentido da existência e ser o raio que ilumina a nuvem do cérebro e as brumas do coração.

A mulher deve ser a intermediária entre a humanidade e a divindade. Mas... Quão obscura é a mulher quando se detém na humanidade!

A fome impura da mulher devora o coração do homem e sua sede nefasta absorve o líquido de seu cérebro.

A mulher deve ser como a planta que se sustenta da luz do homem, mas sem necessidade de matá-lo para alimentar-se, nem de absorver o seu sangue para saciar sua sede.

Desde o momento, porém, em que a mulher pede o sacrifício, é preciso que transforme o seu próprio ventre num altar digno desse sacrifício.

A lei que empurra o homem à frente do altar da mulher é a mesma que faz o fogo descer do céu para consumir o holocausto.

A lei quer que a mulher atice sempre o fogo e é maldita aquela que tenta apagá-lo.

Por que haveis transformado o mar furioso do amor num lago tranquilo?

Quem come de seu próprio pão até ficar farto e bebe da água da sua vida até ficar saciado, esse ficará sem pão e sem água.

Quando vosso homem se ajoelhou ante vosso altar, amortecendo vosso corpo, por que haveis consentido que vos adormecesse a inteligência? Não sabeis que a inteligência não pode dormir, a fim de que possa arrancar os recônditos arcanos da Natureza?"

Enquanto assim falava, a mulher dizia a seu coração:

"Será este o meu homem, para que possa ler em meu cérebro?"

E ele continuou:

"Dai-me vosso querer e adorai a vosso homem para que ele retorne. As mulheres não sabem distinguir entre os termos 'te adoro' e 'te quero'. 'Te adoro' significa 'te dou'; 'te quero' significa 'me dás'.

A adoração é a fortaleza do espírito gigante, que suporta muitas cargas e se alegra com o seu poder. Não pede, nem dá esmola; não se ajoelha para humilhar o seu orgulho, nem se orgulha para exaltar a humanidade. Ao contrário, consume-se no fogo da dor para dar brilho à sabedoria.

Querer errado é o próprio fracasso no momento de conseguir a vitória.

A expressão 'te adoro' consiste em amar os que nos desprezam e ajudar aos que vêm até nosso coração. A expressão 'te quero' consiste em explorar aos que nos desejam, cujo querer deverão arrastar-nos a seus pés.

O 'te quero' espreita o caminho do amor como o dragão de sete cabeças e suas sete faces também repetem o termo 'te quero'.

Dai-me o vosso 'te quero' e deixai a semente da vossa adoração cair, silenciosa, no espírito de vosso homem e sereis um com ele e vossos corpos serão um só ponto na Unidade do espírito."

## O PROCESSO CONTRA O BURRO

“Houve um tempo em que os animais falavam, e os homens entendiam sua linguagem; hoje os animais falam, mas os homens não os entendem. Contudo, existem, até hoje, alguns homens, certamente poucos, que ainda entendem o idioma universal da Natureza, que é o idioma do homem e ao mesmo tempo o dos animais.”

Era o que me assegurava um amigo – perdão, empreguei mal o termo; eu não tenho amigos nem posso tê-los, porque eles não mais existem. Então repito: era o que me assegurava um homem, companheiro de uma viagem de trem.

A julgar por sua fisionomia e por seus modos, convenci-me de que se tratava de um filósofo muito sério, pois sua forma de se expressar me surpreendeu.

Falava a respeito de tudo, e com tal segurança que cheguei a pensar que aquele filósofo seria uma fonte inesgotável de sabedoria e de experiência.

Para meu pesar, aquele homem conquistou meu respeito. Sentou-se junto de mim, único lugar desocupado, cumprimentou-me com toda a cortesia, e depois me disse:

- Companheiro! Sei que você é um homem muito retraído, que vive no mundo dos seus pensamentos; porém, permito-me a liberdade de dizer-lhe que viagem é longa, e as asas de sua mente, ao se verem impossibilitadas de atravessar o Infinito, irão se cansar e retornarão a este mundo.

E assim começamos a conversa; falamos de muitas coisas e, sem perceber como nem por quê, chegamos ao assunto que foi objeto deste conto.

Quando ouvi aquela afirmação sobre a linguagem comum dos animais e dos homens, fitei-o nos olhos, janelas da alma, para certificar-me se estava gracejando ou zombando de mim. Seus olhos estavam serenos como lagos encerrados entre montanhas; refletiam a serenidade e a segurança que nos fazem cambalear em nossa firme convicção.

Inclinei então o olhar e, entre um movimento de ombros acompanhado de um trejeito nos lábios, que às vezes nos coloca entre a dúvida e a crença, disse-lhe:

- Pode ser.

- Pode ser? – indagou ele com ênfase. – Este “pode ser” cheira a dúvida e negação.

Depois de um momento de silêncio, voltou a dizer-me, com um tom suave, como se tivesse pena de minha ignorância ou como se estivesse arrependido de sua emoção.

- Não o culpo se você não pode entender o meu idioma – observou ele, guardando silêncio.

Eu, de minha parte, quis ler algo em seu silêncio; feriu-me profundamente o seu tom compassivo e logo perguntei:

- De que idioma você está falando? Será do idioma universal?

No torvelinho daqueles fiapos de silêncio, atilei meus ouvidos para escutar as palavras que caíam de seus lábios.

O homem extraordinário não respondeu às minhas perguntas, mas com toda a tranqüilidade começou a relatar o conto que se segue:

Contam, e Deus saberá melhor que qualquer um – como dizem os árabes –; porém, você deve considerar que eu disse “contam”.

Pois bem, contam que, em certa selva oriental, um leão tinha saído de sua guarida e lançou um rugido aterrador para os ouvidos humanos; mas para os animais era um chamamento do Rei das Selvas. Era como uma convocação para uma Assembléia Geral de todos os chefes dos animais.

- O Rei ordena, que viva o Rei! – ouviu-se o grito por toda a selva.

Era noite. A lua surgiu e cravou seus olhos naquela policromática e extraordinária Assembléia de animais ferozes; imediatamente inclinou seus ouvidos a fim de ouvir todas as moções e sugestões dos presentes.

A lua é um anjo intermediário: executa as ordens do Sol na terra e registra os fatos da Terra para comunicá-los ao Sol.

\* \* \*

O secretário da Assembléia de animais era o papagaio, que começou a fazer a chamada, um por um, de todos os presentes, para certificar-se de que havia quorum, requisito necessário para a abertura dos trabalhos da sessão. Todos estavam presentes: o leão, o tigre, o leopardo, a hiena, o lobo, a raposa, o cachorro e muitos outros mais (aqui se pode repetir o dito que diz: “Deus os cria e eles se juntam”).

Por volta das dez da noite, levantou-se o leão e pronunciou seu discurso de abertura:

- Ahaa Ahaááárrr Tháááárrrrr.

Traduzido para a linguagem humana, isto significa:

- Senhores e chefes do reino animal, convoquei-vos nesta noite para levar ao vosso conhecimento que o estado atual das coisas é insuportável, calamitoso, desastroso. Nossa selva já está vazia e não há alimentos; vejo-os esqueléticos e mortos de fome. Deveis saber, meus filhos, que quem deseja seguir, sem desviar-se, a corrente da vida, deve ter três coisas: riqueza, poder e previsão para o futuro. Atualmente, nós somos poderosos, mas nos falta a riqueza, e eu, na qualidade de vosso rei, tenho por dever velar por vossos interesses para o futuro.

Quando o rei chegou a esta altura, ouviu-se entre os animais o som de muitas vogais unidas, à vezes, a algumas consoantes, como: Uúúúú, Iiii, Ababab, Nau, Nau etc.; eram aplausos.

Satisfeito com o efeito que suas palavras produziam, o rei continuou:

- Sim, meus senhores, o rei que não cuida dos seus súditos é um rei egoísta e mau. O rei que vive na opulência, privando dela seus amigos e irmãos, é um morto que caminha. Não negamos que todos somos sanguinários e ferozes; porém, de que nos servem as garras e a potência das mandíbulas, se não temos caça? Nós, senhores, devemos aspirar a toda opulência e poder.

- Siiiiii! – gritaram os presentes.



- Não é porventura ignomínia que nós, reis e príncipes da selva, morramos de fome e de fraqueza, enquanto os animais domésticos vivem na opulência, carregados de carne e gordura?

Ao proferir estas palavras, o leão engoliu a baba que lhe caía da boca, enquanto o lobo segurava a barriga com suas duas patas, pois seu estômago roncava de fome. O urso caiu no chão, murmurando entre os dentes: “Pra que falar de comida diante de um faminto?” Por sua vez, o tigre lambia seu focinho com a língua.

- Minha conselheira, a raposa – prosseguir o leão –, disse-me certa vez: o forte deve dominar os fracos e o grande deve engolir o pequeno, porque esta é a lei natural, e aquele que se descuida de cumpri-la será castigado pela própria lei, trocando sua força pela fraqueza, e...

Nesse momento as palavras do leão foram interrompidas por um zurro sonoro que provinha de um estábulo distante da selva. Aquele zurro produziu no leão uma onda de cólera, um manifesto nervosismo; e então ele gritou:

- Quem é o atrevido que fala assim, sem minha permissão? Pois esse insolente que se ri da desgraça alheia merece a morte!

- Senhor! – atalhou o cachorro – eu conheço essa voz; é do nosso irmão, o burro e, como Vossa Majestade sabe, é um ser muito bobo, porém muito pacífico.

- Amigo cachorro, esse animal bobo, que sabe interromper os reis em seu discurso, merece um castigo exemplar. Por acaso você não lhe ensinou que o rei não deve ser interrompido quando fala?

- Sim, senhor, mas permito-me lembrar que Vossa Majestade tinha promulgado a liberdade de palavra e de pensamento.

Quando o leão ouviu este argumento, sacudiu sua juba, ergueu-se, deu uns passos entre os presentes; despertara-se nele a qualidade de rei e leão, de amo e senhor da selva. Em seguida bramiu:

- Ahááááárrrr. (Você também é um traidor que defende o inimigo do seu rei.).

Os demais animais ferozes responderam com um grito mais feroz e cravaram olhares flamejantes no cachorro, mostrando-lhe seus cortantes colmilhos.

O pobre cachorro, apesar de sua fidelidade ao seu amigo, o burro, não se alterou, mas, ao se ver perdido, reuniu forças de sua fraqueza e disse:

- Perdão, Majestade, vós sabeis que sou o ser mais fiel entre os quadrúpedes e nenhum ser me chamou de traidor; porém, se eu respondi a Vossa Majestade desta maneira é porque, levado pelo amor que dedico ao meu rei, tinha que defender a reputação de Vossa Majestade, pois me ensinaram, desde pequeno, que as palavras dos reis são as rainhas das palavras.

Quando o cachorro terminou de proferir sua autodefesa, o urso levantou-se e disse:

- A reputação do rei está acima de toda calúnia; por isso, não precisa de tua defesa.

Sua Majestade teve razão quando te chamou de traidor, porque, apesar de tua origem sanguinária, te deixaste domesticar pelo homem, e teu amor pelo homem, por seus bens e por seus animais domésticos obriga-te a atacar tua própria raça, nação e pátria. Por isso, também eu te chamo de traidor.

Desta vez o cachorro se encolerizou e gritou: “Hab, Hab!”, que se traduz por “Protesto, Majestade! Este urso sujo é o traidor, e tenho minhas provas. Este urso nunca ataca de frente, mas somente as crianças e os pequeninos. Com os fracos ele é um herói, mas diante dos fortes é tão velhaco e covarde que não se atreve a deter-se em sua fuga. E tem mais: quanto tem fome e não encontra um ser fraco para devorar, encolhe-se em sua toca e chupa o sangue de suas próprias patas para saciar sua fome. Ele se deleita também em fartar-se com os cadáveres putrefatos, coisa que horroriza a Vossa Majestade e todo animal que possui um átomo de dignidade”.

Ao ouvir o cachorro revelar sua vida íntima, o urso urrou em voz baixa e logo se calou, meditando um plano de traição no qual devia pilhar o inimigo.

Entrementes, pôs-se de pé o lobo que pediu a devida licença para usar da palavra e falou desta maneira:

- Majestade, Príncipes. Vós todos sabeis que sou o súdito mais leal e mais dedicado ao meu rei e à minha selva. Odeio mortalmente a traição e o traidor. Vós todos sabeis que existe um vínculo de parentesco entre mim e o cachorro. Outro, em meu lugar, respeitaria o parentesco; mas eu, na qualidade de súdito fiel, declaro aos quatro ventos que meu ex-parente, o cachorro, é traidor, porque defendeu um estrangeiro pernicioso. O burro é um constante agitador, não respeita nossas sagradas leis selváticas; o burro merece a morte porque interrompeu a voz de nosso senhor, o rei, Sua Majestade, o leão; e também o cachorro merece a morte porque se converteu em defensor de um traidor, pois o defensor de um traidor é igualmente traidor.

O discurso do lobo excitou o apetite de todos os presentes e muitos deles chegaram até a cheirar a carne fresca do burro.

Indignado diante da hipocrisia do lobo, o cachorro ladrou com mais força do que antes, e disse:

- Estas palavras do lobo me fazem chorar de raiva. Então o lobo, o mais traidor de todos os animais, vangloria-se de se súdito leal? Pois o lobo, cujo coração está desprovido de todo carinho, ataca e atraiçoa seu próprio pai, seu próprio irmão e sua própria mãe. Majestade, não nego e ex-parentesco que eu tinha com ele; porém, devido à sua traição característica, tive que romper definitivamente com ele em razão de meu caráter de fidelidade; porque me conscientizei de que o ser que atraiçoa seu próprio irmão e sua própria mãe, nunca pode ser nem amigo, nem leal a seu rei. Desejaria que Vossa Majestade perguntasse a esse caluniador: por que os lobos andam sempre em fileiras e aos pares? Pois bem, Majestade, acontece que os lobos não confiam

uns nos outros, porque, quando um se adianta, o que vem atrás o ataca pelas costas ou o devora. E tem mais, meu senhor: quando um lobo se fere por casualidade, que acha Vossa Majestade que os outros companheiros fazem? Acha que prestarão ajuda para curar a ferida? Não, meu senhor, todos os seus companheiros, em menos de um segundo, o devoram sem compaixão. Por este motivo, meu senhor, envergonho-me de ter tido um parentesco com um ser tão desalmado como o lobo.

Certa vez ouviu meu amo, o homem – certamente nem todo homem é bom – repetir estes versos:

Somente o lobo, ao dormir, fecha um olho;  
 Pois com o outro vigia e sempre espreita,  
 Porque ele é um traidor astuto e mau.  
 E, que traidor pode dormir tranqüilo?

Ao ouvir estas palavras, o leão sorriu frente à eloquência do cachorro, enquanto que o tigre virava a cabeça para um lado para disfarçar seu riso.

Então a raposa se pôs de pé; ela nutre um ódio mortal pelo cachorro, por motivos que não podemos enumerar aqui, e urrou:

- Aááááúúúú – com o que se dirigia desta forma aos membros da Assembléia:

- Senhores: na qualidade de conselheira de Sua Majestade, o rei, devo dizer que este charlatão, o cachorro, é um quadrúpede mau e sem-vergonha. Como se não lhe bastasse defender um estrangeiro de raça, de pátria e até de religião, não é que agora quer denegrir nossa irrepreensível reputação? Todos vós sabeis que sou uma devota e que cumpro com meus deveres religiosos e pratico a caridade. Manifesto-vos tudo isto para que compreendais que não minto, porque a mentira é proibida para um piedoso como eu. Também sou um ser muito sóbrio em minha vida; conforto-me com um ou dois pintinhos. Eu não sou ambiciosa; minha única ambição é servir ao rei com meus conselhos para o progresso de nosso reino. Baseada nesta exposição dos fatos, agora vos juro, por todos os santos e pela salvação de minha alma, que o burro é culpado de alta traição. Quantas vezes o ouvi rogar a seu deus para que morram todos os leões, os tigres e todos os animais ferozes! Quanto ao cachorro, dir-vos-ei que muitas vezes frustrou meu intento de roubar uma miserável e pequena galinha, que talvez da nada servisse para o dono. Este é o cachorro, meus senhores, que abandona o nosso convívio para ir viver com o homem. Senhores, o cachorro defendeu nosso inimigo comum e estrangeiro, o burro, que, abusando de nossa hospitalidade, encheu-se de gordura e de carne e, não satisfeito com tudo isso, sua ousadia chegou ao ponto de interromper Sua Majestade, o rei, em seu patriótico e bondoso discurso. Volto a repetir, senhores, que o cachorro merece a morte, porque defendeu o agitador e o inimigo comum, o burro, e não devemos esquecer o que os sábios nos disseram: “O amigo de nossos inimigos, nosso inimigo é”. E agora, antes de concluir minhas palavras, invoco todos os santos para que concedam uma longa vida a nosso pai bondoso, o rei; porém, antes de mais nada, devemos matar o burro e o cachorro para a paz da pátria e para o bem-estar de todos os animais. Tenho dito.

Quando a raposa terminou de falar, o clamor de aprovação era ensurdecedor. Todos os presentes mostraram seus dentes e estavam preparados para agredir o cachorro.

O cachorro, por sua vez, aparentou uma tranqüilidade que em absoluto sentia e, disfarçadamente, olhou para a direita e para a esquerda para calcular o salto. Enquanto os uivos e os bramidos intensificavam-se, ouviu-se o rugido aterrador do leão:

- (Ahááááárrrr.) Cuidado. Não deveis esquecer de que estais na presença do rei e juro por minha honra que o primeiro que me faltar com o respeito pagará sua falta com a própria vida.

Aquele rugido produziu o efeito de um raio mortal. Todos os animais voltaram para seus lugares, lançaram-se ao chão, e um silêncio sepulcral reinou entre os presentes. Então o leão dirigiu a palavras ao cachorro, dizendo-lhe:

- Que tens a dizer contra estas acusações? Tens alguma defesa a teu favor e em favor do burro? Pois te digo que tenho muita confiança em minha conselheira, a raposa.

- Senhor – disse o cachorro – não quisera responder nem defender-me das acusações caluniosas da miserável e hipócrita raposa. Às vezes a dignidade, meu senhor, obriga-nos a calar para não nos rebaixarmos ao nível do caluniador e para não nos compararmos com ele; porém, como Vossa Majestade exige isso de mim, faço-o por obediência. Antes de tudo, devo dizer-vos que a raposa é vossa má conselheira, porque ela, que vive a vida inteira mentindo, nunca poderá dar conselho leal. Meu senhor, o mentiroso não pode ter dignidade nem lealdade.

A raposa me tachou de sem-vergonha, porque nunca quis atraiçoar meu amo e porque lhe defendi os bens. Senhor, meu amo depositou em mim a sua confiança e eu seria um mau cachorro se o traísse. Um ser leal deve sê-lo na ventura e na adversidade, e um ser verdadeiramente leal nunca pode trair sua pátria nem sua raça. Em se tratando de religião, não nego que não professo a religião hipócrita da raposa, pois minha única religião é o amor desinteressado por meus amos, por meus companheiros e por todas as criaturas de Deus. A raposa alegou que eu denigro sua reputação; não o nego, e faço-o porque não sou mentiroso; não posso dizer que o preto é branco, tampouco posso assegurar que o traidor é um santo nem que o santo é um réprobo.

A raposa diz que é uma devota, que cumpre com seus deveres religiosos. Isto é uma infâmia, senhor, porque ela aparenta devoção para iludir os seres fracos; se não for isto, que nos conte, então, o que ela dizia a um pobre galo, em nome de Vossa Majestade; e, se ela não o disser, eu digo:

“Pois bem, um belo dia a raposa encontrou um pobre galo que descansava no galho de uma árvore. Achevou-se a ele e lhe disse:

- “Bom-dia, irmão galo.

Ah! Ah! Ah! – riu-se o galo. - Tu és minha irmã? Ora essa, vai cantar em outra freguesia.

- “Como é?! Ainda não chegou até ti o novo decreto de nosso rei, que ordena paz e fraternidade entre todos os seres? Pois te juro, por minha honra, que eu não guardo por ti senão carinho profundo, porque devo obedecer à lei de nosso senhor o rei. Portanto, suplico-te que desças para que te dê um abraço fraternal antes de continuar meu caminho, anunciando a boa-nova.

-Enquanto a raposa falava, eu de longe, suspeitei e corri em defesa do galo que, ao verme correr em direção a ele, disse à enganadora:

- Deve ser verdade o que dizes, porque vejo chegar o irmão cachorro e agora vamos comemorar, os três, a auspiciosa notícia.

Quando a sem-vergonha ouviu meu nome, não sabia como escapar, do susto que levou, deu o fora, dizendo:

- “Agora estou ocupada. Adeus, adeus; voltarei outro dia”.

Esta é a raposa, meus senhores, que fica aí propalando que, por princípio religioso, não gosta de mentir. E com as galinhas? Essas bobocas, bem que ela sabe enganar, dizendo-lhes que se tornou asceta e vegetariana e que jurou nunca mais comer carne. E assim as bobonas beatas confiam e se entregam cegamente a ela.

Mais outra falsidade da raposa, quando disse que se contentava com uma galinha por dia. Vou contar-vos, senhores, o que aconteceu faz pouco tempo. Certo dia meu amo levou-me com ele ao povoado. Por infelicidade tinha esquecido aberta a porta do galinheiro, no qual havia doze galinhas, três das quais estavam incubando mais de trinta pintinhos. Chegou a senhora raposa – essa mesma que diz que se contenta com uma só galinha por dia. Senhores, o que acreditais que ela tenha feito? Pois tinha carregado e enterrado nove galinhas, inclusive as que estavam chocando, além de vinte e cinco pintos, que descobri depois de muitos esforços; e os outros habitantes do galinheiro, só Deus sabe onde é que foram parar. Esta é a raposa que conta vantagens de si, que diz que não é ambiciosa.

É surpreendente o gênio do mal que este quadrúpede possui: certa vez a vi lançar mão desta arma secreta para caçar uma ave: depois de molhar o pêlo no rio, friccionou-o com areia colorida e deitou-se de costas, fingindo-se de morta para enganar as aves de rapina; e, assim, quando uma ave se aproximou para picar, ela a prendeu com suas delicadas garras e em seguida simplesmente a devorou.

Naquele momento, o cachorro foi interrompido com o som de “Ahak, Ahak”.

Era o corvo que, lá de cima de uma árvore próxima, escutava a sessão, e disse:

- Isto é verdade e ainda conservo o sinal de uma ferida em meu corpo como lembrança daquele acontecimento.

Todos os animais riram, enquanto o cachorro continuava seu discurso:

- A raposa jura por todos os santos e pela salvação de sua negra alma que o burro cometeu uma alta traição. Pode essa raposa enganadora dizer-nos quais são suas provas que demonstram com evidência a culpabilidade do burro? A raposa imputou suas próprias culpas ao pobre burro e pediu sua condenação. Senhores, já ouvi dizer várias vezes o seguinte: “Aquele que tem telhado de vidro, não deve atirar pedras no do vizinho”. O burro não pode cometer traição alguma; ele pode, por sua bobice, cometer uma besteira e isto é devido à sua ignorância.

A desleal raposa diz que o pobre burro é estrangeiro e inimigo comum, então agora vos pergunto, meus senhores: “Quem não é estrangeiro neste mundo? Quando foi que a lei natural traçou limites na Terra? Quando fez a terra distinção entre um animal e outro: porventura não somos todos filhos da mesma Terra? Portanto, não posso acreditar que a raposa tenha descido sozinha do planeta Vênus ou de Marte, nem que ela seja a filha predileta dos deuses. Este termo “estrangeiro”, que a raposa emprega, é o termo de homens desgraçados, filhos da ambição e da maldição, que inventaram esta palavra para semear a discórdia entre os homens, em lugar da fraternidade. Senhores, os semelhantes se atraem; por isso, a raposa já empregou as palavras dos homens malditos pelas gerações para semear a cizânia entre os animais.

Por último, a raposa hipócrita invocou os santos para que concedessem uma longa vida ao rei. Estas foram as mesmas preces que dirigiu antes, por nosso rei anterior e pai do atual, porém, a mim a calhandra contou que, quando o antecessor do nosso soberano agonizava, achando-se sozinho em sua guarida, chegou a raposa e começou a devorar-lhe o ventre, antes que o pobre exalasse seu último suspiro.

\* \* \*

Esta é a raposa, senhores, que, sendo tão traidora como o lobo, vangloria-se de seu patriotismo e atribui a traição a todo mundo.

\* \* \*

Quando o cachorro terminou o seu discurso, todos os animais ficaram em silêncio, esperando a sentença do leão que, apesar de sua fome, ficou também em silêncio durante muito tempo para em seguida se pronunciar:

- Senhores, dentro em pouco nascerá o Sol; por esta noite encerro a Assembléia. Tenho que meditar durante o dia e vos comunicarei minha decisão. Porém, antes de nos separarmos, ordeno que o burro participe da Assembléia para que ele próprio se defenda e ao mesmo tempo ordeno que a conselheira raposa comunique minha ordem ao burro.

\* \* \*

Durante o dia, o leão teve várias entrevistas secretas com o lobo, o urso e a raposa, cujos resultados não chegaram aos meus ouvidos; porém, em vista das conseqüências, podemos conhecê-los sem ser adivinhos.

O covarde que não se atreve a atacar frente a frente o inimigo, prepara-lhe nas sombras uma armadilha.

\* \* \*

Na manhã daquele dia, disse o cachorro ao burro:

- Ouve, bobo, tens que ouvir e obedecer ao que te digo: Hoje tu não deves afastar-te de casa e, se te for possível, não sair do teu estábulo.

- Por quê? – perguntou o burro.

-Aquele que pergunta “Por quê?” deve ser aspirante ao saber, ao passo que tu és um ignorante; fazes as perguntas automaticamente. Não quisera perder palavras contigo; porém, para desengargo de consciência, dir-te-ei, a Assembléia de animais decretou tua morte.

- Por quê? – perguntou de novo o burro.

O cachorro fitou-o com um olhar enigmático, cheio de compaixão e de dor, de sarcasmo e de indignação; e quando compreendeu que era inútil continuar discutindo com ele, disse-lhe e afastou-se:

- Não deves sair do estábulo, não deves te afastar de casa e, sobretudo, não deves zurrar por motivo nenhum.

\* \* \*

Na tarde do mesmo dia, enquanto o cachorro cumpria as ordens do amo, num povoado vizinho, o burro saiu do estábulo e, depois de ornear com uma voz estridente e desafinada, saiu para pastar perto de casa.

O Sol estava à altura de um metro do horizonte, quando a raposa se aproximou sorridente dele e lhe disse:

- Saúde e paz, irmão burro.

- Saúde, saúde – respondeu precipitadamente o burro, mastigando com apetite; e depois de olhá-la indiferentemente, voltou a comer as ervas tenras. A raposa voltou a conversar, dizendo:

- Irmão burro, vejo que ficaste guloso. Não te ensinaram que a gula é um pecado mortal?

O burro, que não podia abrir o focinho, porque naquele momento estava cheio, balbuciou certas sílabas que queriam dizer:

- No comer está o viver.

- Ora, ora! Quer dizer que ultimamente viraste filósofo.

Envaidecido com aquele título, o burro eriçou as orelhas e disse:

- Muito obrigado, irmãzinha raposa, eu sou assim; sempre acreditei, embora o cachorro me chame de ignorante, que a maior sabedoria consiste em ter boa dentadura e estômago perfeito. Que achas de minha idéia?

- Tenho que decorar esta grande idéia a fim de transmiti-la textualmente ao meu soberano e rei, que é o leão – replicou a raposa.

- Porém, tome cuidado para não plagiá-la!

- Burro, quem achas que eu sou? Agora falemos de outra coisa. Que tal o pasto por aqui?

- Hummm! Não é nada mau, embora já comece a ficar duro e seco.

- Por que não vens comigo? Eu vi um lugar cheio de ervinhas bem frescas. Vem que te levarei a ele, onde há mil e um amores.

- Não, agora não posso, porque o cachorro me disse que não devia afastar-me de casa.

- Foi o que te disse o cachorro? E tu, o grande filósofo, recebes ordens desse charlatão, que ladra dia e noite? Vem, amigo, vem; nós, os filósofos, não devemos ter relações com seres estúpidos e palradores.

O burro refletiu um momento, duvidando de sua própria filosofia e do conselho da raposa; e esta lia os seus pensamentos e preparava a armadilha final. Depois de instantes, a raposa reatou a conversa, enquanto o Sol se ocultava por trás das montanhas.

- Esqueci-me de dizer-te que naquele lugar encontrei uma mulinha, que era mais formosa que uma égua; mas a coitada está tão triste porque, pelo que pude ver...(e piscou para o burro), estava sozinha e desejava muito um companheiro.

Ao ouvir isto, o burro começou a tremer de paixão; deixou de comer, levantou o lábio superior até tocar o nariz, aspirou fortemente o ar e, em seguida, soltou um ornejo ensurdecador.

- Aháááá-ih-áááá-in-ah-ahá-já-já...

E todo esse longo discurso dizia o seguinte: “Irmã raposa, conjuro-te a que me leves a ela de pronto. Vamos, corre, voa, mais rápido!”

Todos os animais são como os homens, muito dados à luxúria; ao homem, só a razão o freia, mas quando o ser é privado de razão, como no caso do burro..., identifica-se com sua própria paixão e se deixa levar por esta até a perdição.



Os dois seguiam correndo; a todo momento o burro conjurava sua companheira para que apressasse o passo.

Já era noite bem adiantada e tinham penetrado fundo na floresta; então a raposa clamou:

- Aúúúúhóóóóoooouuuu.

E, antes de concluir seu chamamento, dentre as árvores saíram quatro lobos a quem a raposa disse:

- Conduzi-o diante de Sua Majestade, o leão.

Quando todos chegaram à guarida do rei leão, este ordenou:

- Que o burro fique preso entre os quatro lobos até que obtenha a sentença final da Assembléia.

\* \* \*

Eram nove horas da noite; todos os participantes da Assembléia estavam reunidos. O cachorro chegou atrasado, muito contrariado, meditando na maneira de salvar aquele estúpido animal que não deu ouvidos aos seus conselhos.

- É impossível – dizia; - a ignorância e a estupidez são pecados iguais ao assassinato e ao roubo. Desta vez o burro não pode ter salvação.

Todos estavam presentes. O leão ordenou que o tigre, na qualidade de chefe supremo da força, presidisse a sessão.

Todos reunidos, o juiz abriu a sessão, achando-se o burro encarcerado e ausente. O urso adiantou-se para o centro do tribunal, e em voz alta falou:

- Senhores animais, animais quadrúpedes e alimárias, carnívoros e herbívoros, grandes e pequenos, ouvi: Nosso rei e senhor, amo das selvas e de tudo o que existe ao redor, encontra-se muito agastado, porque seu paternal discurso foi interrompido pelo degradante ornejo do burro. Agora que estamos na presença do Tribunal Superior, cada um de vós deve dizer a verdade e tudo o que souber, pois o réu será julgado conforme o depoimento de todos vós. O tribunal quer juntar provas, pois sua senhoria diz que não há maior erro do que condenar sem provas.

Pausa. Em seguida o juiz disse:

- Senhores jurados: transmito-vos as palavras de nosso senhor, o rei, que vos adverte a que não oculteis a verdade e a que declareis sem medo tudo o que sabeis. Cuidado para não faltardes com a verdade; pois, que assim agir, será tratado como cúmplice do criminoso e será duramente castigado. Dizei, portanto, tudo o que souberdes e atentei para o que diz o primeiro

artigo do Código Penal: “Quem se nega a ser testemunha de um crime cujo autor conhece, em sua boca será colocado um freio e fogo”.

Então a raposa se levantou e gritou:

- Senhores jurados, que provas devemos ainda juntar? Porventura o burro não ornejou enquanto o rei pronunciava seu discurso? Porventura alguém de vós duvida de que o burro é um agitador e perturbador da ordem pública? Não é suficiente seu ornejo para acarretar a sua condenação?

Ninguém se atreveu a dizer “Esta boca é minha”. O mais profundo silêncio dominava a Assembléia. Ao vê-los todos calados, o juiz disse:

- A defesa do burro é permitida, e nomeamos o cachorro como defensor legal do ausente.

O cachorro quis esquivar-se, mas o rei falou:

- Tu tens que defender teu amigo e dou-te a minha palavra de que serás respeitado e ninguém se atreverá a tocar-te.

Ao ouvir isto, o cachorro se ergueu e, depois de agradecer ao rei, dirigiu-se à Assembléia nestes termos:

- Senhores, as provas da raposa não têm nenhum valor por dois motivos:

1.º) Quando o burro ornejou, estava muito longe e não tinha ouvido a voz do rei; e

2.º) fazia tempo que Sua Majestade, o rei, tinha promulgado e permitido a liberdade de palavra.

Então se levantou o porco, dizendo:

- Honorável Tribunal: refleti no que vou lhes dizer; o burro é um animal muito sujo e asqueroso; urina e dorme sobre seu próprio esterco; às vezes rouba os bens alheios, pastando até entre os trigais verdes e tenros.

O cachorro respondeu:

- Tu, o grande cochino, o mais sujo e imundo dos animais, te atreves a falar de sujeira? Quantas vezes te persegui na casa do patrão, roubando o pão e sujando os móveis com tuas patas e corpo repugnantes? Todos podem falar de asseio, menos tu.

Levantou-se o lobo e disse:

- O burro é um conspirador, porque, segundo informações recebidas, sei que uma vez disse: “Desejo a morte dos animais sanguinários para ter a selva como propriedade particular”.

- Pode apresentar estas informações, lobo?

- Duvidas de minha palavra?

-Não só duvido de tua palavra, mas te declaro mentiroso perante toda a Assembléia.

Quando o cachorro falou isso, um grande silêncio passou a reinar na Assembléia, e ninguém se atreveu a lançar outra acusação, porque lhes pareceu que o cachorro adivinhava até seus mais íntimos pensamentos.

E, enquanto todos se mantinham calados, o juiz perguntou:

- Não há mais provas contra o burro?

Pausa.

- Portanto, senhores, eu não encontro causa suficiente para castigar o réu.

- O burro é culpado e exigimos sua morte – uivaram alguns.

O juiz protestou, dizendo:

- Sem provas não posso condená-lo.

- Exigimos que o burro se apresente e confesse seus pecados diante do rei, o único que tem o direito de absolvê-lo, reduzir a pena ou aplicar-lhe um castigo leve.

- Neste caso – disse o juiz – demito-me do meu cargo.

A raposa ululou.

- Protesto, não aceito sua demissão. Neste caso peço que Sua Majestade, o rei, mande que todos confessem seus pecados para julgar quem é o mais culpado.

O leão ouviu isto e falou:

- Aceito a sugestão. Tragam o burro.

O burro foi levado à Assembléia e, quando os carnívoros contemplaram aquela gordura, acharam-na provocante ao paladar, e todos uivaram de desespero. Muito dentre eles pensaram em sublevar-se contra a autoridade do rei, se este não lhes presenteasse a apetitosa carne do animal de orelhas compridas.

\* \* \*

Transcorreram segundos após a admissão do burro na Assembléia; o silêncio voltou a reinar. Então, o leão tomou a palavra e disse:

- Senhores. Nós, o leão, o rei da selva e de todos os animais, ordenamos que todos os presentes confessem suas culpas e pecados diante de nós, porque hoje é o dia da justiça. Nós, como pai do povo, devemos depurar nossa pátria, a selva, de todos os traidores e agitadores contra a ordem e a autoridade.

Fez uma pausa para recordar os conselhos que a raposa, o urso e o lobo lhe deram durante o dia e, em seguida, continuou:

- Nosso reino deve ser de paz e justiça e, para que assim o seja, exigimos uma confissão geral e pública para poder julgar a todos com toda a imparcialidade, segundo nossa multiforme autoridade. Aproxima-te, tigre, e confessa publicamente seus pecados e, visto que és o mais poderoso depois de mim, deves dar o bom exemplo a nosso povo.

Pausa.

Levantou-se o tigre, deu alguns passos, parou no meio dos membros da Assembléia e falou:

- Minha culpa... Confesso, senhor, que matei e devorei dez homens, vinte cavalos, cinqüenta touros, mil carneiros e ovelhas, sem contar outros animais pequenos, cujo número é incalculável. A fome, senhor leão, a fome é uma má conselheira.

- Muito bem – respondeu o leão – eu te absorvo porque a fome às vezes nos obriga a esquecer os mandamentos. Que se aproxime outro penitente.

Assim, todos desfilaram, um a um, diante do confessor, e todos tinham matado, roubado, traído por fome, e foram absolvidos.

Por fim, chegou a vez do burro. O coitado tartamudeava de medo, mas conseguiu dizer:

- Eu, senhor leão, nunca matei, nunca roubei nada de ninguém porque, como Vossa Majestade sabe, eu sou vegetariano e herbívoro; por isso, não me lembro de ter cometido um pecado, exceto alguns coices que dei em alguns cachorros que me molestavam; porém, não cheguei a matar nenhum. Dei também um coice em um dos meus amos que era cruel comigo, mas não o machuquei muito porque estava longe do meu alcance e apenas lhe rocei a coxa.

- Hummm – fez o leão. – Tu estás aqui para confessar as tuas culpas e não para justificá-las. Nestes casos, o que vale é a intenção. Tu deste a patada no teu amo com a intenção de matá-lo, mas, como estava fora do teu alcance, não o conseguiste. Este é um delito grave, uma tentativa de assassinato, senhor de orelhas compridas.

- Arrendo-me, senhor, e prometo que isto não voltará a acontecer.

- E que mais?

O burro calou-se por um momento, como que examinando sua consciência, e continuou:

- Senhor, nunca estudei leis nem teologia e não sei se o que vou confessar é um pecado. Um dia eu ia carregando e quase desfalecendo de fome, ao passar perto de um trigal ainda fresco, lancei o olhar sobre uma plantinha tenra de trigo e, com uma lambida seguida de uma dentada, arranquei-a pelas raízes; o mais grave do caso é que o trigal pertencia ao convento de São Pedro.

Quando o burro disse isto, ouviu-se na Assembléia um demorado “Haaaaaaa”...

Todos os animais ulularam ao mesmo tempo, como se a lei da gravitação tivesse desaparecido e o mundo chegasse ao seu fim numa imensa desagregação.

O lobo uivou:

- Anátema!

- Anátema! – repetiram todos.

O leão se levantou enfurecido e rugiu:

- Animal de orelhas compridas: em minha vida nunca ouvi tamanha profanação. Muitas vezes tenho pensado detidamente e averiguado o motivo por que Deus se enfureceu contra nós e não consegui sequer imaginá-lo. Agora já compreendo o porquê e a causa de todas as nossas desgraças. Todo delito pode ser perdoado, porém o de roubar o convento de São Pedro – e um pé de trigo fresquinho!... – Isto não tem perdão! Pelo contrário, merece pena de morte.

E, antes que terminasse seu discurso, ouviu-se um craque em toda a selva. O leão, com uma pancada com a garra, triturou o crânio do burro ladrão.

\* \* \*

Pausa...

Em seguida, o narrador continuou:

- Contou-me o rouxinol que todos os vizinhos da selva fugiram e, atualmente, os carniceiros se devoram entre si.

\* \* \*

Olhei para meu companheiro e ia dirigir-lhe uma pergunta, mas o deparei meditando, com os olhos fechados...

Então engoli a pergunta e também meditei...

## **O MÉDICO DOS MORTOS**

Chamava-se DR. Siraj. Nunca o pude guardar seu nome de batismo. Tampouco recordo qual foi a primeira pessoa que o recomendou; o certo é que há alguns anos foi casualmente chamado para tratar de um filho meu gravemente enfermo.

Como pai, eu me desesperava e não sabia o que fazer. Todos os médicos estavam de acordo com o diagnóstico da doença do pedaço de meu ser e com os remédios prescritos, mas

meu filho continuava gravemente doente e os membros da juntas médicas, de manhã e à tarde, moviam suas cabeças de um lado para outro.

Aquele movimento de cabeça me exasperava. É preciso ser pai, pai amoroso, para sentir seu efeito, para viver aquele momento mais duro que o desespero e mais doloroso que a separação dos entes queridos.

Num ímpeto de desespero, saí de minha casa, sem rumo fixo. Os transeuntes me observaram de maneira diferente. Talvez porque eles sentissem minha dor ou porque houvesse algo estranho em minha maneira de andar.

Enquanto eu continuava inconsciente de mim mesmo, ouvi uma voz que me dizia:

- Olá, homem! Que está havendo?

Parei, desci do mundo do pensamento; em seguida levantei o olhar para o meu interlocutor e lhe disse:

-João, como está você?

- Que tem, homem? A criança continua mal?

Não pude responder; senti uma espécie de nó em minha garganta. Meu companheiro ouviu meu pensamento, calou-se um momento e, em seguida, me disse apressadamente, como que se lembra de algo:

- Escute, por que não consulta o Dr. Siraj? Ali vai ele. Quer que o chame?

Também não respondi, porém meu amigo viu em meus olhos o consolo de um náufrago que encontra uma tábua no mar.

Não sei o que aconteceu; só acordei diante de um homem desconhecido que me cumprimentava.

Meu amigo tinha chamado um táxi; nós três entramos no veículo e chegamos em casa em menos de dez minutos.

\* \* \*

Achei o Dr. Siraj muito simpático, com aquele porte alto, olhos grandes, negros, e um rosto muito bem formado; os demais dizem que é imponente. Observando bem sua fisionomia, ninguém lhe daria mais que trinta e oito anos de idade; porém, ouvindo-o falar, tive a sensação de que me achava diante de um desses patriarcas descritos pela Bíblia. Até mesmo no sorriso, as comissuras de sua boca revelavam uma melancolia muito profunda. Falava muito pouco; suas frases eram as de uma pessoa muito convicta do que dizia. Suas palavras saíam como raios de luz que vão diretamente à razão ou como flechas que se dirigem ao coração.

Durante nosso trajeto até a casa, ele ia pensando; seu silêncio produzia em mim certa cócega interna, igual à que sentem aqueles que querem conversar para agradar ao companheiro, mas que não encontram um motivo de conversa, eu quis dizer algo, quebrar aquela monotonia, e então perguntei:

- O Doutor é estrangeiro?

- Sim, senhor, estrangeiro em todos os lugares.

Aquela resposta me deu um nó na língua.

Finalmente, chegamos em casa, abri a porta e pedi que entrasse... Ali estava a junta de médicos... Aquela reunião de facultativos ao redor do meu filhinho doente – da qual eu me esquecera e que o Dr. Siraj não esperava encontrar – nos impressionou a todos, e o leitor não precisa de explicação do porquê. Meu amigo me censurou com o olhar. Eu quis falar, porém não me ocorreu nenhuma palavra. Os médicos observaram com surpresa e desagrado o intruso que, depois de olhar-me de soslaio, cumprimentou-os com tranquilidade, inclinando levemente a cabeça, dizendo:

- Bom-dia, senhores.

Dois deles ficaram calados e somente um respondeu com maus modos pouco dissimulados:

- Bom-dia.

Tive que remediar a situação para não desgostar a nenhum dos presentes. Disse então:

- Senhores, apresento-lhes o Dr. Siraj. Devido ao meu desespero, supliquei-lhe que viesse ver meu filho. Os senhores compreendem o sofrimento de um pai quando sente que um filho lhe escapa das mãos.

Os que não corresponderam ao cumprimento sorriram de uma maneira tão cortante que era capaz de aniquilar um touro. O terceiro falou:

- Pode aproximar-se para examinar o doente.

- Não é preciso – respondeu o Dr. Siraj.

- Como não é preciso?

Adiantando-se dois passos, o Dr. Siraj parou à distância de dois metros de meu filho agonizante; observou-o demoradamente com os olhos semicerrados, durante um minuto. Durante este lapso de tempo, meu rosto mudou de cor várias vezes, entre a vergonha e o temor: vergonha diante daqueles especialistas famosos, que teriam motivos para acreditar que eu me valera de um



charlatão; e temor de que eles abandonassem o tratamento de meu filhinho por eu haver duvidado do seu saber.

Não quisera lembrar aqueles segundos que transcorreram tão lentamente quanto as noites para um doente com dores.

Por fim e graças a Deus, o Dr. Siraj falou com uma naturalidade assombrosa:

- Broncopneumonia aguda no pulmão esquerdo; logo o mal invadirá o direito. O estado é grave. A dispnéia aumenta. Numerosos glóbulos brancos degenerados; grande quantidade de pneumucosas com associações microbiais. O caso é extremamente grave.

Depois de falar tudo isto, afastou-se da cama do enfermo, sentou-se numa cadeirinha e pôs-se a meditar.

A cada frase que o doutor estrangeiro pronunciava, os médicos se entreolhavam de um modo espantado que podia causar riso ao mais triste. Em seguida, dirigiram o olhar para o Dr. Siraj, tão assustados, como se fossem réus que confiavam na salvação, e prestaram atenção para a sua sentença de morte, sem nenhum apelo. Aquele diagnóstico à distância, tão acertado, destroçou e aniquilou seu orgulho. E eu, infeliz de mim, apesar daquela sentença contra meu terno filhinho, por vaidade, me senti algo contente, porque o médico novo que chamei para curar meu filho não era charlatão, conforme o trataram seu colegas na minha presença.

O silêncio era absoluto: o Dr. Siraj, com os olhos fechados e a cabeça inclinada, meditava que meditava, só Deus sabe em quê. Meu filho afogava-se no estertor, e eu enlouquecia diante daquele silêncio sepulcral. Não sabia o que fazer nem o que dizer; a esperança e a dúvida se apoderavam de mim, simultaneamente, várias vezes, a cada segundo.

Minha mulher entrou no aposento; ouvira tudo. Com meu desespero quis remediar o dela, porém foi um remédio equivocado. Os médicos a observaram, desta vez, sim, com compaixão. Ela, sem olhar para ninguém, dirigiu-se ao Dr. Siraj, ajoelhou-se diante dele, abraçou-lhe as pernas, com Maria Madalena fez com o Nazareno, e, com uma voz que mexeu com o sangue do todos os presentes – aquele sangue que sobe diretamente aos olhos, por onde brota sem cor, ao invés de vermelho – disse:

- Doutor, salve meu filho.

O Dr. Siraj olhou para ela com uma doçura indefinida e indescritível, sorriu bondosamente e disse, em seguida, com a segurança de um “Fiat”:

- Ele o salvará.

Minha mulher pegou a mão do médico e a cobriu de beijos. Eu fiquei cravado em meu lugar. Os médicos não se atreviam a mexer-se nem a respirar.

- Quem seria ele?...

Finalmente a cena terminou.

O Dr. Siraj ergueu-se, passeou se doce olhar pelos presentes e, com um tom que não se conseguia definir se era de súplica ou de mando, assim se expressou:

- Senhores, é possível salvar a criança, mas é preciso a ajuda de todos vocês.

- Em que podemos ajudá-lo, Doutor? – perguntaram dois dos médicos, enquanto o terceiro mantinha um olhar mais eloqüente do que um discurso.

- Eu assisto sozinho o enfermo. Vocês terão que entrar neste quarto aqui perto. Depois de fechar a porta e sentar-se, cada um de vocês deve concentrar-se nas seguintes frases: “Os homens são meus irmãos; todos os homens são bons. De hoje em diante amarei, servirei e me sacrificarei por meu inimigo”.

Em nome de vossa honra de cavalheiros e médicos, deveis prometer-me que cumprireis e praticareis estas instruções. Vocês me juram?

Silêncio.

- Que acontece com vocês? Por que não respondem?

- É este o remédio? Nada mais? – perguntou um deles.

- Nada mais! Vocês acreditam que é uma coisa fácil. Aqui não se trata de dizer apenas com palavras; é preciso sentir o que se diz, vivê-lo, durante duas horas.

Silêncio...

Um dos médicos adiantou-se em direção àquele homem estranho e lhe disse?

- Para ver a realização deste milagre sou capaz de perder dez anos de minha vida; mas sejamos francos, Doutor, suas instruções não são tão fáceis, porque é impossível viver o que não sentimos. Porém, em meu nome e em nome dos meus colegas, ousou dizer que faremos o que está ao nosso alcance para obedecer ao senhor, conquanto nos garanta que pode salvar a criança e...

O Dr. Siraj franziu o cenho e, com um olhar fulminante, fez com que seu colega engolisse o resto do discurso para dizer-lhe:

- Doutor, por que o senhor tergiversa? Eu não disse que posso salvar a criança. Eu disse que Ele a salvará. Por que duvidou?

Depois de assim falar, calou-se, pensativo; em seguida suavizou se tom de voz, a doçura voltou ao seu olhar cativante e continuou:

-Perdoe-me... Doutor; o que lhe peço é sua ajuda e aqui ninguém está exigindo o impossível. Rogo a todos a que me ajudem de boa vontade no que puderem. De acordo?

- De acordo – responderam todos.

A seguir nos encaminhamos para o aposento vizinho e o Dr. Siraj trancou a porta.

\* \* \*

Não posso saber como foi que meus companheiros fizeram a sua concentração. Tampouco posso descrever com passei as duas horas, nem quantos milhares de idéias povoaram meu cérebro.

Depois de acomodar-me num sofá, apoiei a cabeça entre as mãos e comecei a repetir: Todos os homens são meus irmãos... que mais?... Ah, sim? Todos os homens são bons... eu amo... eu sirvo e me sacrifico por meu inimigos.

Só pude continuar até aqui com minha concentração, porque a minha mente, como um mono na salva, pulou logo para estas cavilações e perguntas:

- Será este um remédio eficaz? Será certo?
- Se meu filho se curar com isto, será um milagre.
- Que estará fazendo com ele neste momento? É algo incrível.
- Teria ele algum remédio no bolso?
- Não é possível, porque ele foi chamado sem ser prevenido.
- Poderá curar meu filho? Ele garante, mas eu duvido. Meu filho está gravemente enfermo.
- Se conseguir curar meu filho, erijo-lhe um monumento.
- Os médicos devem se converter em discípulos dele.
- O governo deve condecorá-lo
- Devo publicar seu nome e sua fotografia na primeira página dos jornais.
- “Ele o curará”. Que quer dizer com isto e que é “Ele”? Isto é um mistério.
- Será possível? Curar-se-á? Este homem deve ser profeta ou santo.
- Que simpático e que doçura. E seu olhar? Parece que tem luz e fogo.

-Caramba! Tenho que concentrar-me e, no entanto, por que tanta distração? Sim, todos os homens são bons.

- Realmente, foi uma feliz casualidade eu sair de casa e encontrar-me com este amigo e a seguir com o Dr. Siraj. Não será isto a Providência?

- Pobre mãe! Coitada de minha mulher! Como lhe abraçava os pés e beijava-lhe as mãos!

-A bem da verdade, os médicos o trataram muito mal. Porém, que susto levaram os coitados, quando deu seu diagnóstico!

- Todos os homens somos fátuos, sabemos tudo e não sabemos nada.

- Estou distraído novamente. “Todos os homens são meus irmãos, são bons”.

- Que todos os homens são irmão, não há dúvida alguma; mas que todos sejam bons...ora! Isto é muito duvidoso, Dr. Siraj.

- E por que não? Devem ser bons. O mal nos homens é a ignorância.

- Já estou filosofando de novo. E, eu que devo ajudar mais que ninguém para a cura de meu filho, sou o que menos coopera.

- Todos os homens são irmãos... todos os homens são bons... Doravante amarei, me sacrificarei e servirei a meus inimigos.

- Sim, sim, embora não tenha inimigo algum. Hummm, quem sabe!? Minha rusga com Pancho já dura um ano e por que motivo? Por uma bobagem... Quem homem tão ignorante e orgulhoso sou eu! Amanhã mesmo vou pedir-lhe perdão!

- E João? Destratei-o, feri-o, porque não quis pagar-me aquela dívida insignificante. Talvez o coitado necessitasse do dinheiro e eu o chamei de ladrão. Ai, meu Deus, como sou mau! Amanhã lhe enviarei pelo correio uma importância, sem mencionar meu nome... Sim, sim, devo fazer isto. Talvez assim possa apagar algo da minha culpa e assim meu filho se cure.

- E a Teófilo, porém... E a concentração? Não consigo concentrar-me.

- “Todos os homens são irmãos...”

- Se meu filho morrer, minha mulher também morrerá. Pobre mãe! Tantas noites sem dormir!

- Bendita esta minha mente que não pode se concentrar nem cinco segundos seguidos.

- Todos os homens são irmãos. Todos os homens são bons... Sim, sim, eu sou o único mau entre eles; sou o vaidoso, o orgulhosos, o ignorante...

\* \* \*

Não creia o leitor que estas sejam as únicas idéias que me passaram pela mente durante as duas horas. Garanto-lhe que sobem a milhares, mas já não me lembro delas. Pensei nos meus credores e devedores, e em outros pormenores vergonhosos. Minha mente era como uma fita cinematográfica, levando minha atenção de uma passagem a outra. Como é difícil a concentração! Várias vezes me esforcei no sentido de voltar ao ponto de partida e sempre me perdia naquele labirinto de meu cérebro. Apoderavam-se de mim a fúria e a indignação, censuravam-me a mim mesmo, vituperava minha fraqueza, mas tudo foi inútil.

Será que meu filho vai morrer sem que eu possa ajudar para a sua cura, com um momento de concentração? Que vergonha e que desespero!

E, depois, vanglorio-me de seu um pai amoroso...

Tive sede, tive desejos de fumar, senti comichão pelo corpo como se todos os bichos do mundo se tivessem apoderado de mim. Às vezes me coçava sem empregar as mãos, por meio de automovimento e da leve fricção contra a roupa.

Olhava de vez em quando para os meus companheiros no cumprimento da tarefa e garanto que todos eles estavam em piores condições que eu. Só minha mulher estava igual a uma estátua.

É mãe. É possível que seu desespero a tenha levado diretamente até à Fonte da Saúde. Talvez sua mente estivesse conectada com a Grande Mente. Talvez ela possa mais que todos nós.

Enquanto minha mente pulava de uma idéia a outra, ouvimos uma voz.

Todos – com exceção de minha mulher – como que movidos por uma mola, pusemo-nos de pé.

A mãe continuava inconsciente ou em estado extático. Talvez sua alma estivesse em comunicação com a de seu filho.

Novamente ouvimos a mesma voz que chamava:

- Mamãe, mãezinha.

E todos, de um salto, quisemos ganhar a porta como quando o pânico frente ao perigo se apodera de um grupo de pessoas que se encontra num aposente ou num teatro e ouvem o alarme de “incêndio”.

O Dr. Siraj abriu a porta.

Meu filho abraçava-se ao pescoço do seu médico.

A testa do Dr. Siraj estava banhada de suor. Seu rosto, muito mais pálido que o de meu filho.

Detivemo-nos, petrificados, diante daquela aparição.

A mãe, que acabava de despertar do seu êxtase, estendeu as mãos, tremeu, sem poder levantar-se do seu lugar.

Seus olhos revelavam ansiedade.

Seus lábios tremiam.

Em seu rosto refletia-se a terceira pessoa da palidez.

O Dr. Siraj aproximou-se da mãe, olhou-a com toda a bondade de sua alma, depositou o filho em seus braços e disse:

- Senhora, a quem muito ama, muito lhe será dado. Seja feliz e dê graças a Ele, o Único Médico que lhe devolve o filho são e salvo.

Dito isto, inclinou-se suavemente para ambos os lados, diante dos presentes que formavam, imóveis, suas guardas de honra, e saiu como entrara, triste, humilde...

\* \* \*

Passaram-se dois anos desde que se dera a cura milagrosa. Até hoje, ninguém sabe como foi que ela se realizou. Os médicos nada disseram. Enviaram-me suas contas e receberam seu dinheiro.

O Dr. Siraj esqueceu de enviar sua conta e eu esqueci de pagar-lhe. Finalmente, meu filho estava são e forte.

Muitas vezes me encontrei na rua com o salvador de meu filho, mas eu fugia dele.

Não lhe ergui monumento algum.

Os médicos jamais poderiam converter-se em discípulos de um charlatão; muito pelo contrário, devem combatê-lo.

O governo não tinha motivos para condecorá-lo.

Sequer seu nome e retrato foram publicados nos jornais.

Até hoje, interiormente, nutria certa aversão por ele.

Será talvez por sua superioridade que o invejo? Ou talvez seja porque não se rebaixou a enviar-me a conta? Ou será porque não quero pagar-lhe a conta e o odeio como a um credor?

Fazendo investigações disfarçadamente, fiquei sabendo que:

1.º) O Dr. Siraj é pobre.

2.º) Nunca pede nada por suas curas.

3.º) Houve pessoas que lhe perguntaram: “Quanto lhe devemos, Doutor?” Ele então respondia aos ricos: “O que vocês acharem que devem pagar;” e aos pobres: “Nada.”

4.º) Quando alguém lhe pagava algo, com toda a indiferença e sem olhar para a importância, guardava o dinheiro até com certa repugnância.

5.º) Também eu notei que muitas pessoas que ele curou não o estimavam, embora não se atrevam a dizer nada de mal contra ele.

O certo é que o Dr. Siraj se converteu num modismo; porém, todos sabemos que a moda, se agrada a uns, também pode repugnar a outros. Assim se passaram dois anos, até que um belo dia...

(Desculpe, caro leitor, vou acender um cigarro).

Um dia, meu filho adoeceu novamente; febre alta, tosse seca, forte dor de cabeça.

Depois de dois anos, em casa voltava a reinar o medo. Minha mulher andava de lá para cá no quarto do doente e olhava de um lado para o outro como que procura alguém. Eu lia seus pensamentos: “Quem venha o Dr. Siraj.”

Para aquela mãe, o Dr. Siraj era um deus na terra – e quem ousaria sequer citar um outro?

Por um lado, ela estava com razão; mas, por outro lado. Também eu estava com a minha. Como podia eu ir solicitar os préstimos daquele médico contra quem tinha certa aversão, sem motivo justo? Com que coragem ia chamá-lo para que curasse meu filho se ainda, por esquecimento voluntário, não lhe havia pago a cura anterior?

Minha mulher perguntou-me várias vezes:

- Já pagou o Doutor?

E eu sempre dissimulando a verdade. Umás vezes lhe dizia que não o havia encontrado; outras, que estava ausente, e assim diversas vezes.

A pobre mulher lia a mentira em meu rosto, calava-se, porém sofria. Como mãe, sempre achava que sua vida era insignificante ao lado da de seu filho, e nunca podia compreender como um pai não pagava, com alguns trocados, a quem tinha arrebatado das garras da morte o ser de seu ser.

Não sei como foi que ela passou aquela noite ao lado do filho doente. Eu, embora preocupado, dormi.

Às oito da manhã, ela se aproximou de minha cama, acordou-me e me fez a seguinte pergunta:

- Você vai chamar o Dr. Siraj, ou vou eu? Nosso filho continua igual.

- Já estou levantando – respondi. – Vou chamá-lo.

Enquanto me vestia, procurava em minha inventiva uma saída. Por fim recorri à mentira.

Eram nove e meia quando bati na porta do consultório do Dr. Siraj.

- Entre – ouvi uma voz dizer.

Entrei, cumprimentei e vi que o Dr. Siraj estava escrevendo. Estava rodeado de muitos livros. Em sua escrivaninha havia alguns abertos, uns espalhados ao léu e outros colocados simetricamente.

O doutor acomodou sua pena sobre um dos tinteiros que se achavam diante dele, em seguida me ofereceu um assento muito perto da escrivaninha e me perguntou, naquela bondade que o caracterizava e sempre cativava:

- Em que posso ser-lhe útil?

- Sabe, doutor, faz dois anos que estou esperando a sua conta e, como parece que o senhor não pensa em mandar-me, agora venho pagá-la.

Ele fitou-me nos olhos. Não pude resistir àquele escrutinador e comecei a ler os títulos dos livros que se achavam perto de mim. Em seguida me perguntou:

- Por que mente, amigo? Você é como os demais; ninguém pensa em cumprir com o seu dever, mas todos exigem direitos.

Aquelas frases foram como que água gelada derramada sobre minha coluna vertebral. Não consegui pronunciar senão estas palavras:

- O senhor tem razão.

Daí a instantes, o Dr. Siraj me disse com bondade.

- Menos mal. Culpa confessada, culpa perdoada. Agora diga-me a verdade. Para que veio? Em tudo posso servi-lo, menos como médico.

- Eu venho justamente para isso. Meu filho está doente.



- Eu já não sou mais médico dos vivos; sou médico dos mortos.

Ao ouvir aquela resposta, murmurei, perplexo entre a surpresa e o susto:

- Não o entendo.

- Os mortos precisam mais de mim do que os vivos – respondeu.

- Continuo sem compreender, porque a sua explicação é mais ininteligível que a sua exposição;

- Certamente, visto que explicar o que é claro se torna mais fácil do que esclarecer o incompreensível.

-Realmente, é verdade porque o que é claro se torna mais fácil do que esclarecer o incompreensível.

Ele se calou e olhou pela janela o céu claro. Por um momento; em seguida falou:

-Talvez me tenha tornado incompreensível.

- Não será melhor dizer que nós não podemos chegar à sua altura no saber?

O Dr. Siraj me fitou tristemente e respondeu:

- Não, amigo, eu nada sei; mas, felizmente, eu sei que nada sei, ao passo que outros não sabem e dizem que sabem tudo.

O médico meditou por um pouco de tempo; em seguida se dirigiu a mim como que está resolvido a falar, e, com efeito, disse:

- “Eram nove da noite quando bateram à porta da minha casa. Aquela noite eu estava muito cansado e pensava em dormir cedo. Abri a porta e entrou um senhor ruivo; depois dos cumprimentos, levei-o à sala e convidei-o a sentar”.

Sua fisionomia não me era desconhecida, mas não me lembrava onde foi que o conhecera, nem como. Contudo, comprimentei-o com a gentileza que se usa entre amigos, dizendo-lhe:

- Como está senhor; em que posso ser-lhe útil?

- Estou bem, obrigado, Doutor; desde que o senhor me curou, há dois anos, sinto-me perfeitamente bem e sigo sempre suas instruções.

Enquanto ele falava, eu me esforçava e procurava em minha memória os arquivos antigos; mas, visto que estes eram muito numerosos, não pude descobrir o nome de meu

visitante. Contudo, tive que sorrir como que se sente satisfeito com sua obra e deixei que a conversa continuasse.

- Agora não venho por mim; venho por minha irmã, que está gravemente doente. Há seis meses teve um parto mal-atendido e logo depois uma broncopneumonia, e hoje os médicos dizem que está com tuberculose. Tem febre contínua, asfixia, tosse, e não dorme durante cinco minutos seguidos nem de dia nem de noite. Faz um mês que falei com minha irmã a seu respeito e também sobre suas curas maravilhosas, e a partir daquele dia não pede senão pelo Dr. Siraj, A todo instante repete sue nome. Várias vezes perguntamos pelo senhor e sempre nos diziam que estava ausente. Hoje à tarde, casualmente, li seu nome na lista de passageiros que vêm à cidade, e aqui estou. Quanto a mim, Doutor, tenho certeza de que o senhor pode curar minha irmã.

Ao ouvir estas últimas palavras, senti como que uma flecha candente me atravessando o coração. Quem sou eu para deter a marcha da natureza?

Depois de meditar um pouco, disse-lhe:

- Devagar, amigo, o senhor deve compreender que eu não sou mais que um simples médico que apenas estudou as noções da medicina.

- Não, Doutor, o senhor é um super-homem e estou convencido de que o senhor pode fazer por minha irmã o que os outros não puderam fazer.

Aquela fé cega em meu poder e em meu saber feria meu egoísmo e meu orgulho. Nunca tinha querido enfrentar uma batalha da qual devia sair derrotado, mas a fé cega daquele senhor em mim me arrastava à derrota, apesar de mim; várias vezes lutei contra a morte e triunfei; mas desta vez sentia, de antemão, que aquela tremenda inimiga ia vingar-se de mim, com crueldade.

O medo da derrota me infundia pânico, mas a voz do dever me aguilhoava. Soube que antes tinha lutado com o fantasma, mas agora sentia que ia encontrar-me com a realidade.

- Sabe, senhor, que estou convencido de que desta vez não posso fazer nada por sua irmã?

- Tudo pode ser, Doutor, mas o certo é que se o senhor não atende ao chamado de minha irmã, ela morrerá de desespero e não da doença.

Ao ouvir isto, não agüentei mais, levantei-me e lhe disse:

- Vamos.

\* \* \*

Um quarto escuro, tétrico, que cheira a morte. Móveis velhos que testemunhavam os diversos estilos de muitos carpinteiros. Parentes tristes sentados ao redor da cama da mulher enferma, cansados e ao mesmo tempo enfasiados, porque a enferma se tornara insuportável, tendo incomodado durante seis meses consecutivos.

Uma jovem que, segundo diz, não tem mais que vinte e cinco anos, é a paciente; porém os dias da enfermidade duplicaram-lhe os anos .

Deve ter sido muito formosa, porque a tuberculose pulmonar não ousou ou não conseguiu apagar toda a sua formosura. Estava sentada, apoiada em grandes almofadas.

Cada aspiração dela era um forte suspiro, e cada expiração era um escarro, e, cada escarro, uma descarga de sangue e pus. A jovem expelia os próprios pulmões.

Os exércitos de bacilos, depois de consumir os alvéolos, precipitavam-se aos milhões para fora, em busca de novas presas.

Ela me fitou e, sem que ninguém lhe dissesse, reconheceu-me, dizendo com toda familiaridade:

- Mau!... Por que não veio?

Tosse, escarro, suspiro.

- Não fale, por favor, rogo-lhe. Deixe-me acalmar-lhe a tosse e depois me censure.

Com um sinal de minha cabeça, todos saíram do quarto.

Coloquei a palma da mão direita sobre o peito e a esquerda sobre as costas.

Um minuto... dois...três...cinco...

Ela me fitava com aqueles olhos negros, que derramavam carinho e gratidão, e me disse:

- Já estou melhor, obrigada, obri...gada.

Eu lhe sorria com gratidão e também com carinho.

- Agora lhe peço um favor. Faz mais de dez dias que não durmo. Quero dormir um pouco... Estou tão cansada, Doutor...

- Às suas ordens, senhora – respondi.

- Espere. Antes que eu durma, você tem que me jurar que estará a meu lado quando eu acordar.

Refleti antes de responder, mas ela, assustada com minha vacilação, disse em seguida:

- Jure-me, Doutor, jure-me por minha morte.

Aquela estranha fórmula de juramento me impressionou profundamente, e lhe disse:

- Eu juro.

- Agora, sim, posso dormir tranqüila... Mas, será sono a morte?

- Agora não posso explicar-lhe o que é a morte, mas você mesma, durante este sono, irá conhecê-la e senti-la.

- Muito obrigada, Doutor. Que venha, então, o sono, prelúdio da morte.

E, antes de concluir a frase, fechou os olhos para abri-los no mundo do sonho.

\* \* \*

Eram dez da manhã, quando me dirigi novamente à casa da moribunda. A família, enganada por aquela melhora, esperava-me com um sorriso nos lábios e uma esperança nos olhos. Isabel continuava dormindo.

Eu não disse palavra alguma a mais além do cumprimento; e logo me aproximei da cama da enferma.

Ela abriu os olhos e o despertador foi acompanhado de um acesso de tosse, formando-se um coágulo de sangue.

Foi necessária minha intervenção para deter aquela invasão mortífera.

Houve de novo um armistício entre a morte e a vida.

Ela falou com muita cansaça:

- Muito obrigada, Doutor. Agora sei o que é a morte. O senhor foi meu guia. Muito obrigada, de todo o coração. Mas eu não queria voltar. Por que me obrigou a regressar?

- É a lei filhinha; não devemos atuar contra a lei.

- Doutor, vou pedir-lhe outros favores; os moribundos se tornam pedinchões.

- E nem aos moribundos se nega nada – disse-lhe.

- É certo...

Pausa.

- O primeiro favor é que continue atendendo-me até...

Silêncio... Compreendi e lhe respondi:

- Concedido.

- Desejaria que naquele momento...

- Estarei... Que mais?

- O terceiro favor pedirei depois.

\* \* \*

Daí a dois dias fui chamado para atender a um caso urgente fora da cidade.

Na tarde daquele dia o estado de minha enferma, Isabel, agravou-se. A cada momento me chamava. Às vezes me recriminava por ter faltado com minha promessa.

- Não consigo dormir – dizia ela – se não estiver presente. Ele me prometeu e tem que cumprir a promessa. Não morrerei enquanto ele não vier.

\* \* \*

O telefone tina tocado mais de vinte vezes, segundo fiquei sabendo quando voltei à noite.

Peguei um táxi, e cinco minutos depois achava-me ao lado da agonizante.

Ela abriu os olhos; sorriu-me; e logo em seguida conseguiu dizer estas palavras, com doçura de mulher amante:

- Agora, sim.

E nada mais; fechou os olhos e adormeceu...

\* \* \*

Aquele acontecimento perturbou meu espírito. Voltava a pé, matutando e perguntando-me: Que queria pedir-me? Continuei caminhando, extasiado. De repente, parei em frente ao edifício onde está meu consultório. Um desejo invencível de entrar se apoderou de mim; quis subir por um momento; fiquei impressionado. Depois iria dormir. Sim, é o melhor. Abri a porta da rua. Subi as escadas; abri a porta do consultório, entrei, girei o interruptor da luz e... vi uma formosíssima mulher com um corpo vaporoso ou constituído por algo transparente como o cristal. Estava na cadeira de minha escrivaninha. Era Isabel? Era uma visão?

Limitei-me a fitá-la. Ela me sorriu; de seu sorriso fluíam felicidade e satisfação.

Ela me falou:

- O terceiro favor que lhe peço é este: ‘os vivos têm muitos médicos, os mortos, nenhum; seja o senhor o médico dos mortos’.”

## A TRAGÉDIA HERÓICA

A vitória tem muito de álcool e embriaga rapidamente. O efeito da bebida alcoólica desaparece no dia seguinte, porém a bebedeira da vitória só tem remédio na derrota.

\* \* \*

Ibraim Pachá, filho de Mohamad Ali, vice-rei do Egito, era um hábil guerreiro, bom administrador; porém, cruel com seus inimigos. Notabilizou-se na luta contra a Grécia, em seguida derrotou os turcos e hoje pensa em conquistar a Síria. Reuniu seu equipado exército e dirigiu-se, como uma praga de gafanhotos, à Palestina. Conquistou a parte sul e continuou devastando até o norte; chegou a Karak, povoado e província que se acha na Transjordânia.

Karak naquele tempo já não era o refúgio dos cruzados, aquele ponto invulnerável ao inimigo onde se refugiavam os francos depois da derrota na Palestina, a fim de preparar um novo plano de ataque.

Karak era um povoado não muito grande, construído no alto de uma montanha, rodeado, ao sul, a oeste e ao norte por fundos vales que incutem medo no coração mais valente ao passo que ao leste se parece com a corcova de um dromedário, que, apesar de sua elevação, inclina-se gradualmente para unir-se com o resto do corpo, que é Hurã.

Quando contemplado desde o Mar Morto, Karak assemelha-se a um duende das “Mil e Uma Noites”, que se eleva do chão até o céu...

Ibraim Pachá, embriagado com o vinho da vitória, chega à província, mas ainda não chegou ao Karak.

O crepúsculo derrama sua obscuridade sobre a Terra; os pastores nos vales do Karak instigam seus rebanhos para que voltem aos seus redes; os cachorros, amigos fiéis dos pastores e dos rebanhos, ladravam à direita e à esquerda para assustar um carneiro ou uma vaca gulosa que tivesse parado para arrancar uma erva fresca como sobremesa. A lua levantava a cabeça por trás da montanha, como um ladrão que espreita o sono de suas vítimas.

Para o lado do leste se levanta também, sobre uma colina e ao lado do caminho, uma tenda de chefe de tribo – Ibraim el Gassani – um autêntico descendente, em linha direta, dos gassânidas, antigos reis de Hurã.

Em frente àquela tenda, brilhava o fogo que atraía os transeuntes fatigados, a fim de repousarem na tenda do chefe e desfrutarem a generosidade dos árabes.

Um moço moia café num recipiente, aromatizando-o com o cardamomo, de maneira rítmica e hábil que convidava todos a saborear aquela deliciosa bebida.

Todos os moradores do povoado dirigem-se para lá e em seus olhos brilha a admiração pela generosidade do seu chefe, e seus corações proclamam obediência e amor por ele.

Todos se sentam, em silêncio.

A gusla quebra o silêncio.

A voz do artista cego canta a lembrança dos heróis passados; elogia sua heroicidade, seu combates, seus triunfos e sua morte gloriosa.

E, em seguida, o cantor toma um gole de café para continuar sua apresentação, mas desta vez rememora o amor puro dos árabes, que dignificava a juventude, o artista é cego, como Homero, mas é um poeta inteligente que, por sobre as asas da sua imaginação, elevava ao ideal supremo todas as mentes dos presentes.

Novamente reina o silêncio.

É o momento da refeição.

A generosidade dos árabes assume caracteres gigantescos à hora da comida. Para cada hóspede, degola-se um carneiro.

Os carneiros são cozidos num recipiente grande, e ao caldo junta-se uma quantidade de arroz suficiente para a refeição de todos os presentes e para os criados.

Quando tudo está cozido, coloca-se no *mensef* – um recipiente enorme de metal ; sobre o arroz colocam-se pedaços do carneiro, o qual permanece com a cabeça intacta. Por fim, sobre a comida, despeja-se manteiga batida e derretida com açúcar.

Por volta das oito da noite, entraram seis criados que carregavam o *mensef* e o colocaram no meio do aposento;

Eram seis cabeças de carneiro dispostas em cima de uma grande porção de arroz.

Lá fora, o fogo aumentava a chama convidativa.

Lá dentro, o chefe convidava os hóspedes para comer, com esta frase:

- Deus seja convosco; é nossa possibilidade.

Os presentes se levantavam dizendo:

- Abundante possibilidade.

De cócoras, reúnem-se ao redor do *mensef*, primeiro os hóspedes, em seguida os anciões da aldeia e depois os demais, por categoria. Nestas refeições, não se usa nenhum dos instrumentos do Ocidente, como colheres, garfos e facas. Todos pegam a comida com os dedos, mas com tamanha destreza que nunca sujam as roupas.

Os hóspedes comem com prazer e satisfação. Chega um ginete montado numa camela. Os criados correm para amarrar o animal e dizer-lhe:

- Deus esteja contigo. Bem-vindo seja o hóspede. Bendita seja a hora dos hóspedes.

O hóspede entra e cumprimenta com uma única palavra que significa:

- Quem sou eu diante deles?

Eles respondem com uma só palavra que significa:

- Um deles.

Em seguida, levanta-se um deles, pretextando estar satisfeito, para ceder o lugar ao novo hóspede. Ele come com os demais, que, embora satisfeitos, simulam que comem até que ele tenha terminado.

Todos retornam em silêncio aos seus lugares; serve-se o café e, enquanto o saboreiam, o novo hóspede lança a novidade:

- Exército, senhores, exército! Uma potência dirige-se ao nosso país. Uma potência que quer privar-nos de todos os nossos bens, de nossas mulheres e famílias.

A notícia cai como uma bomba de várias toneladas.

Nervosismo entre os presentes.

Rostos pálidos.

Cochichos.

Lábios apertados.

Olhos cravados num objetivo.

- Potência! Exércitos! Malditas as potências e os exércitos e maldito seja Ibraim Pachá!

- Silêncio! – ordena Ibraim el Gassani.

A voz do chefe era como um trovão ou como uma tempestade. Ibraim el Gassani, conforme dissemos, descendia dos reis gassânidas: homem alto, calvo, de olhos grandes e



negros, de poucas palavras; em seu rosto estavam pintadas a coragem, o mando e a nobreza, herança dos seus antepassados, os reis de Hurã.

Tinha barba negra e espessa, bigodes muito densos, nariz árabe, testa larga, sobrancelhas quase unidas. Seus lábios quase sempre apertados demonstravam um caráter muito forte. Era prudente, calado; raras vezes se irritava. Em seus lábios sempre se desenhava um sorriso, que revelava nele a simplicidade das crianças e a profundidade dos grandes homens, odiava a luxúria e a moleza.

Agora é ele quem fala:

- Que se passa com vocês, homens? Potência? Exército? Estão com medo? Deus está para tudo. Deixem que o cantor toque a gusla.

Volta o silêncio, mas um silêncio saturado de medo, de ira e de indignação.

Um ancião mordida os lábios com os dentes que ainda lhe restavam; seus olhos titilavam, era um ancião envolto numa capa velha; seu silêncio falava com mais eloquência do que suas frases. Não pôde agüentar mais e, como era tio de Ibraim, ousou dizer:

- Ibraim! Ibraim! Deus é teu e também do exército. Muito bem, bendito seja Deus; porém, a honra de nossas mulheres, Ibraim! Precisa de armas que a defendam; não necessita de orações. Sim, Deus é bom, mas é bom com todo o mundo. Devemos equipar os homens com as armas e depois confiar em Deus. Ibraim! Amanhã o passado será tarde; a honra de nossas mulheres não admite desculpas, nem se conserva com a negligência.

Os olhos de Ibraim incendeiam-se de ira.

As palavras do tio cheiram a medo diante dos estranhos.

Não podia descarregar sua cólera, porque respeitava a velhice do seu tio; engole em seco e fala docemente, aparentando uma calma que estava muito longe de sentir:

- Tio, que Deus te ilumine; tem confiança em Deus, que sempre impõe sua vontade. De que servem as armas sem a ajuda de Deus? O forte, sem Deus, é fraco, porque o triunfo vem de Deus.

O ancião engole sua cólera muita a contragosto. Cala-se contrariado. Ouve-se a gusla e o cantor cego volta a cantar:

É nossa esta região; nós somos seus donos;

Ninguém no-la arrebatou à força;

Aqui o chefe merenda, aqui almoça;

Aqui ninguém jamais perturba seus sonhos.

A gusla aumenta seu som. Os assistentes gritam com toda a força dos seus pulmões, repetindo o último verso:

“Aqui ninguém jamais perturba seus sonhos”.

Porém, depois daquele grito enfurecido, reina de novo o silêncio e então se ouve uma coruja.

Os cachorros uivam, uma galinha canta como um galo, os cavalos dos hóspedes batem no chão com os cascos, o bule de café entorna e apaga a vela, a Lua se oculta atrás de uma nuvem grossa e negra, um medo aterrador apodera-se dos assistentes.

Ibraim grita:

- Batam nos cachorros para que se calem!

Mas no mesmo instante entra um criado e anuncia:

- A égua “Kohaila” morreu.

Os presentes se encaminham para os seus leitos. Os hóspedes dormem tranquilos, enquanto Ibraim continua sentado, pensativo. Toma café de vez em quando, e o ardor do desespero lhe consome as entranhas e ofusca-lhe a mente.

- A guerra, os exércitos, os egípcios. Quem vêm buscar em minha casa? Malditos os ambiciosos que por amor à fama e à glória degolam seus próprios irmãos, mancham a honra das mulheres, assassinam as crianças inocentes e saqueiam todos os bens. Iluminai-me, meu Deus, para evitar esta undécima praga do Egito!

Levanta-se, dá alguns passos, sai da tenda, retorna, toma café de novo e volta a sair e a entrar... Está como um louco que não se dá conta do tempo nem de seus atos.

- A guerra – torna a dizer! – Maldita seja a guerra e maldita seja a ambição desmedida do homem. Ibraim Pachá, o cruel, o assassino. Entrego-te todos os meus bens e até minha própria vida, mas respeita a vida das crianças, dos velhos e a honra das mulheres. Mas tu, Pachá, és duro de coração e sem entranhas. Tu és como o gafanhoto que não respeita sequer a própria mãe.

Finalmente, cansado de tanto pensar e andar, deita-se no chão, perto do fogo e da cafeteira.

Suas pálpebras se tornam muito pesadas; fecha-as para meditar melhor e dorme nada mais que um minuto; mas, durante este lapso de tempo, sonha. Que horror! Ibraim Pachá entrava na tenda onde ele se achava, arrancava-lhe o coração do peito, partia-o em dois, em seguida derramava sobre os dois pedaços de alcatrão e os jogava ao fogo.

Ibraim el Gassani saltou do seu sonho esbaforido, tremendo e murmurando:

- Que Deus me livre! Que Deus nos livre!

Sai da sua tenda e grita, com voz aterradora:

- Ó árabes, vamos ao Karak!

Não se passara um minuto e todos estavam de pé, carregando as tendas no lombo das camelas.

Ibraim observa todos e grita:

- Ide adiante, que vos seguirei.

Em seguida voltou para junto dos seus dois únicos filhos e disse:

- Cid, vai avisar os pastores no vale norte, dizendo-lhes que voltem imediatamente; e tu, Ali, avisa os do oeste. Já, sem demora.

A aurora vinha descendo aos pulos sobre as montanhas. Os hóspedes se levantaram e despediram-se agradecidos. Ibraim despediu-se deles, sorrindo. Toda a tribo desfila em direção ao povoado e, antes do nascer do Sol, o único que permanecia naquele lugar era Ibraim el Gassani.

Continuou naquela paragem, silencioso, com o cenho franzido e meditativo.

Esperava a volta dos seus dois filhos Cid e Ali, junto com os pastores, para levar a todos até o Karak.

Continuava ensimesmado em seu lugar, brincando com os raios penetrantes do grande Arqueiro, o Sol. As horas despediam-se do relógio eterno. Meio-dia, tarde, ocaso.

Sente a alma oprimida, sente nostalgia.

Distingue um pastor que vem correndo e quase desfalecido pela fadiga e pelo calor. Chega. Ibraim corre ao seu encontro para segurá-lo. O pastor diz:

- O rebanho caiu em mãos de Pachá. Também Cid e Ali. O conquistador lhe manda dizer que ele e seu exército querem entrar no Karak. Ele saqueou o rebanho. Cid e Ali são reféns. É um exército insaciável. Esta carta é do Pachá para o senhor.

Ibraim abre a carta que tinha apenas duas linhas e dizia o seguinte:

“Ao chefe do Karak: Ibraim el Gassani.

Tens que entregar o Karak. Obedecer-me-ás com teus homens; senão, queimarei teus dois filhos.

(assinado) IBRAIM”

Um terror intenso se apodera de Gassani; com os lábios apertados, afoga um queixume. Os olhos emitem raios; ergue a cabeça para o céu como quem toma o firmamento por testemunha da barbárie dos homens.

Depois de aspirar profundamente, diz ao pastor com voz entrecortada:

- Tu... descansas aqui... esta noite... Amanhã irás ao povoado.

Dirige-se agora à sua égua e monta-a com um salto. Parece que o nobre animal compreendeu o desejo do seu ginete e saiu disparado como uma flecha...

O chefe cravou seus olhos no horizonte, perdeu a noção do espaço e do tempo. Sua mente monologava.

- Entregar o Karak. Obediência com teus homens. Senão, queimarei teus filhos. Em seguida, com o Karak, a honra das mulheres. A liberdade dos meus e a dignidade se acham num prato da balança e, no outro, a vida de Cid e Ali.

Que devo fazer? Comprar meus filhos pela maldição eterna e a desonra, ou vê-los assados?

Meu Deus! Será que os homens serão tão desnaturados? Não posso, meu Deus, não posso. Eu amo o Karak, amo a honra e prefiro a morte à desonra...; Mas, meus filhos Cid e Ali...

Em seguida sua mente começa a repetir o poema de Assamaual:

Se não endoa sua honra o ser humano,  
 todo vestido é digno e é formoso  
 Quem não suporta a dor da alma  
 não é digno de louvor nem de elogio.  
 Elias moteja e diz: sois poucos,  
 e eu lhe respondi: poucos são bons.  
 poucos e defendemos o vizinho  
 e muitos o abandonam à sua sorte.  
 Nosso forte refugia o perseguido;  
 Porque diante dele se inclina o olhar.  
 Morrer pela honra não é desonra,  
 por isso nós morremos e outros vivem.  
 Por dignidade buscamos morte digna,  
 e outros vivem indignos longa vida.  
 De morte natural nunca morremos,  
 e sempre nosso sangue foi vingado.

Sobre espadas vertemos nossas almas,

coragem e honra nos legam pai e mãe  
 Das dignas espinhas vertebrais  
 descendemos, buscando ventres nobres.  
 Em generosidade somos a chuva,  
 nenhum de nós é avarento.  
 Negamos se queremos o que dizem.  
 Ninguém tenta negar o que dizemos.

Enquanto a égua de Ibraim el Gassani continuava seu galope desenfreado, ele relembrava aquela poesia.

Repetia cada verso quatro ou cinco vezes e a cada vez descobria novos significados e novas idéias.

Era pequeno e já decorara aquele poema, porém agora o achou muito diferente.

Lá de sua fortaleza, Assamual tinha visto a morte de seu filho por não entregar as couraças de seu amigo, o poeta Imru el Kais, aos inimigos deste; e agora ele, Ibraim el Gassani, contempla também a morte de seus dois filhos, de seu coração dividido em dois, por não entregar o Karak a Ibraim Pachá.

Assamual sofre a morte de um só filho; ele sofria a morte de seus dois únicos filhos.

Assamual não entregou a propriedade de um amigo; e ele não pode entregar a honra e os bens de um povo.

Certamente o sacrifício é duplo, a responsabilidade é muito maior.

Ele, como pai, pode suportar aquele terrível golpe; mas e a mãe?

\* \* \*

Meia-noite.

A égua, banhada de suor. Entrou com seu ginete no Karak; parece que aquela égua de pura raça árabe sentia o calor do desespero de seu dono e soltava um pouco daquele calor com as centelhas que seus cascos produziam.

Ibraim chega à sua casa; de um pulo, apeia. Corre para a porta, abre-a e grita:

- Alia, Alia.

Alia, sua esposa, chega depressa; uma mulher alta; possuía nos olhos todo o significado da feminilidade. Todos a respeitavam por sua pureza e nobreza de alma. Sempre estava sorridente, mas ninguém a vira alguma vez às gargalhadas. Era mãe para os pobres e irmã para os doentes e necessitados. Nunca dormiu antes de seu marido e nunca se queixou de nada com

ele. Era uma mulher ativa e paciente; seus conselhos sempre forma cheios de sabedoria para seu marido, e ele, amiúde, a consultava.

Alia entra no aposento e logo percebe o desespero de seu marido, e lhe diz:

- Ibraim, carregas sobre ti as desgraças do mundo! Pelo amor de Deus, dize: que está havendo?

- Alia – responde Ibraim. – Casei-me contigo porque és a mais nobre das mulheres. Casei-me contigo e nunca te traí, com a esperança de gerar filhos que defendam minha honra, e hoje Deus quis provar-nos. Este Pachá exige: ou entregar o Karak (tu sabes o que isto significa: entregar tua honra e a de todas as mulheres do Karak ao exército de Ibraim Pachá) ou ele sacrifica na fogueira nossos dois filhos.

Os homens vivem para defender a honra, e este cruel Pachá nos pede o que nos é mais caro que a vida. Qual é teu parecer, Alia, nesse assunto?

Alia responde:

- Ibraim, tu sabes melhor que eu. Por Deus... que significa a ida depois da perda da honra? É preciso sacrificar o dinheiro para conservar a vida, mas é preciso, também, sacrificar a vida para salvar a honra. Minha honra (que é, portanto, tua) e a honra das mulheres do Karak valem muito mais que a vida de nossos filhos Cid e Ali. Seja como for, nossos próprios filhos não aceitariam a vida ao preço de entregar o Karak. Diga ao Pachá que mate, se não quer aceitar o resgate.

\* \* \*

Na manhã daquele nefasto dia reuniram-se, ao redor da casa do chefe, todos os guerreiros do Karak, equipados e armados até os dentes.

Os comandantes pedem uma entrevista com Ibraim, Ibraim os recebe com a calma de quem, por meio de uma sentença, resolveu um problema.

Os comandantes dizem:

- Ibraim: devemos entregar a cidade para salvar teus dois filhos.

O chefe empertiga com toda a majestade seu corpo; crava seu olhar de fogo e com voz segura e penetrante exclama:

- Não! Juro por Deus. O chefe do Karak beberá a doçura e a amargura na mesma taça. O chefe do Karak arcará com todo o peso. O chefe do Karak saboreará o bem e o mal, sozinho, sem companhia. Ibraim el Gassani não é menos que Assamaul. Não percais tempo em procurar convencer-me. Não entregarei o Karak, ainda que queimem o céu em cima de Cid e Ali...

Ide preparar-vos para morrer. Todos devemos morrer. Famílias? Vida? – não têm nenhum valor para mim. A honra está acima de tudo. Ide defender vossa honra, se não quereis que me suicide com esta espada. Cid e Ali servirão de holocausto por nossa honra. O fogo do Pachá é preferível à desonra.

Ide preparar os homens: que todos se armem; até a mulheres têm que ser armadas. Ide cantar e dançar, como faziam nossos antepassados antes do combate; hoje é dia de alegria e festa.

\* \* \*

O grito chega até o céu. Cantos, danças, detonações no ar. Todos os habitantes do Karak ficam tomados de histeria e loucura.

Um mensageiro de Gassani vai ao Pachá com estas palavras:

- Mata, queima, porém não entrarás no Karak.

Velhos e jovens, homens e mulheres, se preparam para defender a cidade.

\* \* \*

Qual onda de um mar furioso, o exército de Ibraim Pachá se lança à conquista.

A voz de Gassani retumba como um trovão:

- Fogo!

Em seguida se dirige às mulheres:

- Lançai as rochas.

Suas ordens foram cumpridas religiosamente. Sua gente, com uma coragem inaudita e com uma serenidade assombrosa, descarregavam sua carabinas; as mulheres, com a raiva da indignação, empurravam as enormes rochas que se desprendiam de seus lugares como uma maldição sobre os soldados e os varriam como vassouras.

O fragor era ensurdecedor; o eco dos vales repetia o grito de dor, as mulheres do Karak cantavam, e seu canto se parecia, pela raiva, com um aulido. A cortina de fumaça e a poeira ocultaram durante cinco minutos os vales e as montanhas. E finalmente aqueles exércitos que infundiram o medo em Istambul (Constantinopla) e inquietaram a Europa, recuaram espavoridos e derrotados diante da dignidade de uma pequena tribo de árabes, cujos corpos se encontravam desnudos ou seminus.

O Karak era a maldição que se precipitava sobre Ibraim Pachá que, cheio de cólera, reuniu de novo sua gente e ordenou o ataque.

Mais uma vez se ouviu a voz do árabe:

- Fogo! Lançai as rochas!

E desta vez só se salvou daquela descarga aquele cuja hora não chegara. Em seguida reinou um silêncio sepulcral.

Depois se ouviu uma voz no exército do conquistador, que gritava:

- Ibraim el Gassani, olha o fogo que devora teus dois filhos.

Ninguém pronunciou uma sílaba. Todos engoliram suas dores. Ibraim el Gassani soltou uma gargalhada, enquanto seus olhos derramavam uma torrente de lágrimas.

Este caso ocorreu pela primeira vez na história da Psicologia. É certo que o homem pode chorar na tristeza e na alegria; porém, nunca se viu ninguém chorar e rir ao mesmo tempo.

Com o dorso da mão limpava os olhos velados pelas lágrimas para enxergar melhor, e sua gargalhada era repetida pelo eco dos vales.

- Ah! Ah! Ah! Ah! Ibraim Pachá, o fogo em teu coração é muito mais ardente que no meu. Ibraim, o cruel, tua derrota é o castigo de tua crueldade. Ibraim, o sanguinário, te fiz despertar de tua embriaguez pela vitória. Ibraim, eu te fiz morder a terra e te obriguei a cheirar o esterco.

Limpa de novo as lágrimas ao ouvir o grito de seus dois filhos:

- Papai, não entregue o Karak.

A voz do pai troou:

- Nãooooo. Juro por Alá, juro por Cid e Ali. Ibraim, o inumano, não entrará no Karak. Alia! É nosso dia; é dia de festa. Por que não cantas?

Alia se levanta e, como uma leoa, grita com a voz da alegria, que as mulheres árabes usavam nos seus casamentos e festas:

- I, i, li, li, Liiiiiii.

E todas as mulheres do Karak repetiram a mesma sílaba de alegria.

\* \* \*

Daí a uma hora, o resto do exército de Ibraim Pachá tomava o caminho do oeste, dizimado, desconsolado e derrotado como um cachorro, que, depois de ver frustrada a sua tentativa, mete o rabo entre as pernas e late.



Com a derrota do inimigo, Ibraim el Gassani deixou de rir, mas deixou também de chorar e voltou ao seu estado normal.

Alia continuava cantando; as mulheres repetiam suas estrofes. Os homens observaram o chefe e esperavam suas ordens.

\* \* \*

Durante o outono de 1919 tive que passar vinte dias no Karak.

A maioria dos homens da nova geração se chamava Ibraim ou Ali ou Cid ou Alia.

Quando perguntei a razão desse fenômeno, um ancião me relatou a história que contei linhas atrás...

